

Joelmir Beting denuncia: a poluição é um grande negócio em São Paulo

Página 7

POLÍCIA

PÁG. 8



Elza Leoneti já sabe onde vai passar o reveillon: na cadeia.



Diretor-Editorial: SAMUEL WAINER

SÃO PAULO

ESPORTE

PÁG. 23



Alberto Helena revela: Rivelino pode abandonar o futebol.

Ano 1 * Número 2 * São Paulo, de 20 a 26 de novembro de 1975 * Cr\$ 5,00



Arrobas Martins a Samuel Wainer:



1 Caudilhismo morreu com Janio e Ademar

2 Política, nosso problema número um

3 Qualquer João da Silva teria os 5 milhões de votos do Quercia

Arrobas Martins, Chefe da Casa Civil, afirma e reafirma ao repórter Samuel Wainer o que enunciou em seu famoso discurso de posse: urge encontrar solução para nosso problema político. Páginas 3 e 4.

Itala Nandi volta ao palco e à briga:

FICO NUA PARA DEFENDER MINHAS IDEIAS



Até onde o nú é obsceno ou simplesmente uma manifestação de arte, até onde o nú é um expediente de bilheteria ou uma forma de protesto social ou político? Itala Nandi, de volta aos palcos paulistas, defende o nú e repele críticas de Abilio Pereira, outra glória de nosso teatro. Página 48.

SAMUEL WAINER

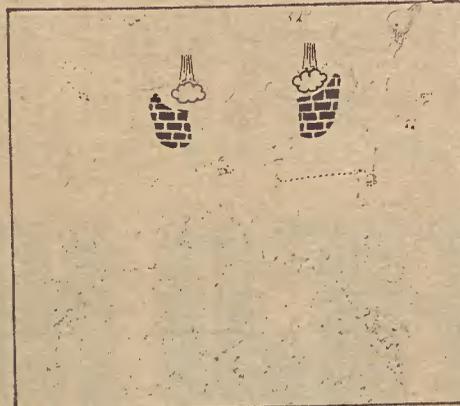
A implosão paulista não pode parar

Para uma comunidade que soube reunir os recursos técnicos e financeiros, além da imaginação criativa de sua administração pública, de que resultou o admirável e também didático espetáculo da implosão do Edifício Mendes Caldeira, nada deve parecer imprevisível, impossível, definitivo.

Não vamos exaltar uma vez mais o banho de cobertura de nível internacional proporcionado pela TV Globo, pois, em si, o espetáculo, além da sua beleza plástica, pouco tinha a oferecer ao homem para quem a descida de seus semelhantes na lua já é assunto de rotina. O importante sobre o espetáculo da Praça da Sé está concentrado muito mais no comportamento controlado e sereno do público paulista, que acompanhou uma das mais arrojadas realizações técnicas do mundo com a naturalidade de um acontecimento cotidiano; é a audácia da nossa administração municipal que introduziu no País um dos mais modernos processos de demolição do século, agora já em vias de utilização no Rio; é a segurança de que a aplicação aparente de recursos elevados resulta mais de uma vez em economias

que a rotina e a timidez habitualmente temem violentar.

Está de parabéns a nossa Capital. O sr. Olavo Setúbal marcou um belo tento. Os "rapazes" do grupo técnico que montaram a operação, podem estar orgulhosos. O essencial, entretanto, é não cair na



empolgação e deixar de lado os exemplos e as lições que acompanham esta prova do que pode ser alcançado com a técnica moderna. E falar menos de visões apocalípticas de uma São Paulo inabitável, e falar mais em soluções tecnológicas para

seus problemas que não são mais nem menos graves do que os de outras grandes capitais do mundo. E pensar menos em misteriosas siglas de um "economês" já mais desmoralizado que o nosso antigo pedantismo bacharelesco, e falar mais na necessidade de encontrar saídas mais práticas e urgentes para os nossos problemas sociais.

Em suma, deixar de lado as vagas fórmulas filo-sociológicas que usam e abusam do "slogan" da valorização do homem, quando o essencial é agir como homem, é reconhecer que a imperfeição é condição humana e que São Paulo, com todas as suas imperfeições atuais e futuras, seguramente possui em si mesma as condições essenciais para se tornar mais humana, mais tolerante, mais confiante. É só saber usar melhor os seus recursos, é só transformar a violenta explosão em que se vem desenvolvendo seu salto para o futuro numa segura e eficiente implosão como a que acaba de permitir ao Prefeito Olavo Setúbal o enunciado desta promessa: "Dentro de dois anos, a Praça da Sé será um dos mais belos recantos de nossa cidade. E isto tudo à base de verde e água".

Pedroso Horta, ou o dever de insistir

Ao despedir-se, já doente, de suas atividades parlamentares, Oscar Pedroso Horta fez um discurso pessimista. Ele confessava seu desalento por não enxergar nenhum sinal próximo da restauração do Estado de Direito no Brasil. "Cumpre-nos, porém, o dever de insistir", dizia.

Domingo, ao morrer, talvez ele já pudesse vislumbrar uma réstea de luz no fim do túnel. Depois de marchas e contra-marchas, o Governo retoma o processo da chamada distensão. Reabre-se o debate na busca de um modelo que permita afinal conciliar o desenvolvimento político com os problemas da segurança interna.

O debate é vasto e espera-se que resulte útil. São muitos que falam e sugerem fórmulas e caminhos. Mas houve um tempo em que muito boquiroto de hoje permanecia mudo e quedo, por acomodação ou simplesmente medo. A palavra política era uma palavra maldita e parecia banida irremediavelmente. Nesse tempo havia uma voz que se levantava sozinha e corajosa: a de Oscar Pedroso Horta. Em nenhum momento ele concordou em calar. Como líder da Oposição na Câmara Federal, usou sua inteligência e cultura para um combate sem trégua em defesa da liberdade e dos direitos humanos. O MDB creditou sua vitória estrondosa de um ano atrás a esse liberal incansável, descendente de velhos troncos paulistas. Um dia o país vai creditar o desenvolvimento que houver na área política à atuação de Oscar Pedroso Horta, à sua tenacidade a capacidade de insistir.

Múcio Borges

6

DINHEIRO

É tudo absolutamente legal: começando com o seu salário — e só com ele — você pode, em um ano, ganhar um milhão de cruzeiros. O mais importante: sem fazer força e sem correr o risco de ir parar na cadeia.

7

POLUIÇÃO



Joelmir Beting denuncia: a neurose da poluição já se transformou numa indústria em São Paulo. Várias fábricas vivem de vender equipamentos anti-poluentes, as indústrias químicas vendem sabões biodegradáveis, as imobiliárias anunciam a Foz do Iguaçu no Morumbi e a selva amazônica no Sumaré.

10

PESQUISA

Só uma coisa segura o paulistano em sua cida-

LEIA:

de: dinheiro. A classe alta gostaria de se mudar daqui para o Interior, a classe baixa para o Rio de Janeiro. Mas há quem vá para o campo e sinta saudade da poluição, como a publicitária Cristina.

12

CARTAS

Os leitores começam a concorrer ao prêmio semanal ao autor da melhor carta. E começam defendendo os homossexuais, atacando o prefeito, pedindo a volta do ex-prefeito.

13

DEBATE

Continua o debate em torno da pergunta do presidente Geisel: como conciliar uma televisão cultural com bons níveis de audiência? Desta vez quem responde é a crítica Helena Silveira.

17

BRASÍLIA

Edson Lobão fala dos

paulistas no Congresso: a ascensão de Faria Lima, o mais urbano dos deputados; o vôo rasteiro do jovem Cunha Bueno a denúncia de Frederico Brandão: nosso sindicalismo está à beira da falência.



18

METRÔ

Nas ruas da cidade, a violência. No underground paulistano, os passageiros do metrô encontram uma tranquilidade nunca vista em São Paulo. A violência ainda não chegou ali.

21

ANO 2000

Conseqüiremos viver em São Paulo nas próximas décadas? Dois grandes nomes dão as alternativas de sobrevivência na selva de asfalto: o secretário Jorge Wilhelm e o historiador Carlos Guilhaume Mota.

26

O IRREVERENTE DANIEL MÃS

Tião Maia e seus bois em Barretos, Juca Chaves e Clodovil no Bolinha, todo mundo no Plano's e Silvio's. O que faziam e diziam essas pessoas nesses lugares? Daniel Mãs conta tudo.

33

LEILAH



A última safra feminina de São Paulo é composta de dramaturgas. Leilah Assunção é uma das mais famosas e conta como começou: "No princípio eu escrevia com o útero".

39

COM JEITO

Ponha uma ficha de telefone no bolso e sobreviva sem problemas na cidade; teatro de graça, museu de graça. São Paulo com Jeito ensina você a dominar a cidade.

AQUI

DIRETOR EDITORIAL

Samuel Wainer

REDATOR CHEFE

Múcio Borges da Fonseca

SECRETÁRIO

Oséas de Carvalho

REDATORES PRINCIPAIS

Fernando Moraes, Takao Miyagui, Renato de Moraes, Daniel Mãs.

REDAÇÃO

Olavo de Carvalho, Inês Knaut, Hamlet Paoletti, Antonio Carlos Fon, Leda Beck, Neide Riccosti.

FOTOGRAFIA

J. Fernandes, Geraldo Guimarães, Sérgio Monte Alegre.

ARTE

Rui Douglas Cattai (Chefe), Assis Mendes de Carvalho, Valdir de Oliveira.

COLABORADORES

Abílio Pereira de Almeida, Walter Negrão, Roberto Santos, Ignácio de Loyola, J.C. Bitencourt, Joaquim Rodrigues Mathias, Joelmir Beting, Aparício Basílio da Silva, Lucila Simonsen Santos, Alberto Gambirazio, Edson Lobão, Jorge da Cunha Lima, João Werneck de Castro, Lucila Godoy, Martha Goes, Liba Frydman, Christina Hulten, A.C. Yasbek, Jean Perrier, Coca de Oliveira, Lucita Bicudo.

PUBLICIDADE

Jesus Costa Ourives, José Tadeu Foglia

RESPONSÁVEL

Armando Gonçalves

AQUI São Paulo é uma publicação da

Editora Swdalc Ltda.

DIRETORES:

Luis Carta.

Domingo Alzugaray.

Catia Alzugaray.

Samuel Wainer Filho.

Redação, Administração e Publicidade: Av.

Paulista, 2.006 - 15º andar. Fone: 288-1133.

Caixa Postal 1481, Endereço Telegráfico:

"Swdalc". Código Postal 01310. São Paulo.

SP. Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso, 63

- Grupo 517 - tel: 232.7352. Distribuição

Exclusiva: Fernando Chinaglia Distribuidora

S/A., Rua Teodoro da Silva, 907. Fone:

268.9112, Rio de Janeiro, RJ. Composto e

impresso na PAT - Publicações e Assistência

Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho

Pinto, 412. São Paulo, SP.

Retomando uma atividade que interrompera por razões estritamente profissionais, o repórter Samuel Wainer ressurgiu nestas páginas como o lúcido entrevistador político que sempre foi. O assunto: a liderança política nacional de São Paulo.

O entrevistado é o chefe da Casa Civil do governo do Estado, Arrobas Martins. Nesta entrevista exclusiva ao AQUI ele reabre o debate sobre a tese do Poder Moderador, de sua autoria, e fala sobre a principal questão nacional: a política.

POLÍTICA, NOSSO PROBLEMA NÚMERO UM



Arrobas Martins (à esquerda): "Nós temos que encontrar uma saída para os militares."

Samuel Wainer — Após o lançamento da proposição de um novo modelo político, que partira do próprio governador Paulo Egydio, logo após sua posse, veio a sua tese, sugerindo a criação de um Poder Moderador — também em seu discurso de posse como chefe da Casa Civil. Não seriam ambas as proposições uma forma indireta de reivindicar para São Paulo uma liderança política Nacional?

(A resposta veio com a rapidez de quem já esperava por tal pergunta).

Arrobas Martins — Não, meu caro Wainer. Eu acho que essa liderança política vem sendo imposta a São Paulo mais de fora do que de dentro. Eu gostaria que São Paulo tivesse tido consciência mais nítida e concreta de suas responsabilidades políticas para com o Brasil e tivesse assumido, há mais tempo, por si mesmo, essa liderança. Agora são líderes e correntes políticas de outros Estados que estão chamando São Paulo à responsabilidade. O último convite acaba de partir do professor Afonso Arinos de Melo Franco, que se

reveste da grande autoridade que todos lhe reconhecem e que para mim é de uma autoridade até afetiva, dados os laços de amizade que nos unem há muito tempo.

(Após uma digressão mais longa sobre a afirmação do ex-chanceler e ex-senador Afonso Arinos — "A iniciativa e a liderança econômicas de São Paulo são os melhores instrumentos, senão os únicos, de que dispõe o país para restaurar o federalismo republicano" — ele prossegue).

Arrobas Martins — Espero que São Paulo não fuja e saiba corresponder às responsabilidades políticas de que o resto do país o está investindo.

SW — Mas, Dr. Arrobas, uma pergunta, porém, se impõe: disporá São Paulo de lideranças próprias internas para poder assumir as responsabilidades que lhe estão sendo impostas de fora ou terá São Paulo que aguardar o ressurgimento de lideranças carismáticas tipo Ademir ou Jânio, ou desse novo gênero, tipo Quéricia?

AM — Nada disso. Eu acho que a liderança de São Paulo vem mais das idéias e princípios que hoje encarna. Eu creio que pelo menos em São Paulo não há mais possibilidade de volta ao velho tipo de caudilhismo à la Adhemar ou Jânio. Esses dois foram os últimos representantes de um coronelismo herdado do regime patriarcal do Brasil. O próprio Getúlio Vargas, que foi, no âmbito nacional, o grande coronel, o grande pai de todos, nem ele, com toda a sua habilidade política, conseguiria hoje repetir seu êxito na mesma base política. Adhemar e Jânio foram resquícios desse coronelismo, um sentimento que partia de um povo que precisava de um pai que defendesse seus interesses. Acho que o povo paulista possui hoje outros canais, outros instrumentos, muito mais modernos e atuantes, para lutar em defesa de seus interesses.

SW — E como explica o fenômeno Quéricia?

AM — O fenômeno Quéricia não é e

não foi um fenômeno pessoal. Não foi Quéricia o vitorioso. Qualquer candidato a senador, pela oposição, receberia os votos que Quéricia recebeu. Se fosse qualquer outro João da Silva da esquina também seria eleito pelos cinco milhões de votos...

SÃO PAULO, UMA ILHA CERCADA DE SUSPEIÇÃO

(A entrevista prossegue com certa celeridade. Apesar das amabilidades e o charme do chefe da Casa Civil — "não, meu caro Wainer, para um repórter como você a gente sempre tem tempo" — lá fora a fila de gente aumenta e o aviso de que Arrobas Martins está sendo esperado pelo governador vem pela segunda vez — as respostas do entrevistado não se revestem nem de impaciência, nem de hesitações. O homem está bem preparado). **SW** — Mas, Dr. Arrobas, não há certa contradição entre sua afirmação de que lá de fora vêm apelos para que São Paulo

“Política sem os militares? Uma utopia”.

assuma seu papel de líder político nacional e a seguinte situação: no alto comando partidário da Arena, desde a presidência do partido, até as presidências da Câmara e do Senado, assim como nas lideranças parlamentares, não há um só paulista?

AM — Sim, isso pode parecer uma exclusão, mas não é bem assim. Todo mundo sabe que a revolução de 30 representou uma ruptura entre o passado e o que veio depois. Até 1930 São Paulo, desde os fins do Império ao início da República, detinha a liderança política do país. E se São Paulo soube conquistar essa liderança foi porque, em nome dos interesses reais dos paulistas, representava até certo ponto os interesses nacionais de todo o Brasil. Sendo o Estado mais adiantado na estrutura agrícola do Brasil, São Paulo, na sua qualidade de maior produtor de café — o grande riqueza de exportação nacional — era como que o próprio País. E os políticos paulistas na época souberam ser São Paulo na Federação. Mas a partir de 1930 São Paulo perdeu a liderança, porque deixou de ser ele mesmo. Já não era mais aquele estado agrícola, já não era mais, ou pelo menos estava deixando de ser, aquela potência monocultora. Passava a ser uma região de produção variada e que ingressava com muita rapidez na era industrial. E os políticos paulistas não perceberam isso, não souberam representar, pelo menos no início desta nova fase, os interesses paulistas na Federação. Essas alterações, assim como outros aspectos que a economia paulista vinha assumindo, repercutiram não só dentro de São Paulo, como provocaram certas incompreensões gerais lá fora.

SW — Que incompreensões foram essas? Afinal, foi São Paulo que se afastou do Brasil ou foi o chamado desnivelamento, criado pelo desenvolvimento econômico desigual, que fez com que São Paulo fosse transformado numa espécie de ilha cercada de suspeições por todos os lados, que fez, enfim, que suspeitas de colonialismo ou imperialismo interno fossem levantadas até no próprio Congresso Nacional, aonde São Paulo já foi acusado de maior truste econômico do País?

AM — Sim, essa situação está contribuindo fortemente para um clima de ressentimentos e suspeitas. Mas aqui também as culpas são recíprocas. Primeiro, São Paulo foi se alienando pouco a pouco, à medida que verificava que seus interesses na Federação já não eram mais tão bem representados e cuidados como antes. E passou a cuidar ele mesmo de seus interesses, já que na Federação não encontrava o apoio que estava habituado a encontrar. Por outro lado, à medida que São Paulo ia se distanciando economicamente dos outros Estados, criava-se no seio destes uma desconfiança normal em relação a São Paulo. Uma desconfiança que era também um pouco de ciúme, um ciúme nascido de setores que se achavam economicamente inferiorizados em relação a São Paulo. E uma tal sensação de inferioridade gera sempre ressentimentos. Combinaram-se então dois fatores: São Paulo, que se afastava para cuidar de seus interesses, já que não os via tratados com a atenção que desejava dentro da Federação; e os demais Estados que encaravam São Paulo com desconfiança, dada a grande desproporção de poderio que São Paulo ia adquirindo na



Federação. Com o evoluir dos acontecimentos, sem que qualquer das partes tomasse iniciativa para eliminar o equívoco, este distanciamento foi se agravando, chegando na atualidade a um ponto bastante sério, porque tudo quanto parte de São Paulo é hoje visto com desconfiança na Federação.

(Após uma pausa para comentário de vários episódios, inclusive alguns quase anedóticos, sobre as desconfianças que pesam sobre São Paulo no resto do País, tal como o ocorrido quando da tentativa de aquisição de um banco baiano pelo Bradesco, Arrobas Martins prossegue.)

AM — Não haverá solução para os problemas nacionais sem uma presença atuante, sem uma militância e, talvez, sem uma liderança de São Paulo.

O PROBLEMA NÚMERO UM DO BRASIL

É O PROBLEMA POLÍTICO

(A esse propósito o repórter acrescenta o seu testemunho, afirmando que a ascensão de Paulo Egydio Martins ao Governo de São Paulo criou inicialmente a seu redor, até mesmo no plano nacional, uma expectativa de um governo de tipo kennediano. Quando ele lançou a tese de um novo modelo político, tudo parecia indicar que São Paulo reassumiria no plano nacional a liderança política que havia perdido. E agora, quando o seu chefe da Casa Civil assume e lança a tese da criação do Poder Moderador, qual a coincidência de idéias e propósitos entre os dois?)

AM — Olhe, Wainer, a melhor coisa que ouvi sobre a expectativa que se criou em torno da ascensão de Paulo Egydio ao governo de São Paulo, foi a de que era uma expectativa de tipo kennediano. Quanto à minha sugestão do Poder Moderador, é óbvio que eu não a lancei sem conversar antes, a respeito, com o governador. Aliás, não é de hoje que converso sobre esses problemas com ele. Mesmo antes de se tornar governador eleito, nossas conversas se amiudaram muito. Mas a tese que lancei é de minha responsabilidade estritamente pessoal, de minha exclusiva responsabilidade individual. É claro que conversei sobre o assunto com amigos meus de todos os setores, tanto militares como civis. Eu não me considero o dono da verdade. Notei muita receptividade. Note-se que, quando digo receptividade, não quero dizer aceitação. Mas o que eu queria era isso

mesmo, eu queria agitar o problema, porque eu sentia que nós temos o dever de responder ao apelo do presidente Geisel. Quando o presidente apelou para a imaginação criadora dos políticos, ele demonstrou com grande lucidez que estava percebendo qual era o problema número um do Brasil. O problema número um do Brasil hoje é o problema político. E nós é que temos que procurar uma saída. Eu acho que minha idéia pode ser uma saída.

SW — Quer dizer que o importante mesmo era abrir o debate?

AM — Sim. Abrir o debate era procurar uma saída. Sim, porque nós temos que encontrar uma saída para os militares. Nem os militares se sentem bem na situação política atual, nem nós nos sentimos bem com a atuação política, ainda que extra-legal, dos militares. Mas, pensar em afastar no momento os militares da atuação política no Brasil, ou da responsabilidade política que eles assumiram, seria não só uma utopia, como um desastre para o país. Assim, cabe a nós procurar uma forma que permita a participação política dos militares de maneira a que eles se sintam bem, que nós nos sintamos bem e em que haja um perfeito entrosamento entre civis e militares. Esse entrosamento eu procuro colocá-lo dentro do conceito de um poder moderador em que militares e civis estariam convivendo normalmente.

SW — E se essa sua proposição tivesse partido de outro Estado, em vez de São Paulo, teria encontrado menos resistência em certos setores políticos?

AM — Sim, talvez. Dada aquela desconfiança, principalmente no seio dos políticos, em relação a São Paulo, uma tese como a minha seria recebida com certa oposição apriorística. Mas, por outro lado, uma tese levantada por São Paulo, por um membro do governo paulista, sempre adquire uma ressonância que outras não teriam.

(Nessa altura da entrevista, após uma pausa forçada por alguns minutos de ausência do chefe da Casa Civil, alguém recordou a reação causada pelas primeiras declarações formuladas pelo governador Paulo Egydio, quando afirmou que um dos objetivos que tinha em mira era dar a São Paulo no campo político nacional a mesma dimensão que ele ocupava no campo econômico. Retornando neste momento, Arrobas Martins complementou a observação).

AM — Não é só no campo político,

mas também no campo intelectual, que o governador Paulo Egydio quer dar a São Paulo a projeção que merece no plano nacional. Ele gostaria de fazer de São Paulo um campo de atuação cultural para todos os brasileiros. O seu plano de promover grandes encontros nacionais e internacionais de várias especialidades culturais em cidades como Campos de Jordão, Lindóia e outras, é um projeto em plena marcha.

SW — Que reflexos espera o governador obter dessa aproximação com os círculos culturais e intelectuais do país?

AM — Acho que será uma aproximação de grande influência. Os intelectuais são uma minoria, mas sua influência se exerce acentuadamente nos meios de comunicação, setores obviamente tomados por idéias liberais. Consequentemente, todo regime que não atenda a essa exigência de conteúdo liberal, sofre restrições por parte dos intelectuais.

SW — Todos esses projetos e intenções naturalmente, Dr. Arrobas, acabam por desembocar naquilo que, desde o início de sua entrevista, vem sendo apontado como o problema número um do Brasil, ou seja, o problema político. Alargando as suas observações para um terreno mais específico, qual o futuro que lhe parece estar destinado a nossos partidos políticos?

AM — Nesse ponto não há muitas alternativas. Ou a ARENA toma consciência de que é um partido definitivo e passa a lutar para adquirir a sua indispensável consistência partidária, ou teremos que partir para uma outra realidade, com a reformulação dos partidos. Isso se aplica também ao MDB, porque também ele não tem consciência de sua perenidade.

SW — E como sair desse impasse?

AM — O problema urge, por isso posso reafirmar-lhe que minha mais profunda inquietação reside na necessidade de uma reformulação política do país, uma reestruturação política imediata. Tudo o mais virá depois. Vamos primeiro dar uma estrutura básica ao país, senão não sairemos do impasse. De onde vem o meu temor? Teoricamente, é possível amanhã uma vitória eleitoral tanto da ARENA quanto do MDB. Portanto, não é impossível a vitória do MDB em 1978. De duas, uma: ou o chamado Sistema aceitaria a vitória do MDB e permitiria que ele assumisse as rédeas do Poder — e nessa hipótese teria que haver uma reformulação política, ou o Sistema não aceitaria a vitória política do MDB e teria que escorraçá-lo do governo. E nessa hipótese também teria que haver uma reformulação política. Então, antes que cheguemos eventualmente a esse impasse, não seria muito mais prudente e conveniente que encontrássemos desde já as saídas para esses problemas?

SW — E uma dessas saídas não poderia conduzir a um projeto de conciliação nacional?

AM — Sim, um entendimento em alto nível poderia ser útil, um apoio do MDB a uma saída política satisfatória também me parece útil. Quanto a união nacional, esta não me parece conduzir a qualquer saída, pois sempre seria tomada como uma união contra alguém, até mesmo de civis contra militares. E isso seria um desastre. Que não podemos permitir que ocorra.



VOANDO JUNTOS

Varig e Cruzeiro é, antes de tudo, gente que entende e gosta do que faz.

Quando duas empresas se somam, o resultado é mais gente para servir você ainda melhor.

Varig e Cruzeiro somaram-se. Uma experiência tradicional em serviços aéreos foi acrescentada à outra.

Você vai sentir em todos os detalhes o resultado dessa soma: dos horários mais flexíveis e das

conexões mais lógicas ao sabor de uma refeição e o preparo de um drinque.

Venha ver de perto o que essa gente é capaz de fazer para transformar um simples voo numa ótima viagem.

Em qualquer avião da Varig ou da Cruzeiro, você estará sempre entrando na mesma casa, para conviver com os mesmos amigos.

Consulte seu Agente de Viagens Iata/Embratur.

VARIG   **CRUZEIRO**

A maior experiência em voar Brasil



O esquema pode ser dividido em três etapas: conseguir algum dinheiro; escolher a casa conveniente; e manobrar com bastante habilidade. O processo chega a assumir um aspecto teatral. Mas é quase infalível: em dois anos, pode ser aplicado duas vezes.

COMO GANHAR UM MILHÃO SEM FAZER FORÇA (DENTRO DA LEI)

O negócio é comprar uma casa.

Não tem problema, se não há dinheiro. Para se fazer um bom negócio, nunca falta dinheiro. Ou antes: se não se consegue arranjar dinheiro para se realizar um negócio, o negócio não é bom.

O importante, aqui, é a casa. Não se trata de uma casa qualquer. Uma casa qualquer, todo mundo compra. E negócio que todo mundo faz não é o negócio ideal.

Este negócio se desenvolve em três etapas distintas: conseguir um mínimo de dinheiro; escolher uma casa nas condições que interessam; fechar o negócio de maneira hábil. Assim se ganha um milhão.

Como Conseguir Dinheiro

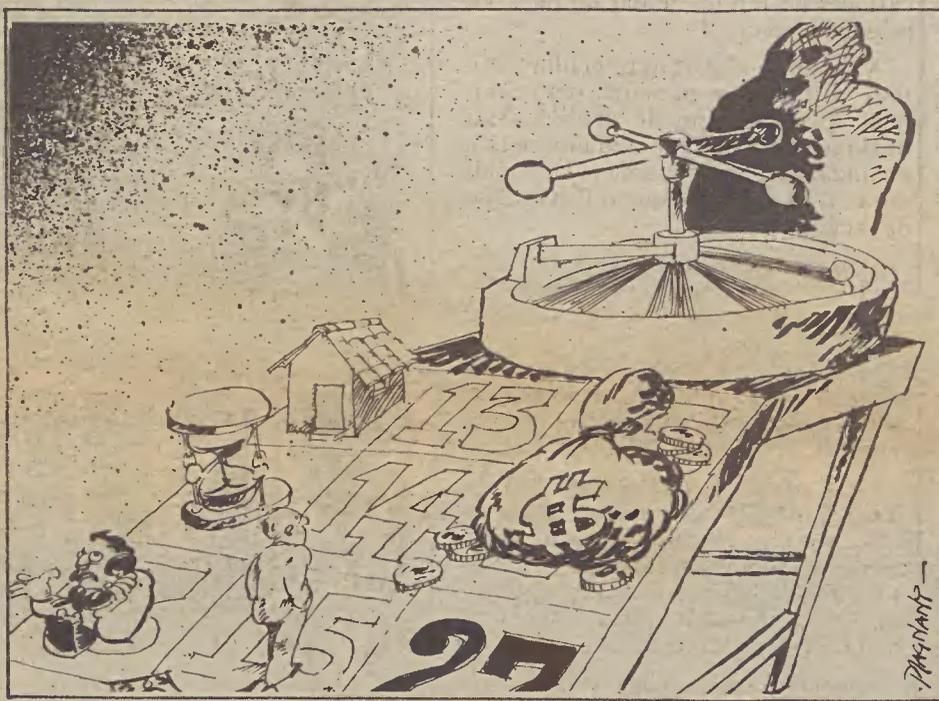
Quem está empregado tem um salário. Salário serve de garantia bancária. Com um pouco de jeito, o gerente da agência do banco onde a gente recebe no fim do mês acaba deixando sair um papagaio da gaiola. Há mesmo algumas firmas que têm acordos com os bancos com que trabalham: elas movimentam uma conta gorda no banco, e o banco empresta aos funcionários dela até três vezes o salário de cada um.

Além do salário, a gente tem uma imagem de bom pagador. Os nossos amigos, os nossos compadres, os nossos conhecidos sabem que acabamos sempre pagando aquilo que devemos, apesar dos períodos difíceis que atravessamos, vez por outra. Essa imagem de bom pagador também é garantia. O que não podemos é pedir dinheiro ao amigo, ao conhecido, ao compadre, sem lhe pagar o juro que ele pedir. Negócio é pagar primeiro, e depois receber mais do que se pagou. Não importa assim tanto a quantia que se paga, o que importa é que ela seja menor do que a quantia que se recebe. Portanto, em princípio, o dinheiro que se pede deve sempre ser pago, e com juros.

Tem mais uma fonte de dinheiro: o agiota. Se alguém não conhece um, há um amigo que conhece. Afinal, agiota não é animal feroz. É um homem de negócios, que faz aquilo que todo mundo pretende fazer: ganhar o mais que pode. O dinheiro dele serve para negócio, na medida em que nos traga mais lucro do que o juro que custa. Agiota vai ao banco e tira empréstimo a três, para emprestar a dez; nós apenas teremos que obter lucro de vinte, com o dinheiro que o agiota nos empresta a dez.

Ainda tem mais soluções para se conseguir dinheiro emprestado. Há, por exemplo, a Financeira. Ela não pode emprestar, mas pode financiar bens de consumo. Um amigo que tenha uma loja pode nos passar uma fatura de mobília, fogão, geladeira, televisor ou automóvel. Para pagar essa mercadoria, que a gente finge que comprou, a Financeira já pode emprestar. O dono da loja recebe e passa para a gente.

Em caso de necessidade, resta ainda o recurso da viagem de volta ao mundo. Compra-se uma passagem de avião, dando uns tostões de entrada. A Agência de Viagens pendura a conta num banco ou numa Financeira, para o cliente ficar pagando em suaves e intermináveis prestações. Feito isso, escreve-se uma carta à Agência, dicen-



do que um ataque de cirrose nos impede de viajar e que pretendemos desistir da viagem. Como o financiamento já foi feito, não vale a pena desfazê-lo. A Agência vende a viagem a outro cliente, devolve o dinheiro à gente (menos uma percentagem que constitui o custo da operação) e fica-se com, pelo menos, 24 meses para liquidar perante o banco ou a Financeira.

Não é problema, portanto, conseguir trinta ou quarenta mil cruzeiros, para entrar num negócio que dê lucro de um milhão.

Para Que Serve o Dinheiro

Em todos os programas de televisão há um comercial de banco anunciando que empresta aos seus fregueses três vezes o seu saldo médio. Então, pega-se o dinheiro que se pediu emprestado e faz-se saldo médio num desses bancos. Quem emprestou espera os 90 dias necessários para que haja um bom saldo médio. Com quarenta mil cruzeiros, pode-se pedir ao banco a soma já razoável de 120 mil. E, com 120 mil, em dinheiro vivo, dentro do bolso, quem não pode partir para a compra de uma casa?

Depois de se pagar o empréstimo que serviu para fazer o saldo médio, ainda fica muito capital para negociar a casa. Além disso, melhorou-se ainda mais a imagem de bom pagador que já se tinha na praça. Não importa quanto isso custou, em juros, pois a seu tempo cobraremos de alguém esses juros. Desde que se venha a receber mais do que se pagou, não importa se a quantia paga foi alta.

A Casa Que Convém

Está na hora de escolher a casa que nos convém. Casa, de preferência a apartamento, porque é mais fácil de passar adiante em qualquer altura. Mas não uma casa qual-

quer. Há muita gente que tem casa financiada pelas Caixas Econômicas, ou pelo BNH. Muita dessa gente, por motivos que não vêm ao caso apreciar aqui, deixou atrasar as prestações. Muita gente mesmo. Milhares e milhares de pessoas.

Quando chega o limite de dois anos de prestações em atraso, o BNH, ou a Caixa Econômica, ou seja lá quem for que financiou a casa, acaba vendo-se obrigada a levantar uma ação no tribunal, para recuperar o imóvel. Ao sentir que essa hora se aproxima, o dono da casa principia a ficar nervoso. A esposa, que toda a vida sonhou com "um teto", vai ficar sem a sua querida casa. Dinheiro para pagar as prestações, não há. O contrato, que era, digamos, de dez anos, já passou para quinze ou vinte. Não há mais nada a fazer, porque, agora, a entidade financiadora exige que se pague, de uma só vez, o total do financiamento. Quem é que pode, se não estava conseguindo nem pagar a prestação?

E aí que você entra: — Escute aí, caro senhor, eu sei da situação difícil em que o sr. se encontra e posso resolver o seu problema. Compro a sua casa, o senhor paga ao BNH com o dinheiro que eu lhe dou e fica com o resto, para dar entrada em outra casa. Está bom?

Coloque-se no lugar do pobre dono da casa e diga se não levanta as mãos para Deus. Se o imóvel vale oitocentos, ele vende nem que seja por seiscentos. O que lhe interessa é que seja logo, antes da execução. Em contrapartida, ao comprador interessa levar as coisas devagar.

Como Vai Ser a Operação

A operação não vai ser exatamente como de entrada se disse ao vendedor. E necessário ir lhe explicando, a pouco e pouco. Acontece que o comprador não tem o

dinheiro todo. Vai pedir um financiamento à mesma entidade (Caixa Econômica ou BNH). Quando o financiamento for concedido, faz-se uma escritura, a entidade financiadora cobra a dívida atrasada e dá o restante ao vendedor.

Não é o ideal, mas ainda resolve. O vendedor está de acordo. E questão de acertar o preço de venda e o prazo da escritura.

Quanto ao preço, é óbvio que não vai haver problema, desde que, para além dos descontos, fiquem uns milhares de cruzeiros para dar entrada em outro negócio. A compra pode ser feita em condições absolutamente excepcionais. Com uma corda na garganta, não se pode estrebuchar muito.

Quanto ao prazo, as coisas são como são: é preciso pedir o financiamento. Então, vendedor e comprador vão ter um encontro com alguém do estabelecimento financiador e explicam a situação. Se o estabelecimento executa o devedor, o que vai fazer com o imóvel? Tudo que pode fazer é vendê-lo a outra pessoa, sujeitando-se a que aconteça precisamente a mesma coisa. Se der o novo financiamento, recebe todos os atrasados, o que é uma grande vantagem.

Depois dessa primeira demarcação, sabe-se que o negócio é viável. Pode se tratar da operação de venda. A liquidação total só será feita depois de concedido o financiamento, mas não é indispensável esperar até lá, para que o vendedor veja algum dinheiro na mão.

Como Se Faz o Contrato

O contrato reza que:

1 — O comprador dá logo um sinal de quarenta mil. Se não pagar o resto, nas condições estipuladas, perde o sinal. O vendedor, por sua vez, devolverá o sinal em dobro, se desistir do negócio. Só tem mais uma coisa: o comprador tem que fazer um depósito de "poupança", no ato de pedir o financiamento, e está com dificuldade momentânea para dar o sinal e fazer o depósito ao mesmo tempo, porque tinha uns dinheiros a receber, de um malvado que não pagou; então, o vendedor poderia dar um jeito, descendo o sinal inicial de quarenta para 25 mil, a fim de facilitar as coisas. Provavelmente, o vendedor facilita.

2 — Passados 30 dias, o comprador pagará mais trinta mil, recebendo, em troca, as chaves do imóvel.

3 — A liquidação final será noventa dias depois que o vendedor entregue à entidade financiadora o último papel necessário para que o financiamento seja concedido.

Esta cláusula é tão extremamente importante, que o vendedor resolve ter um gesto de magnanimidade para com o comprador: oferece-se para tratar, gratuitamente, de todos os papéis de ambos. Tem um ótimo despachante, irmão do cunhado de um primo, que é "de dentro" no estabelecimento financiador, conhece todo mundo em toda a parte e resolve as coisas a jato. Assim, o processo vai ser mais rápido, o financiamento sai logo, e o vendedor fica senhor do seu dinheirinho em muito menos de noventa dias. Tá?

(segue)

JOELMIR BETING

POLUIÇÃO : UM BOM NEGÓCIO

Passam-se os vagarosos 30 dias até o segundo pagamento. O comprador paga, recebe as chaves e instala-se na sua casa nova. O vendedor aluga outra casa e passa-se para lá com a família. Na sua antiga casa, ele não pagava aluguel nem prestação. Agora paga aluguel. Mas vai ser apenas por sessenta dias, porque os papéis já estão metidos e o despachante consegue as coisas a jato. Depois, vem o dinheirinho grosso, para dar entrada em outra casa e pagar alguma dívida que seja necessário fazer entretanto.

Durante mais sessenta dias, não se passa nada. Durante mais trinta, também não. Ai, o vendedor liga o telefone para o comprador, perguntando como é que é. Só que o vendedor não está. Viajou a negócios, volta daí a uma semana. Já voltou, mas foi visitar uma tia, que está com bócio. Amanhã telefona. Não pode telefonar, porque o telefone enguiçou. Foi ao dentista. Sai de madrugada e só volta de noite. Vai aparecer na segunda-feira que vem.

Com este vai-vem, passaram-se mais trinta dias. Já lá vão cinco meses desde o fechamento do contrato. Cadê o dinheiro da diferença entre a dívida e o valor da venda? Quando é que sai essa escritura?

Um dia, o comprador consegue aparecer, suado, atarefado, desganhado, estafado, mas bem encarado. E conta uma história das Arábias: acaba de chegar de uma visita ao estabelecimento financiador, para saber por que o negócio está demorando tanto. Apesar da vida agitada que leva, tirou um tempinho, e foi lá. Claro que o interesse é do vendedor, mas ele, comprador, foi lá, falou, barafustou, pintou o diabo. Mas teve que se calar, porque lhe disseram uma coisa diabólica: falta entregar um papel indispensável do vendedor. Como é que vão conceder o empréstimo, sem aquele papel indispensável?

O que aconteceu é que o despachante se esqueceu de apresentar aquele maldito papel do vendedor. O comprador não tem nada a ver com os esquecimentos do despachante. Mas o despachante vai logo tratar disso, a jato. Dentro de trinta dias, no máximo, o papel estará entregue.

Com mais um mês para tratar do papel, faz seis meses. Com mais noventa dias depois da entrega do último papel do vendedor, é que se vence o prazo estabelecido no contrato. Isso quer dizer nove meses, desde o fechamento do contrato, ou oito meses desde que o comprador entrou para uma casa que não pagou, de que não paga aluguel nem prestação.

Desvenda-se o Mistério

Quando chegar o dia milagroso da escritura da casa, o comprador terá passado, no mínimo, nove ou dez meses na casa comprada, sem pagar aluguel.

O BNH, ou a Caixa Econômica, descontará mais nove ou dez prestações atrasadas, do dinheiro que deveria ser entregue ao vendedor. Ele continua sendo o devedor de todas as prestações em atraso, e por isso todas lhe serão descontadas. O comprador, por sua vez, não paga prestação nem aluguel. Para um aluguel de, digamos, 4 mil cruzeiros, nove meses sem pagar significam 36 mil cruzeiros. Isso não chega bem para pagamento dos juros do dinheiro que se pediu emprestado, no início do negócio?

O mais importante, porém, é que se passaram pelo menos nove meses entre o contrato de promessa de compra e a escritura de compra. Durante esse espaço de tempo, o imóvel valorizou-se em cerca de 40 por cento. Considerando que a compra foi feita por um preço baixo, dada a situação aflitiva do vendedor, a casa pode ser vendida, logo após a escritura de compra, por mais 60 ou 70 por cento do que aquilo que custou.

A solução é vender logo, ganhando cerca de meio milhão, e partir para outro negócio do mesmo gênero, com outro estabelecimento financeiro como financiador. Em menos de dois anos se fazem dois negócios, e em dois negócios se ganha mais de um milhão.

Um Conselho, Para Terminar

Quer um conselho?
Não entregue jamais a chave de sua casa, sem ter o dinheiro na mão.

Fábio Forster

Vale a pena morar numa cidade grande, bem grande? Resposta: 4 de cada 10 paulistanos acham que não e querem dar o fora na primeira oportunidade. No Rio, apenas 2 de cada 10 cariocas gostariam de dar no pé, com passagem só de ida.

A pesquisa do Instituto Gallup limita-se a flagrar os números, sem arrilhar qualquer tipo de análise. Mas qualquer analista de botequim mata a charada: São Paulo é uma cidade mais dura ou menos doce que o Rio do Pão de Açúcar.

A própria estatística avança um outro ponto: de cada 100 paulistanos, apenas 32 nasceram em São Paulo. No Rio, de cada 100 cariocas, 47 são nativos de pai e mãe. Como ninguém esnoba a santa terrinha, o Rio apresenta maior índice de fidelidade e São Paulo maior grau de rejeição.

Uma rejeição camuflada em um processo ainda não devidamente quantificado e muito menos analisado; o da crescente suburbanização do paulistano, um cidadão que trabalha na Capital, mas vai morando cada vez mais longe dela. Subproduto do automóvel.

A primeira turma a ligar o desconfiômetro foi a da classe alta. Não mais contente em pipocar de mansões os cocorutos do Morumbi, do Alto da Lapa ou da Cantareira, o pessoal partiu para as "granjas" do cinturão verde, de Ibiuna e Atibaia.

Agora, o negócio imobiliário, "vendendo" o verde, vai plantando vastíssimos condomínios nos arredores da Paulicéia, inaugurando o que os técnicos em tributação chamam de "esvaziamento da receita fiscal" da cidade-mãe em favor das cidades do tipo "dormitório".

Gente que trabalha na Capital, dela se serve, mas recolhe o Imposto Predial e até o Imposto Sobre Serviços aos cofres municipais dos aglomerados periféricos. O mesmo esquema de insolvência que levou Nova York ao desmaio da falência.

A indústria imobiliária, que hoje não vacila em vender a floresta amazônica do Sumaré ou a catarata do Iguacú do Morumbi, passando pelos bosques vieneses da Bela Vista ou do Bom Retiro, responde a um indicador social precioso: a poluição subiu do quinto para o primeiro lugar na mesa das preocupações do paulistano.

A mesma pesquisa de opinião do Gallup, divulgada em julho, informa que a poluição bateu o trânsito, o transporte coletivo, a educação e até o famigerado custo de vida na lista dos cinco maiores problemas da "cidade grande".

Em fevereiro, a poluição era o quinto problema. Em julho já era o primeiro.



Na opinião de 46 de cada 100 entrevistados, contra 35 votos atribuídos ao trânsito. Teria o trânsito melhorado de fevereiro a julho? Teria a poluição piorado no mesmo período?

Nem uma coisa nem outra. O que realmente cresceu, este ano, foi a conscientização do público a respeito do

problema da poluição. Evidentemente, na esteira da grande cobertura oferecida pelos órgãos de divulgação a um problema que sempre existiu. Mais que isso: São Paulo começou a medir a taxa diária de poluição atmosférica, dramatizando fisicamente a extensão do fenômeno.

Vamos esquiar no Jaraguá ?

Não me cabe discutir aqui o exagerado destaque conferido à poluição química do ar, dentro de uma cidade que tem como inimigo público número um a poluição orgânica da água. São Paulo ainda reluta em capitular o brutal "déficit" de saneamento básico como "poluição". E uma poluição que não dá tosse nem bronquite. Simplesmente mata. Puxando o gatilho da meningite, da hepatite, da esquistossomose, das viroses de todo tipo e, logo mais, da cólera (três batidas na madeira).

A verdade é que a poluição virou "ponto de venda" de casas e apartamentos, de bicicletas e detergentes, de água engarrafada e até de bisnagas de oxigênio comprimido. A indústria da anti-poluição abre uma generosa frente de negócios. Que nos Estados Unidos já fatura mais que a indústria automobi-

lística, gerando negócios diretos e indiretos de 90 bilhões de dólares.

Caso dos equipamentos industriais de anti-poluição. Mais de 1.500 indústrias da Grande São Paulo estão na fila dos incentivos fiscais e creditícios e 712 fábricas, instaladas na Capital, já entraram com processo de transferência para outras freguesias menos carrancudas. E lá se vai um bom pedaço da receita do ICM, de uma Capital que acaba de se comprometer com um orçamento de 10 bilhões, quase um terço do orçamento estadual.

Não faz mal. Um corretor imobiliário acaba de me oferecer um excelente negócio; um chalé de montanha de um futuro conjunto alpino do Jaraguá. Seu apelo é irresistível: "Você não gostaria de esquiar no próximo inverno a apenas 20 minutos da Praça da Sé?"

ECONOMIA

Um Caipira de Visão

Levou tempo, mas finalmente alguém descobriu que caipira é Homem de Visão. Renato Costa Lima vai receber, a 5 de dezembro, o bandeirante de Jacarandá.

Bandeirante do milho híbrido, ele já era, pois o introduziu no Brasil. Como era bandeirante do café, da criação de gado e de tantas outras coisas, que fica mais fácil dizer o que ele ainda não foi, depois que reeditou, na pasta da Agricultura, ao eterno ministro de Getúlio, Fernando Costa.

Olhem o chapéu amarrado dele, o jeitão bonacheiro dele, a simplicidade, o sorriso maroto, o ar bravo que toma de vez em quando. E o prototipo acabado e sofisticado desse mal conhecido caipira paulista, feito de duas metades complementares: proibição de ação e produtividade de um número elevado à potência "n". Desde quando caipira paulista não é um sujeito de mais aguda visão que anda por aí, como quem não quer nada?

Olhem como o caipira do Faroeste americano, encarado na potência bilionária de um tal de Rockefeller, que escolhe o caipira paulista para seu homem de confiança no Brasil, por obra e graça de probidade e produtividade. Olhem como o caipira paulista responde ao desafio, tornando-se presidente e vice-presidente de tudo que há, que é grande, que é Makro. E tudo com aquele ar marotamente ausente, debaixo daquele chapéu que todo mundo pergunta quem foi que amarrotou.

Esta consagração de agora não chega a ser a reabilitação do caipira interiorano de S. Paulo — é a descoberta dele. E não são bem os intelectuais que o descobrem. São outros caipiras talentosos e hábeis, probos e produtivos, que estão invadindo a casa das máquinas e tomando conta das alavancas de comando, enquanto a intelectualidade apolneamente dorme.

Saudemos, no gesto havido para com Renato Costa Lima, a madrugada caipira que rompe, inteligente e serena, sorrindo à vida e rindo do dramatismo epilético dos profetas do dilúvio universal da poluição e da proustificação. Louvado seja Deus, que criou o caipira, e o caipira, que criou S. Paulo.

J. Rodrigues Matias



VIOLÊNCIA

O erro de todos nós

O tão esperado ônibus chegou e parou quase em frente ao Parque Antártica, no fim de uma partida de futebol. Pai e filho correram para apanhá-lo, quando um Galaxie se interpôs — e na pressa, involuntariamente, o garotinho de 7 anos deu uma joelhada na lateral do carro. Já estavam no ônibus — o pai pagando as passagens, o filho sentado num banco — quando o dono do Galaxie entrou furioso pela porta da frente, gritando:

— Foi você que deu um pontapé no meu carro.

E, junto com as palavras, o cidadão belga Eduardo Félix Van Roost, de 1m90 de altura, deu um bofetão no garotinho.

Assim, numa noite qualquer, começou mais uma inexplicável cena de violência, dessas que atualmente caracterizam a vida da cidade, como se fosse o prenúncio de uma nova era: a do desatino generalizado. A batida e o bofetão foram o ponto de partida para uma longa série de erros

Joel Bien, pai do garoto, revidou a agressão, dando um soco no olho do cidadão belga, que rapidamente admitiu o engano cometido: aquele garoto não era o trombadinha que ele imaginava. Então, disse para o pai do menino:

— Desculpe, eu errei. Pode me bater.

Isso desarmou Joel Bien, que desistiu de brigar. Mas os outros passageiros e populares em geral (o ônibus estava parado no meio da rua) entraram em ação, querendo linchar o belga agressor. Foi quando a guarnição de uma Rádio Patrulha interferiu à sua maneira. Com os guardas jogando o belga para dentro do carro, com cachações e gritos assim:

— Cala a boca, canalha estrangeiro.

E o episódio foi transportado para o 23º Distrito Policial, com os guardas batendo e ameaçando o belga. Lá chegando, eles anunciaram para o delegado:

— Agimos com eficiência. Conseguimos evitar um linchamento.

A brutalidade e gratuidade do episódio chegaram a impressionar os policiais do 23º Distrito, onde o caso foi registrado. Impressionaram tanto que eles resolveram abrir inquérito, procedimento pouco comum em casos como esse.

— Cenas de violência assim estão crescendo assustadoramente. E não há como preveni-las ou coibi-las — disse um delegado.

Alguns dias se passaram, desde aquela noite. E ninguém consegue entender coisa alguma — assim como ninguém consegue localizar seu erro. E quem menos compreende tudo isso é o menino Alexandre Bien, de apenas 7 anos, pacato e inocente, que de vez em quando pergunta ao seu pai:

— Por que aquele homem bateu em mim?

Hamlet Riccetti

JUSTIÇA

Onde Elza vai passar o réveillon? Na cadeia.



Seja qual for o resultado do julgamento do pedido de habeas-corpus impetrado pelos advogados de Elza Leonetti Amaral, a assassina do milionário Robert Eduardo Lee, ela passará o Ano Novo na cadeia. O habeas-corpus, cujo julgamento, marcado para terça-feira, foi adiado, só poderá dar a Elza algumas semanas de liberdade.

Isto porque já foram ouvidas todas as oito testemunhas de acusação arroladas pelo promotor Alberto Marino Júnior e o processo deverá entrar, já nesta sexta-feira, dia 21, na fase de audiências para tomada dos depoimentos das testemunhas de defesa. O prazo previsto para o encerramento desta fase do processo é de duas semanas, após as quais o juiz deverá decidir se oferece ou não a denúncia contra Elza Leonetti Amaral. Como não há dúvidas quanto à autoria do crime, Elza certamente será pronunciada.

Ocorre que, como foi reaberto o processo sobre a morte do primeiro marido de Elza, Anésio Amaral Filho, onde ela figura como indiciada, a ré já não poderá ser considerada primária e deverá esperar o julgamento presa. Janeiro é mês de férias forenses, mas o Tribunal do Júri continuará funcionando. Como existem diversos outros processos com réus presos à espera de julgamento, o júri de Elza só deverá ocorrer em fevereiro ou março. Até lá, ela continuará presa.

Para evitar que sua cliente seja presa, seus advogados deverão tentar obter para Elza Leonetti Amaral os benefícios da lei 5.941, de dezembro de 1973, a chamada "Lei Fleury". A Lei 5.941, que permitiu ao delegado Sérgio Paranhos Fleury defender-se em liberdade, apesar de pronunciado em vários crimes de homicídio, permite que o réu, mesmo depois de várias pronúncias, fique livre, desde que tenha prestado, comprovadamente, "relevantes serviços à sociedade".

Nos corredores do Fórum, o júri de Elza Leonetti Amaral já está sendo esperado como o mais sensacional dos últimos anos. De um lado, juntos para acusar Elza, dois velhos rivais: o promotor Alberto Marino Júnior — que condenou 297 dos 300 réus a quem acusou, obtendo uma média de 99% de condenações — e o advogado Waldir Troncoso Peres, contratado pela família de Lee para auxiliar o promotor. Acontece que Waldir Troncoso Peres é advogado de defesa de vários policiais acusados de pertencerem ao **Esquadrão da Morte** por Alberto Marino Júnior.

Na defesa de Elza Leonetti Amaral deverão funcionar o advogado paulista Alvin Passos, considerado um dos melhores advogados de defesa em crimes de homicídio, aqui, em São Paulo, e o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Evandro Lins e Silva. Segundo informações que chegaram ao Fórum nesta semana, Evandro Lins e Silva já foi contratado, no Rio de Janeiro, por Elza Leonetti Amaral para defendê-la.

Antônio Carlos Fon

COMPORTAMENTO

A guerra dos brinquedos

Vem aí o Natal — e o deputado estadual emedebista Koyu Iha, muito assustado, vê chegarem das fábricas caminhões e mais caminhões lotados de revólveres, metralhadoras, canhões, capacetes, tanques, aviões, máscaras de Batman e muitos outros instrumentos de guerra e violência, disfarçados sob o nome de "brinquedos".

Sem levar em conta as orientações promocionais de consumo, ditadas pelo moderno "marketing", ele antevê a chegada de uma era pior, em que os pequenos seres desajustados são cada vez mais induzidos sob violência e ao bang-bang das guerras urbanas. E seu confessa profundamente assustado.

E por isso que ele pretende, nos próximos dias, fazer um veemente pronunciamento na tribuna da Assembléia, pedindo inclusive a proibição da fabricação desses tipos de brinquedos que estimulam a agressividade da criança.

— Observo que muitas fábricas estão fugindo de suas verdadeiras finalidades. Transformaram-se em indústria cuja especialidade é produzir pequenos seres desajustados. Estudos realizados por psicólogos provaram que esses brinquedos perigosos constituem muitas vezes o primeiro passo para a delinquência — disse ele.

Mas o deputado Koyu Iha tem ainda uma grande esperança: acredita que a proibição — ou ao menos a limitação — possa ser acompanhada por uma ampla campanha de esclarecimento junto aos pais, para que eles selecionem brinquedos educativos, capazes de exercitar a imaginação e a criatividade de seus filhos. Isso tudo constitui um reforço a idêntico projeto, há algum tempo apresentado pelo deputado Freitas Nobre na Câmara Federal, em Brasília.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, começam a se reproduzir em escala regular aqueles episódios retratados no filme "Pequenos Assassinos". São crianças se divertindo com aquelas espingardas de ar comprimido — inocente brinquedo que lhes foi naturalmente presenteado pelos pais. Na falta de melhor alvo, a moda agora é ficar nas janelas dos apartamentos, devidamente escondidos, alvejando as pessoas que passam.

Somente no bairro das Laranjeiras, numa única tarde, três pessoas foram atingidas. Uma delas, com um sério ferimento no olho esquerdo e ameaçada de ficar cega, foi recolhida a um hospital. O caso assumiu maiores proporções e foi acabar nas páginas dos jornais e levou um diretor do Juizado de Menores a admitir:

— Nós temos condições de exercer qualquer controle sobre o acesso do menor a essas armas.

João Wernock de Castro

FUTEBOL

Do museu para a FPF

O candidato à presidência da Federação Paulista de Futebol, Paulo Machado de Carvalho, desencadeou nesta semana uma campanha para rejuvenescer sua imagem diante do público esportivo de São Paulo, através de anúncios em jornais e, principalmente, do discurso que proferiu segunda-feira, no velho e pardacento prédio da Brigadeiro Luís Antônio. Isso tudo no exato momento em que Paulo Machado de Carvalho, que já era estádio, acabava de virar nome de museu.

No anúncio, publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, a AFEU (Associação dos Funcionários das Emissoras Unidas), procura evitar confusões: "Ontem, foi inaugurado o Museu Paulo Machado de Carvalho Só que no Museu o dr. Paulo entra só com o nome "No Museu, durante a inauguração, dr. Paulo falava muito e bem alto sobre a sabedoria dos mais velhos, como se quisesse evitar que os rumos da sucessão acabassem por alojá-lo numa das muitas prateleiras vazias à espera de velhas relíquias.

— Eu não me sinto velho, senão quando não tenho o que fazer e, me sobrando tarefa, sempre me acho moço — bradava dr. Paulo aos microfones, enquanto o presidente José Ermírio protelava sua decisão de apoiar a candidatura do homenageado para mais uns dez dias.

Ao fim da cerimônia, seguida de uma longa série de entrevistas no mesmo tom, todos os presentes ficaram cientes de que o dr. Paulo não se considera um velho apesar de já ter passado dos 70, mas sim um homem de posse do seu vigor integral.

Contudo, é atributo dos jovens o desejo crescente de mudanças, de reformar, de inovar; e esse traço, por certo, não se pode até agora identificar em nenhum dos gestos ou palavras do candidato a administrador de um futebol que carece de urgentes e radicais medidas transformadoras para escapar ao marasmo em que se vai atolando.

E isso é, sem dúvida, um mau sinal, pois um homem permanece jovem, independentemente da idade que tenha, à medida em que consegue renovar sempre as suas idéias e não apenas o ar dos seus pulmões.

Alberto Helena Jr.



Ziegelmeyer, Dimentel

Ponha sua mão aqui e pense quanto ela vale.



Quanto vale o polegar?
O indicador? Quanto vale
o braço inteiro?

Lógico que não há dinheiro
que pague.

Mas a Companhia Real Brasileira
de Seguros tem a tabela mais justa.

No caso de perda de um polegar ou
indicador, o segurado recebe indenização
total de invalidez permanente.

Faça um seguro pela Companhia Real
e tenha cobertura também para os casos de
invalidez causados por acidentes.

Procure o gerente do Banco Real pessoalmente
ou peça a ele para mandar uma pessoa credenciada.

COMPANHIA REAL BRASILEIRA DE SEGUROS
uma empresa do **GRUPO REAL**





O paulistano não quer sair daqui. Aliás, nem pode.

Viver em São Paulo é principalmente uma questão de dinheiro: seja pelo dinheiro que se pode ganhar aqui, seja pela falta de dinheiro para se mudar daqui. Mas há outros fatores: há quem fique porque toda a família mora aqui — e quer, ou não pode viver longe da família. E há os que ficam porque São Paulo oferece melhores condições e oportunidades para estudar. E, finalmente, há os que estão habituados à cidade: nasceram aqui e nunca viveram em outro lugar.

A maioria sente saudade de São Paulo, quando está fora. Essa atitude é mais frequente entre pessoas de classe mais baixa (que são, aliás, as que mais afirmam

que não gostariam de morar fora de São Paulo), entre mulheres e entre pessoas mais velhas.

A atitude do paulistano em relação à vida na capital pode ser resumida assim:

— A grande maioria gostaria de morar em outros lugares, se pudesse.

— Essas pessoas não saem de São Paulo em função do mercado de trabalho de que dispõem aqui ou do nível salarial que podem atingir.

— Além disso, embora indiquem locais em que gos-

tariam de viver, sentem saudade de São Paulo quando ficam fora da cidade por algum tempo.

Observa-se que, enquanto morar no interior é uma aspiração mais comum entre pessoas de classes altas e mais velhas, viver no Rio é um desejo de pessoas de classes baixas e mais jovens. E são principalmente pessoas de classe média (B) e baixa (C) e jovens as que gostariam de viver fora do Brasil.

Um dado, nesta pesquisa feita pelo Instituto Gallup, é especialmente significativo: apenas 14% da população da grande São Paulo gostaria de continuar vivendo aqui.

SE PUDESSEM MORAR FORA DE SÃO PAULO, GOSTARIAM DE IR MORAR:	TOTAL	CLASSE				IDADE		
		A	B	C	D	15/29	30/49	50/ou +
No interior do Estado de São Paulo	27	45	28	21	7	20	33	34
No Rio de Janeiro	21	18	19	23	33	31	13	14
No exterior/fora do Brasil	13	9	14	17	5	18	11	7
Em capitais do Nordeste	5	7	4	4	5	2	8	3
No interior do Estado de Minas Gerais	3	-	3	4	2	3	3	3
No interior de Estados do Nordeste	3	1	3	4	5	3	4	2
Em capitais dos Estados do Sul	3	2	4	4	-	4	3	2
No interior de Estados do Sul	3	4	2	5	5	3	4	5
GOSTARIAM DE CONTINUAR EM SÃO PAULO/NÃO GOSTARIAM DE SAIR DE SÃO PAULO	14	10	16	11	23	13	13	19

NÃO MUDAM DE SÃO PAULO EM FUNÇÃO DE...	TOTAL	CLASSE				IDADE		
		A	B	C	D	15/29	30/49	50/ou +
MERCADO DE TRABALHO: facilidade de conseguir empregos, salários mais altos/já trabalham aqui/todos da família trabalham aqui/tem negócios aqui	44	58	46	39	28	43	54	28
FAMÍLIA: moram com a família/dependem da família/não poderia mudar sem a família	17	33	15	14	13	23	13	13
ESTUDOS: facilidade de estudar/melhores condições para estudar/filhos estudam aqui/melhores escolas	12	21	15	6	3	18	10	4
FALTA DE DINHEIRO PARA MUDAR: não tem condições financeiras para sair daqui/não tem dinheiro para mudar	11	6	9	15	13	13	10	8
HÁBITO: estão acostumados/nasceram aqui/nunca viveram fora daqui	8	5	9	7	8	7	8	10

QUANDO SAEM DE SÃO PAULO E FICAM ALGUNS DIAS FORA...	TOTAL	CLASSE				IDADE		
		A	B	C	D	15/29	30/49	50/ou +
Sentem falta/sentem vontade de voltar	61	52	62	64	62	55	66	66
Sentem vontade de não voltar/de ficar em outro lugar	28	40	28	23	23	32	26	25
Isso é indiferente	6	7	6	7	3	7	5	6

Solidão? Paulo prefere sumir na multidão.

Paulo Dantas, escritor.

Eu moro numa casa da Vila Mariana, numa rua sossegada, com canto de passarinhos.

Passsei cinco anos fora de São Paulo, em Brasília. Faz três anos que voltei para cá. Lá em Brasília, sofri a estafa do vazio, que é pior do que a do cansaço. E digo também que, fora de São Paulo, pode-se sentir saudades até da poluição, porque a poluição não mata ninguém: é a consequência do progresso, é o preço que pagamos por ele. E porque a poluição lembra o ritmo, o movimento, a afirmação de vida que existe aqui.

Por outro lado, São Paulo exige de nós a identificação com o amor coletivo. Um ato de perda do eu, no meio da multidão. Ela pede que joguemos fora a nossa individualidade. Só assim se estará livre da neurose, dessa insegurança e dessa hostilidade que instaurou o medo em cada um de seus habitantes. Prefiro ficar, apesar de todas as dificuldades, a novamente enfrentar a estafa do vazio.

Orlando gosta da cidade, com poluição e tudo.

Orlando Villas Boas, sertanista.

Gosto de São Paulo. Se tiver que escolher onde morar, vou sempre preferir esta cidade, apesar dos problemas de trânsito, da poluição e de todas as dificuldades. Eu nem sei explicar direito porque gosto de São Paulo, se tem semana que passo três, quatro, cinco dias completamente neurastênico, devido ao barulho e à fumaça.

Mas o fato é que eu e o meu irmão, o Cláudio, temos grandes facilidades nos processos adaptativos. Há algum tempo atrás, quando vínhamos com pouca frequência à cidade, estranhávamos tudo. O pior era ver tudo mudado.

Sei que São Paulo vai virar um inferno, já percebo a falta de paciência das pessoas a dificuldade de relacionamen-

to. Em qualquer lugar que você vá, mesmo nas casas de negócios, o balconista está sempre irritado, o dono da casa ao que parece não faz nenhuma questão de vender. Mas, apesar de tudo, eu vou ficar por aqui,

Ana Maria tem o seu mundo. E é muito feliz.

Ana Maria Cerqueira Leite, jornalista.

Moro em São Paulo porque somente aqui consegui trabalho para viver e sustentar André, meu filho que hoje tem 10 anos de idade. Moramos em Pinheiros, numa vila que fica na rua Cristiano Viana.

Quando fui para lá, já tinha dois amigos, velhos conhecidos que moravam na vila. Fiquei conhecendo o resto do pessoal depois.

Mas o bom dessa vizinhança é que o pessoal é muito aberto, muito receptivo e solidário. Isto me faz sentir segura, protegida.

Mas nem precisa acontecer um fato especial para a gente sentir a amizade do pessoal da vila. É que já se tornou este comportamento, entre os moradores. Para mim, que já vi a rua vazia num domingo, sem uma alma viva com que conversar, esta vila foi mesmo um achado. Nela, ninguém pode se sentir solitário, a não ser por livre e espontânea vontade.

Ruy, em plena luta por uma cidade melhor.

Ruy Ohtani, arquiteto

Eu moro no Brooklyn, numa casa, mas para mim o local é indiferente. Meu relacionamento com as pessoas se dá no meio profissional que exerço, com o pessoal ligado à arte, à pintura e ao teatro. E sinto que, aqui em São Paulo, está a minha alternativa de vida.

Em cidades pequenas, os problemas são também pequenos; e a vida se desenrola muito mais em volta da vizinhança, enquanto o trabalho se torna uma atividade isolada. Não frutifica. Só em São Paulo percebo um campo amplo para atuar. É por isso que considero omissas as pessoas que abandonam a cidade.

Enquanto arquiteto, eu vejo possibilidades, ao nível físico, de fornecer condições mais humanas de vida. Se elas forem melhor organizadas, se conseguirmos isolar o tráfego de automóveis do trânsito de pedestres, estaremos dando condições para as pessoas se aproximarem.

Sampaio paga qualquer preço. Mas fica.

Sampaio Dória, presidente da Câmara Municipal.

Nasci aqui e tenho medo de ter que, um dia, pensar em abandonar a cidade. Acho que São Paulo, por suas próprias dimensões, que são dimensões metropolitanas, apresenta para seus habitantes uma série tão longa de inconvenientes quanto de vantagens.

Todos os habitantes de cidades do porte de São Paulo devem ter consciência — e uma consciência muito clara, do alto preço que devem se dispor a pagar em termos de desconforto, tensão nervosa e saúde física e psíquica, para, em contrapartida, poderem usufruir as imensas possibilidades econômicas, profissionais, sociais e culturais.

Devo afirmar que sinto e penso exatamente dessa forma. Ou seja: disponho-me conscientemente a pagar e a fazer com que minha família pague comigo o preço de aqui viver, para termos as oportunidades que temos tido, de progresso material e de ascensão social e política, dentro da cidade.

Paulinho ficará aqui. Seu violão, também.

Paulinho Nogueira, cantor e compositor.

São Paulo é muito importante na minha vida. É responsável pelo que eu sou, pela pessoa que me tornei. Lembro que cheguei aqui, moço do interior (Campinas), muito acanhado, muito enrustido. A necessidade de sobreviver fez com que aprendesse a viver.

Mas, ao mesmo tempo que São Paulo nos ensina a viver, os problemas que a cidade contém nos colocam numa permanente situação de fuga. É simples, veja bem: você sai na rua e seus ouvidos ficam ocupados com o barulho dos carros, das construções, seus olhos estão sempre pregados na rua para atravessar, na esquina à direita para dobrar — então, todos os seus sentidos estão trabalhando.

E por isso que eu me sinto constrangido quando acabo num lugar silencioso, ouço passarinhos cantando e folhas de árvore assoviando, por que estou só comigo e nada me resta a fazer, senão ter que me enfrentar".



“Um dia, eu senti saudade. E voltei.”

O depoimento de uma paulistana que abandonou a cidade

Um dia Cristina Campos (publicitária e psicóloga, 26 anos) conseguiu realizar o sonho que alimentou durante muito tempo: mudar-se de São Paulo, abandonar a poluição, o barulho e a violência e viver em contato com a natureza. Junto com Marcius, seu marido, Cristina viveu cerca de um ano num sítio em Piedade, no interior de São Paulo — cercada por cachoeiras e pela gente simples do campo. Lá nasceu Joana, a filha do casal, e lá eles fizeram amigos. Neste depoimento, Cristina conta como, no meio da experiência da vida no campo, ela sentiu saudade de São Paulo — e voltou a viver aqui.



Filha mais velha de uma família que, se não era rica, pelo menos fazia tudo para parecer, eu era a preferida do meu pai. Em 1969 eu lhe provoquei lágrimas ao entrar em terceiro lugar na Faculdade de Psicologia. Três anos mais tarde, depois de trocar a faculdade pela propaganda, eu lhe provocaria mais algumas lágrimas ao decidir morar com o Marcius sem receber as “bençãos sagradas” do matrimônio.

Nesse mesmo dia eu deixava a Alcântara Machado Publicidade, onde entrei como estagiária, para ser redatora da Júlio Ribeiro — hoje Casabrãca. Marcius também era redator de propaganda e ganhava um bom salário. Aos poucos começamos a perceber que, se em vez de andar de MG conversível, comprar pistache toda semana, jantar em restaurantes caros, a gente começasse a guardar um pouco de dinheiro, quem sabe algum dia desse para parar de trabalhar.

Esse dia começou a ficar um pouco mais próximo quando, em março de 1973, compramos um escritório que nos dava alguma renda mensal. Mas parar de trabalhar e continuar morando em São Paulo não tinha o menor sentido. Na verdade explicar o que de fato nos levou a sair de São Paulo é difícil — ou óbvio demais. Ninguém precisa ser um fanático pela ecologia para sentir o peso da palavra poluição numa hora dessas.

O famoso trânsito paulistano seria outro lugar comum. Só para dar um exemplo: eu trabalhava na avenida Europa e morava na rua Antonia de Queiroz. Quando estava sem carro, subia a Augusta de ônibus elétrico. Teve um dia que o trânsito estava tão ruim que eu, a pé, passei na frente de cinco ônibus e cheguei lá em cima primeiro. Na esquina da Antonia de Queiroz com a Consolação, rara era a noite em que, do 16º andar, não ouvíamos uma batida.

Além da poluição, do barulho, do trânsito, a própria violência da cidade começou a me incomodar. Uma vez, eu estava telefonando em um orelhão quando um bêbado me cuspiu no rosto. Agressões em outro nível eu sofria dentro e fora da agência onde trabalhava. Desde o contato imbecil que me chamava de “strogonoff” até um médico que tentou me agarrar no consultório. Tudo isso foi criando em mim uma atitude negativa em relação à cidade e um desejo de sair daqui o quanto antes.

Em julho de 1973 finalmente compramos um lindo sítio em Piedade, distante desta cidade 20 quilômetros em estrada de terra, com quatro lindas cachoeiras. Tão bonito que a gente não quis saber se era longe, se só tinha mato, se não tinha luz, se a documentação não estava em ordem. As cachoeiras nos enfeitaram, e a partir daquele dia

começamos a viver em função do lugar. No princípio, para ver as cachoeiras era preciso entrar no sítio vizinho. Depois é que o trator do seu Abel construiu uma estrada para que pudéssemos entrar no sítio.

A simplicidade daquela gente nos dava a visão de um mundo inteiramente desconhecido — era como se tivéssemos comprado um terreno em Marte. De repente, na minha cabeça, aqueles caipiras (eu ficava louca da vida quando minha mãe se referia a eles dessa maneira) passaram a ser as únicas pessoas boas e puras do mundo. Os da cidade, com exceção dos nossos amigos, claro, não prestavam: viviam em função do dinheiro.

Nessa época eu já tinha dado aviso prévio na Casabrãca. O Sérgio Graciotti, um dos meus patrões, achou que era uma pena interromper a minha carreira “agora que estava indo tão bem”. Mas compreendeu e meu deu força. O Armando Mihanovitch, o outro patrão, deu risada e disse que eu não aguentaria viver longe da propaganda.

No último dia de Casabrãca, faltei ao trabalho. Fui ao Laboratório Fleury buscar o resultado do meu teste de gravidez. Mais uma vez, estava tudo dando certo: eu ia ter o meu filho na natureza. No dia 31 de março de 1974 o Marcius deixou a propaganda e nos mudamos para Piedade.



“Meu filho ia nascer junto à natureza”

Para quem não tinha muita intimidade com o fogão a gás (lá em casa a cozinha era estritamente reservada às domésticas), aprender a fazer arroz e feijão no fogão de lenha não foi tarefa das mais fáceis. Quando os olhos começavam a arder muito eu acabava apelando para o fogareiro a gás.

A barriga ia crescendo, o tempo esfriando e a umidade da casa não desaparecia. Mesmo depois que nós substituímos o chão de tijolos da cozinha por cerâmica, eu ainda tinha que colocar umas tabuinhas perto da pia na hora de lavar a louça. A roupa ficava com cheiro de mofo nos armários e eu precisava por os lençóis o dia todo no sol se quisesse dormir no seco.

Tínhamos comprado um motor de irrigação, sementes caríssimas de batata holandesa, gastamos uma fábula em adubos e inse-

ticida. Quando chegou a colheita, o preço estava lá embaixo. Nosso prejuízo foi enorme. Resolvemos plantar cenoura, que era lavoura mais barata. Não chegou a dar prejuízo, mas também não deu lucro.

No segundo semestre as coisas melhoraram um pouco. Contratei a Marina para trabalhar para mim e fiz algumas roupinhas de tricô para a Joana. Além de resolver meu problema doméstico, a Marina ajudou também a semear as verduras da horta e os canteiros de flores. O Zé, marido dela, o Marcius e o Dito plantaram a grama em volta da casa. Quando a Joana estava com 14 dias, fez a primeira viagem ao sítio, que, aliás, estava muito bonito para recebê-la.

Todos os vizinhos foram conhecer “a filha da dona Cristina”, levando frangos, cachorros, sabonetes, bananas, dúzias de ovos, garrafas de Tubaina e pacotes de biscoitos. Infelizmente, nessa ocasião a fase do deslumbramento já estava um pouco longe e eu não tinha mais muita paciência para ouvir os papos repetitivos daquelas pessoas. Era um universo muito diferente do meu: outros valores, outras referências, enfim outra maneira de ver o mundo. Tudo é estático: não avança no tempo nem no espaço. A maioria daquelas pessoas já foi a Aparecida, alguns estiveram em Sorocaba, mas quase ninguém conheceu São Paulo. O mundo chega até eles através do radialista Gil Gomes ou (para quem ganhou na cebola) do Silvio Santos.

Os amigos de São Paulo que viriam morar conosco não apareciam nem para visitar. Não foram poucos os sábados que eu olhava para a estrada na esperança de que um carro de São Paulo ou do Rio apontasse na curva. Se eu vinha a São Paulo também me sentia completamente por fora de tudo — distante das minhas amigas, acabava desejando voltar para o sítio o quanto antes.

Parecia que a cabeça tinha adquirido outro ritmo, mais lento, e eu não conseguia acompanhar mais a “loucura” de São Paulo. A avalanche de informação que eu recebia cada vez que vinha à cidade era um verdadeiro choque. Mas com o tempo a necessidade de fugir do barulho, da poluição e da violência de São Paulo foi se desvanecendo.

Quando chegava ali pelas seis da tarde, naquela hora que não tem mais sol e a lua também ainda não apareceu, eu ficava realmente angustiada. O crepúsculo na cidade é o começo de uma nova vida. No campo, a gente sente o dia “morrer” mesmo. Os passarinhos param de cantar, vai ficando tudo cada vez mais frio e mais escuro. Essa era a hora em que a Joana tinha dor de barriga todo dia. Mais tarde um médico me disse

que “bebê que tem dor de barriga é angústia dos pais”.

Antes, quando eu ia à fazenda da minha tia Aninha, nas férias, passava o dia inteiro na rede, no terraço. Nem chegava perto do galinheiro. Eu devia ter me lembrado disso antes de resolver ir morar num sítio. Ou pelo menos experimentado a temperatura da água da cachoeira antes de ficar tão apaixonada por ela. Com toda a beleza de suas piscinas naturais, eu só consigo tomar banho no rio Sarapuí nos meses de janeiro e fevereiro.

Das galinhas eu tomei verdadeiro horror. Marcos, meu cunhado, ficou chateado quando decretei a prisão delas no galinheiro. Mas eu não podia abrir a porta da casa que a galinhada vinha como louca atrás de comida.

Confesso que senti saudade do “ourico” de São Paulo. Da sessão de cinema à meia-noite, da coca-cola gelada no bar da esquina, da televisão a cores, dos jornais que não chegavam a Piedade e até — por que não dizer? — das compras na rua Augusta e nos supermercados. Em janeiro deste ano voltamos para São Paulo. Alugamos uma casa incrível, com fogão a gás, geladeira, liquidificador, torneira elétrica, chuveiro elétrico, lareira, churrasqueira e um quintal enorme, que de vez em quando vira até campo de



“Confesso: senti falta até da rua Augusta”

futebol. Agora sou capaz de passar fins de semana no sítio e até gostar. Hoje eu posso olhar novamente para as cachoeiras e achar bonito.

Não me arrependo nem um pouquinho de ter morado sete meses ali. Ao lado das horas de angústia, também tive momentos de grande felicidade, principalmente na minha vida conjugal. Marcius adora aquele sítio e só de estar lá ele se torna o melhor homem do mundo. Valeu a pena, eu precisava passar por uma experiência difícil, uma aventura, um desafio aos meus condicionamentos. Passei, e para isso o que muito ajudou foi o que o João, nosso amigo, falou no dia que chegou ao sítio pela primeira vez: “É preciso muito amor para uma mulher aguentar uma vida dessas”.

Escreva: você vai ganhar um ótimo presente.



Estamos pagando prá ver: é possível que ninguém tenha tempo, mas é mais provável que o tempo possa ser melhor empregado. Conversando. Escrevendo. Colocando no papel suas dúvidas, seus protestos e suas idéias para que todos vivamos melhor em São Paulo. **AQUI** acredita que você é nosso melhor correspondente no dia-a-dia da cidade. Por isso, está oferecendo, semanalmente, uma coleção completa da obra "História da República Brasileira", escrita pelo historiador Helio Silva. A escolha irá premiar uma das cartas publicadas, aquela que melhor reflita o espírito comunitário e de defesa da nossa cidade.

SP inteiro esta falando do seu novo jornal. A começar pelos vereadores:

"Com efeito, fazia-se sentir a necessidade de um periódico voltado, essencialmente, para esta cidade, seus problemas e sua gente.

Especialmente no que toca à Câmara Municipal. Foi muito feliz a idéia de lhe dar ampla cobertura, na divulgação dos trabalhos do legislativo da cidade.

Pareceu-me, leitor assíduo, até por dever de ofício, que é um jornal feito por verdadeiros profissionais, pessoas que entendem do mistér e o desenvolvem com maestria. Aborda todos os enfoques necessários a uma visão global da comuna, sem perder de vista a importância maior de determinados temas de interesse público.

Entendemos que a imprensa, além de informar, pode e deve formar correntes de pensamento, ainda que sem sectarismos e proselitismos.

De parabens, assim, o grupo empresarial, pelo lançamento e também os cidadãos paulistanos, por mais este órgão de imprensa. "Sampaio Dória, presidente da Câmara Municipal".

E os deputados sentem um estilo agressivo, direto

"São Paulo acaba de ganhar o seu primeiro grande tablóide. **AQUI**, São Paulo, é um jornal que nasce com a marca registrada de Samuel Wainer, e nos faz lembrar o lançamento — também vitorioso — da Última Hora dos anos cinquenta, quando Wainer revolucionou a Imprensa brasileira. **AQUI** acrescenta, inova, renova". **Trecho de pronunciamento do deputado Alberto Goldman, líder do MDB na Assembléia Legislativa de São Paulo.**

dientes necessários; é um semanário de garra". **Trecho de pronunciamento do deputado Nabi Chedid, líder do Governo na Assembléia Legislativa.**

"**AQUI** é um jornal atual que trata dos temas da atualidade, envolvendo-os em roupagem inteiramente nova. Aplaudo e concordo com toda a linha de **AQUI** fornecida por Samuel Wainer, principalmente ao destaque dado ao noticiário político. Mas faço uma ressalva ao "Boletim": o jornalista José Carlos Bittencourt foi extremamente severo ao "julgar" o prezado companheiro Wadih Helou, que pode ter-se excedido em algumas ocasiões, mas isso é próprio dos políticos que tem garra e opinião". **Deputado estadual Sólton Borges dos Reis, da Arena.**

"Samuel Wainer confirma a tradição e lança um jornal que começa a provocar debates desde o seu primeiro número. O mito Samuel Wainer volta ao cenário editorial paulista e brasileiro, prevendo-se novo e estrondoso sucesso. **AQUI** tem todos os ingre-

A Casa Civil gostou de ver dois vereadores na rua

Aos editores de Aqui:

Acabamos de receber o primeiro número do **Aqui, São Paulo**. Apesar de termos acompanhado o seu planejamento à distância, ele está muito melhor do que poderíamos esperar. O nível das reportagens publicadas e, principalmente, a idéia de colocar os vereadores na rua, é uma técnica de

cobertura que estava fazendo falta na imprensa de São Paulo.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para enviarmos os nossos mais sinceros votos de sucesso para o novo jornal da cidade de São Paulo.

Com os melhores cumprimentos, **Luis Roberto de Souza Queiroz, Assessor de Imprensa da Casa Civil do Governo do Estado.**

As agências não encontraram outras palavras: sucesso, parabéns...

Ao pessoal de AQUI:
The Village Voice ao norte; Flan ao sul, no cruzamento de Veja, Jornal da Tarde e o que o Bondinho não chegou a ser. Mas de Samuel Wainer, e de vocês. Senhora receita, pessoal.

Já estou pensando em AQUI como veículo, que o consumo dele, eu já venho fazendo. **AQUI** era o que faltava, agora. Sucesso para vocês, **Izacyl Guimarães Ferreira (Castelo Branco e Associados Propaganda — CBBA).**

Meu caro Samuel: Tenho andado em uma transa muito especial, fora da cidade. Só por isso, tardei em lhe mandar este abraço. Receba os meus parabens pelo **AQUI, SÃO PAULO**, número 1, primeiro de uma série que promete ser interminável.

O jornal representa um esforço sério para criar um veículo realmente novo no mercado. Ele está cheio de trabalho e de vitalidade.

Faço votos de que seja, para você, um êxito tão grande quanto o seu amor e a sua fidelidade ao jornalismo. Conte com o seu amigo, **Mauro Salles (Mauro Salles/Inter-Americana de Publicidade SA).**

Aos diretores:
Li com atenção e interesse o número zero do mais novo jornal de São Paulo. Congratulo-me com toda a equipe de **AQUI**, desejando-lhe pleno êxito. **Roosevelt Hamam (diretor executivo da Alcântara Machado Congressos).**

Aos editores: Parabéns pelo exuberante jornal da cidade, **Nelson Hirata, (Bravice Comunicações).**

Homossexuais: animais raros ou gente que merece respeito?

Sr.: Infelizmente, esta carta não é apenas para saudar e elogiar o (bom) jornal que surgiu, mas para protestar contra uma notícia. Poucas páginas depois da boa matéria sobre o problema do homossexual que, em Roma ou em São Paulo sofre o mesmo trágico teorema, aparece uma notícia, fútil, gratuita, estúpida, sugerindo "um giro divertido" pelas boates "gay". Isso mesmo, transformemos a nossa bicha em produto de consumo também, por que não? Seus trejeitos, seus ridículos, seu sofrimento, sua miséria podem ser uma atração a mais para o lazer burguês. Como, sem trocadilho, se eles fossem bichos, animais num circo. Para nos divertir. Vejamos: no Medieval o

distinto leitor — heterossexual, é claro — tem no bar um piano (de cauda) à disposição dos mais dotados (??). No palco, travestis, pobres caricaturas de mulheres. Já o Danny "é mais indicado para mulheres", não se explica porque. Como minorias oprimidas, homossexuais e mulheres talvez devam se sentir mais à vontade, possam até discutir alguns problemas em comum, quem sabe? Se o leitor está muito interessado, que siga noite a dentro que há mais duas sugestões: **Sombrasom e Nostromundo.** E pronto, terá percorrido a noite paulista de forma diferente e muito divertida. Cumprimentos ao autor da seção. Esta notinha é uma glória-a.
Beatriz Horta, Capital.

Museus: cobrando entradas para exibir imitações do Louvre?

Sr. Aos 61 anos de idade, ainda estudo diariamente a História do Brasil, para poder melhor lecionar. É por isso que estou de olho na excelente coleção de livros do mestre Hélio Silva, a qual, ainda, não pude adquirir. Daí enviar-lhe, de acordo com o espírito dessa seção Leitor, Nosso Correspondente, estas sugestões:

1. Vejo sempre as nossas emissoras de televisão entrevistarem pessoas vazias de conteúdo — do tipo jogadores de futebol, marginais de última categoria etc. — sobre assuntos mais vazios e fúteis.

2. Por que essas emissoras não partem para entrevistas com pessoas de melhor gabarito?

3. O programa poderia se chamar "Como o senhor progrediu na vida?", e perguntaria coisas como estas: como foram seus estudos, suas lutas e conquistas?

4. Mudando de assunto. Leio nos jornais que vários museus brasileiros estão cobrando entrada. É o fim! Brasileiro só tem direito a uma coisa gratuita: frequentar museus e bibliotecas. Cobrar entrada, nesse setor, é dificultar a entrada do estudante pobre, já tão sacrificado. Não vamos macaquear a Europa, pois não temos o Louvre nem o Museu do Prado. Cabe um apelo ao Secretário de Cultura?

Fábio Vianna, Capital

Psicanálise: supérfluo ou artigo de primeira necessidade?

Fazer um tratamento psiquiátrico ou psicanalítico hoje tornou-se algo tão proibitivo quanto os supérfluos do último decreto presidencial. Conheço psicanalistas que chegam a cobrar até 700 cruzeiros por hora (um e meio salário mínimo de um trabalhador paulista). Se se supõe que um profissional desses trabalha dez horas por dia durante vinte dias, ele receberá, no fim do mês, nada menos que Cr\$ 140 mil cruzeiros. Quosque

tandem, senhor redator? E tem mais: uma boa parte dos psicanalistas, psiquiatras e psicólogos da praça está aplicando um golpe sui generis: se o paciente (otário?) não pode pagar o preço pedido, eles fazem um pequeno desconto, mas não dão recibos para abatimento no Imposto de Renda. O cadáver do velho Freud deve estar rolando na sepultura.
Luciana Carneiro, Capital.

Supermercados: um diáfano manto da fantasia?



Sr.: "São Paulo precisa parar e lembrar-se de Ferraz" está magnífica e por si só vale por toda a edição do número 1. Não sou amigo pessoal do engenheiro José Carlos Figueiredo Ferraz e nossos encontros só se processavam na ponte aérea Rio-São Paulo, quando seu cavalheirismo o fazia sair de seu lugar para cumprimentar a mim e à minha esposa. Mas que administrador corajoso e digno! Homem de visão, soube perscrutar com nitidez os problemas da grande metrópole e dar o seu grito de alerta: "São Paulo precisa parar!". grito não escutado pelo então governador, mal feito para o Estado líder. Hoje, o que se nota na administração do alcaide? Sou jejuo em política, mas amo a cidade que adotei de coração e vejo com funda melancolia nosso prefeito se voltar com extraordinário denodo contra a abertura de supermercados aos domingos, quando problemas outros, de ciclópica gravidade, estão a exigir

imediate solução. Investe-se contra moinhos de vento, enquanto os verdadeiros demônios, como higiene deficiente, educação insuficiente, menores e velhos abandonados, crime em nossa porta, epidemias em frenesi e quejandos, andam à solta pela cidade. Mas o realmente importante é fechar os supermercados aos domingos, utilizando-se para tanto até a Bíblia Sagrada. Essa atitude me parece irmã gêmea das tomadas pelo sr. Jânio Quadros, de tristíssima memória, proibindo biquinis, corridas de cavalos e brigas de galos, exigindo cor amarela nos táxis, enquanto os reais problemas da cidade e do país andavam à matroca, transformando nosso país em verdadeira República de Bananas. São Paulo precisa parar... E Figueiredo Ferraz precisa voltar. Com urgência, antes que se acabe em caos, com supermercados abertos aos domingos ou não.. **Omar L. Machado (OAB-8321), Capital.**

A FAZENDA HOTEL
FONTE SONIA APRESENTA SUAS
NOVAS INSTALAÇÕES
Piscina com deck, cavalos para as crianças brincarem, lagos para pesca, cascatas, bosques e jardins na melhor estância climática do Estado de São Paulo.
PREÇO PARA CASAL CR\$ 200,00
TUDO INCLUIDO
Apartamento com café da manhã, almoço, chá e jantar, saboreando os quitutes da fazenda.
Fazenda Hotel Fonte Sonia Valinhos - Fone: 2300
Reservas com antecedência pelos fones: 35-9505 e 33-2903.

A questão levantada pelo presidente Geisel ao secretário José Mindlin — como conciliar audiência com programas culturais — continua sem solução. E, com ela, permanece o debate aberto por AQUI: o que fazer com uma emissora de televisão que ninguém vê? Desta vez foi ouvida Helena Silveira, uma das mais experientes críticas de televisão de São

Paulo. Ela analisa a situação do canal 2 e formula conceitos revolucionários sobre os melhores caminhos a trilhar para se conseguir o objetivo da TV Cultura: audiência. Helena Silveira admite que somos todos calouros e estudantes diante de um sistema altamente complexo e, nesta entrevista a Liba Frydman, lança esta verdade:

Uma televisão que ninguém vê é mais vista que um jornal que todo o mundo lê.

— Audiência e cultura são incompatíveis em televisão?

HS — Primeiro, temos que entender o que seja cultura. Justamente, a televisão questiona o que seja cultura. A televisão é tão importante que é uma abertura onde cabem muitas propostas. Ela questiona muito bem a proposição "o que é cultura de massas". Evidentemente, a cultura não é uma receita, como se fosse uma receita de cozinha que você maneja. Se fosse isso, seria muito fácil... Mas eu acho que a televisão é uma coisa muito importante, que, inclusive, reformula todo um conceito de cultura. Porque havia um conceito de cultura antes da televisão; e agora tem que haver um outro conceito de cultura, depois da televisão.

— Por que a TV-Cultura não atingiu seus objetivos de comunicação com o povo?

HS — Acho que inicialmente a TV-Cultura começou a ser feita por pessoas que não gostavam, que tinham alegria por televisão. Temos ainda um punhadinho de elite que gosta de dizer: "Eu estava passando pela copa, quando vi a minha empregada vendo televisão". Até hoje, existem pessoas que têm vergonha de dizer que vêem televisão. E foram pessoas inteiramente desvinculadas da televisão, que começaram na TV-Cultura. Ora, você não pode tocar piano, se você não ama o piano. Tudo para ser bem feito precisa ser feito com amor. Então, pessoas que consideravam a televisão uma prima pobre, bastarda, da família das artes e comunicações, usando luvas para não sujar as mãos, começaram a manipular o monstrego, com medo de contaminação. Aquela contaminação do popularesco... Pena que no latim não tenha um nome para isso; poderia ser "virus popularescus". Uma coisa de audiência enorme, uma coisa que a cozinheira vai ver e ouvir. A intenção não era fazer televisão para a cozinheira ver, mas sim para o executivo, para o ministro, para a senhora elegante do duplex do Jardim América, para o morador do Morumbi. Nós todos sabemos que foi assim que nasceu a TV-Cultura. Claro que teria que haver desinformação. Se em termos comerciais, era muito jovem, em termos de televisão de governo ela nascia



Helena anuncia: a televisão vai gerar um novo conceito de cultura.

naquela ocasião. Então, todos eram calouros. Havia os que não tinham nojo do veículo; e foram estes que fizeram o que de bom nela existe — porque nem tudo é negativo na Cultura. Então, esses que não tinham nojo, que amavam a televisão, conseguiram fazer alguma coisa boa, em termos de verbo e imagem. Mas os outros levaram a TV-Cultura ao estágio em que ela se encontra agora, trabalhando quase em circuito fechado.

— Qual seria a receita para fazer boa televisão?

HS — A receita seria ir ao povo. É muito engraçado você ouvir o intelectual dizer: "Ah, mas a telenovela, não! Tudo, menos a telenovela" — quando milhares de pessoas nesse Brasil todo curtem a telenovela. Alguém disse: "A TV-Cultura pode ir até certo ponto, mas telenovela é concessão demais". O público quer a telenovela? Vamos então fazê-la, juntamente com teleteatro, sempre numa base em que haja entendimento e comunicação, que o grande público tenha sempre um mínimo de informação. Podemos partir para a telenovela histórica, então o telespectador será informado através de elementos de entretenimento, que poderão lhe dar uma base cultural. Podíamos sair da telenovela didática, que já se experimentou, com uma conclusão muito chata. Toda forma de arte, da mesma forma que emociona, que tem elementos de informação, também é depoimento. Veja, por exemplo, "Gabriela". Foi uma novela importantíssima, não se pode dizer que tenha sido

gratuita. Foi o depoimento de uma época, contou a saga do cacau. Fez o levantamento de toda uma sociedade agrária, que terminava seu mandato na figura do Coronel Ramiro, para começar a época do mandato da burguesia, no Mundo do Falcão. Aquilo tudo foi contado de um modo que as pessoas mais primárias podiam entender. Evidentemente, houve pontos negativos. Essa poderia ser, perfeitamente, uma novela feita pela TV-Cultura.

— Deveria convocar-se grupo de comunicadores para debater e oferecer soluções para a TV-Cultura?

HS — Acho isso imprescindível. Digo mais, acho que não só a TV-Cultura deveria ter uma banca permanente, uma banca consultiva — e, sim, todas as televisões. Acho que a televisão está precisando de uma reformulação de valores éticos. Por exemplo, quando se fala em censura, o que o intelectual diz imediatamente é que não adianta tirar a censura da esfera policial e passá-la para a esfera educativa — o que seria o mesmo que tirar da mão direita e da para a mão esquerda. O intelectual é avesso a qualquer espécie de censura. Então não digo que haja uma censura coercitiva, mas um censura que estabeleça a propriedade de determinados programas, de determinados horários. Isso é necessário, urgentemente, para que a telenovela não morra, porque a telenovela morrendo morrerá também a ficção novelística brasileira. Nós temos que ter uma banca consultiva presidindo os destinos da televisão

no Brasil. Isso é muito importante, que as autoridades do ensino e da cultura envolvam em nossa televisão, porque ela amanhã poderá se tornar um veículo, inteiramente desvinculadas de nossa realidade.

— Que nomes indicaria para essa banca consultiva?

HS — Personalizar é uma coisa meio difícil. Acho que teria de haver educadores, psicólogos, artistas, gente que conhecesse e amasse a televisão.

— Não é um grave erro mudar a diretoria da TV-Cultura, a cada mudança de governo?

HS — Começa-se uma coisa que poderia ter um resultado positivo; e de repente vêm a paralisação e as mudanças. Acho que a Fundação Anchieta não deveria se submeter a essas flutuações advindas de mudanças de governo. Devia ser mais estável, para se poder trabalhar melhor. Como a audiência não é tão imprescindível, não existe o fantasma do Ibope a perseguir. Poderia muito bem pesquisar. O teleteatro da TV-Cultura às vezes é bom ou menos bom ou francamente ruim. Mas eu acho admissível o erro, quando está havendo uma pesquisa em termos de linguagem de vanguarda. O que não é válido é repetir o que outras emissoras comerciais fizeram. Isso não tem sentido. Como foi, por exemplo "A Ceia dos Cardeais". Acho incompreensível gastar um dinheiro que deveria ter sido empregado no sentido de abrir horizontes. A TV-Cul-

tura poderia pesquisar; e então a televisão comercial poderia servir-se dessa espécie de universidade, que seria a TV-Cultura.

— A TV-Cultura deveria ser entregue à Universidade de São Paulo?

HS — Francamente, não posso responder. Não sei quais os elementos positivos que a USP teria para oferecer, para tomar conta de uma coisa tão importante. Tenho visto alunos da Escola de Comunicações saírem despreparados e irem aprender depois no dia a dia da televisão; mas acho também que eles poderiam acabar aprendendo. Estabelecer o que seja cultura, em termos de televisivos, já nos levaria a uma série de conceitos filosóficos. Inclusive a televisão é tão importante que abre caminho para um novo conceito de cultura, que não é aquele bolorento de cultura fechada em compêndios e enciclopédias. Cultura realmente não é isso, é algo muito mais vivo — e a televisão atualmente está muito próxima do que seja cultura.

— Por que tanta gente briga por um canal que ninguém vê?

HS — Essa pergunta já pressupõe uma resposta: que ninguém vê o canal, não é? Não precisa ser nenhum Freud para se saber que coisa tão poderosa é o poder e a glória, não é? Então, é um tetro; embora esse tetro seja de latão, e não de ouro, é um tetro que cada um quer empunhar. É uma forma de poder, então ele seduz. Há sempre a ilusão de que cada um tem a receita mágica capaz de tornar aquele canal que não é visto em líder de audiência. Todos têm essa pretensão, inclusive os que têm mais pretensão de reformar este canal são as pessoas que detestam a televisão. Então, elas querem reformar o canal em termos de não televisão, de antitelevisão, em termos livrescos, em termos teóricos, altamente elitizantes. E essas pessoas acham que, no dia em que tomarem conta da televisão, Proust será visto e entendido pela minha lava-deira. Enfim, ilusões, ilusões e mais ilusões. Mas elas sabem o poder que terão, porque sabem que, em termos de comunicações, uma televisão que ninguém vê é ainda vista que um jornal que todo o mundo lê!

Os 10 mandamentos de Helena Silveira, sobre a televisão.

I

Em termos de comunicações, uma televisão que ninguém vê é sempre mais vista do que um jornal que todo o mundo lê.

II

Havia um conceito de cultura, antes da televisão. Agora, tem que haver um outro conceito de cultura, depois da televisão.

III

A "Gabriela" foi uma novela importantíssima. Expressou o depoimento de uma época, contou a saga do cacau.

IV

Todas as televisões deviam ter uma banca consultiva, porque todas precisam de uma reformulação completa de valores éticos.

V

Morrendo a telenovela, morrerá também a ficção novelística brasileira.

VI

É admissível o erro em televisão, quando se está pesquisando em termos de uma linguagem de vanguarda.

VII

A TV-Cultura poderia ser uma espécie de universidade, ganhando uma séria incumbência para com as outras emissoras.

VIII

A televisão está abrindo um novo conceito de cultura, muito distante daquela cultura fechada de compêndios e enciclopédias.

IX

Estamos diante de um meio de comunicação novo demais, que nos esmaga um pouco com o seu poder. Somos todos calouros em face da televisão.

X

Ainda há pessoas que têm vergonha de dizer que vêem televisão. Mas elas constituem uma elite em desorganização.

Por que resolvi ser empresário

O escritor e publicitário Ricardo Ramos trabalhou durante dez anos na McCann Erickson Publicidade.

Aqui ele conta porque resolveu montar sua própria agência.

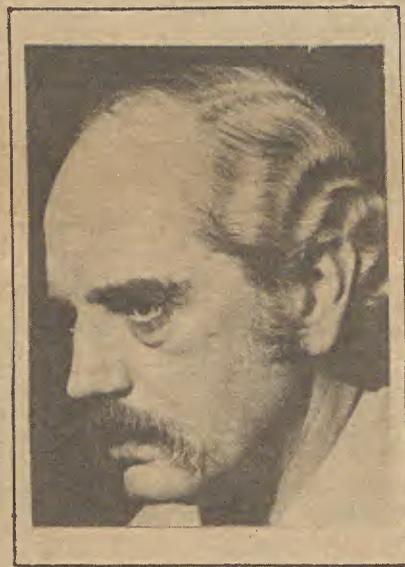
Dias atrás encontrei Samuel Wainer e ele me perguntou: então, é verdade que você vai montar agência? Respondi afirmando, ia mesmo, e ouvi uma série de indagações. Há quantos anos você trabalha em propaganda? por que resolveu partir para uma agência sua? você não estava tão bem? Tinha o ar de estranheza, ou talvez apenas quisesse entender. Eu balançava a cabeça, sorria, afinal disse que não podia explicar assim de repente, era uma conversa comprida. Nós nos despedimos, e agora as suas perguntas se repetem em forma de entrevista, imagino que as minhas respostas devam ocupar um determinado espaço. Por isso tentarei ser breve, ainda que as razões sejam várias. Podem parecer disparatadas, ou sem ligação, mas creio que fazem sentido. Veja.

Acho a palavra "empresário" um troço pomposo, não sei se vou ser isso. Vou simplesmente abrir uma agência. Porque há um momento em que todo homem de propaganda começa a desejar pôr em prática, com maior liberdade, a somatória da sua experiência. Há muitas maneiras de fazer publicidade, algumas delas bem próximas daquilo que acreditamos a mais correta e produtiva. Daí a partir-se para uma empresa própria é um passo. Isso deve acontecer em outras profissões, essa vontade de conferir, de ver se pode ser. Creio que foi o que aconteceu comigo.

Encontrei dois amigos, Francisco Gracioso e Geraldo Tassinari, que estavam pensando no mesmo sentido. Eles são dois enormes profissionais, cada um na sua área. Francisco Gracioso é homem de marketing, de conceito, entende de muita coisa em muitas faixas da comunicação com o mercado. Geraldo Tassinari é voltado para a mídia, a distribuição da mensagem de propaganda em termos de estratégia, de plano, de negociações etc., vê um dado público tanto em bases sociais quanto psicológicas. São profissionais maduros, respeitáveis. E ambos escrevem (Gracioso tem livros especializados que fizeram sucesso), dão aulas, fazem palestras, estão na mesma linha de participação em que me encontro. Claro que existem afinidades entre nós. Sem eles, sem essa coincidência feliz, penso que não teria partido para uma agência.

Por mais que alguns disfarçam, existe satisfação em se fazer propaganda. Em escrever, orientar, curtir as várias fases do nosso trabalho. Na grande empresa, à medida que o sujeito se desenvolve, entra a perder de vista o elementar da sua profissão. Ele se distancia, passa a teleguiar. Creio que todo publicitário, ao trocar uma posição tranquila de empregado pelo quebra-pau de dono de agência, está querendo também o retorno às suas fontes. Ao anúncio, ao comercial, a texto, ilustração e melodia. Ao fazer, profissionalmente. Acho que isso aconteceu comigo e com meus companheiros.

Tanto quanto o prazer do trabalho, é compreensível que se dilua na grande empresa a liberdade de expressar as nossas próprias opiniões ou seguir nossas tendências. Eu sei que uma imensa, enorme agência, é uma coisa impessoal. Mas continuo gente. E posso talvez ser mais, com todos os erros e acertos, no meu próprio negócio. Tenho certeza de que Gracioso e



Tassinari pensam também assim.

Se na literatura eu me tenho envolvido, o mais possível, com as tentativas de expressão de uma realidade brasileira, creio que na propaganda isso pode e deve ser feito. Valorizando o talento nacional na área da criação. Dando a ele condições para que se manifeste mais fortemente, como a

própria linguagem do público a que se dirige. Não se trata de chauvinismo, é claro, mas de contribuir para que a nossa propaganda reflita as necessidades e aspirações nossas, o consumidor no seu comportamento social e não apenas como comprador de um produto. As nossas opiniões a esse respeito são tão claras quanto as nossas críticas. E como brasileiros, pensamos que uma agência brasileira terá responsabilidades nesse terreno.

Isto se liga a uma pergunta que têm feito, a meus sócios e a mim, com alguma insistência: vocês deixaram uma organização multinacional para trabalhar só com clientes brasileiros? Ora, essa é uma dúvida pueril. Não podemos ignorar a nossa realidade. Temos aqui empresas multinacionais e empresas nacionais, agências multinacionais e agências nacionais, que atendem indiferentemente a clientes nacionais ou não. Somos uma agência brasileira, e de nascimento, mas que já começa familiarizada com os problemas de grandes clientes internacionais. Neste particular, a diferença está em que o nosso centro de decisões é São Paulo e somos nós. Não vou negar que isso também pesou em nossos cálculos, quando nos resolvemos a criar uma nova agência.

Houve quem acreditasse em nós, mesmo antes de começarmos. Um cliente primeiro, e decisivamente, depois outros. Diretores de veículos, de várias agências, que nos incentivaram com apoios de natureza diversa. Isso, no seu conjunto, resultou em que não iremos principiar tateando. Já nos iniciamos com o tamanho, a estrutura e a orientação que pretendíamos dar à nossa agência.

Afinal, temos a consciência de que o mercado publicitário, nessa altura do jogo, oferece grandes oportunidades de desenvolvimento a uma agência média, bem aparelhada em recursos técnicos, que esteja à altura da concorrência acirrada dos nossos dias. Em outras palavras, que seja ágil e agressiva. Como a agência que imaginamos, em qualificações e características. Ao mesmo tempo simples e sofisticada, rápida e consistente, batendo pronto e marcando gol. De passagem, vai chamar-se Tempo. Tempo de Publicidade. Já entramos nele, não é mesmo?

seja para quem for, desde já se declara que ela não é verdadeira, que os jornais estão sonhando acordados, que nenhum Bung Born veio ao Brasil e até mesmo que o Brasil não existe, portanto ninguém poderia ter vindo cá.

Ações Alcan, novidade para breve.

Uma das grandes do alumínio no Brasil, precisamente a ALCAN, está guardando cuidadosamente um segredo: vai abrir o capital e colocar ações na Bolsa, dentro de muito breve. Afinal, não entendemos como é que se pretende guardar tal segredo, montando abertamente um departamento de acionistas, para a chefia do qual se convida um técnico que meio mundo conhece. Ele pode guardar segredo, mas quem o vê trabalhando na montagem do departamento fica sabendo de tudo...

Político vira vendedor de Fiat

Como no Gênesis, as autoridades acabaram dizendo Fiat, e a Fiat está sendo feita em Minas Gerais. As autopeças terão que ir de São Paulo, a não ser aquelas que a Krupp vier a fabricar. A maioria dos automóveis também serão vendidos em São Paulo, já que é este o grande mercado de veículos. Por isso, houve quem não entendesse a implantação da indústria em Minas, apesar da generosidade do fisco mineiro. Essa incompreensão, porém, vai se desfazendo, à medida que surgem os pedidos das pessoas que pretendem ser concessionárias. Segundo consta na praça, grande parte dos pedidos é de políticos, alguns dos quais de altíssimo coturno. Entre as entidades que as más línguas apontam como desejosas de obterem uma concessão de venda dos automóveis Fiat, citam-se os

ex-ministros, deputados e senadores. Os apóstolos dos bons costumes dizem que vender automóveis não é a pior das maneiras de ganhar dinheiro. Nesse caso, por que não?

Este Brasil, porto de abrigo.

Bung Born é o nome de dois famosos irmãos argentinos, donos de um império a que também pertence um grande grupo de firmas brasileiras (Sambra, Moinho Santista, Tecidos Tatuapé, etc). A imprensa brasileira noticiou, faz pouco tempo, que um dos irmãos Bung Born havia sido visto por aqui. Como a presença não podia ser desmentida, disse-se que o famoso homem de negócios veio apenas gozar férias. Mas não foi bem assim: discutiu-se a hipótese da transferência da sede do grupo para o Brasil, onde parece que o clima é mais propício ao sucesso dos negócios. Em todo caso, se esta notícia puder provocar complicações

J. RODRIGUES MATIAS

Querem vender o iate de São Paulo

Dizem que empresário é um homem difícil de encontrar, mas não é. Se a gente o espera à porta do banco, ele acaba sempre passando. É claro que não vai ao banco para depositar dinheiro. Para isso, qualquer empregado serve. O empresário aparece apenas para pedir dinheiro. Num mundo de empresas de estrutura financeira deficiente, quem não tem que pedir? O que isso custa, só sabe quem pede, mas quem não pede não tem negócio.

O banco pode ser estatal ou privado. Se é privado, o cliente fala mais abertamente, quando sai de lá. Banco privado é casa de negócios. Cada um ganha quanto pode e como pode. Ninguém leva a mal.

À porta do banco ou da agência financeira estatal, fala-se menos. Na maioria dos casos, é preciso adivinhar os pensamentos do interlocutor. Ele confessa o que se passa, mas pede para a gente não dizer que ele disse. Afinal, banco estatal é para ajudar a fazer negócios, não para ele próprio fazer negócios e ganhar dinheiro. Então, o empresário pensa (e às vezes diz):

— Quando eu preciso de empréstimo para a minha empresa, o banco me empresta. Só que exige garantias de 5 por um. E não se contenta com garantias de 5 por um: ainda quer o meu aval particular de diretor. E não é tudo: também quer o aval de minha mulher.

Não param aí as queixas:

— Depois de me conceder o empréstimo, o banco pega o meu projeto e modifica-o. Aí, eu preciso de mais dinheiro. Enquanto coço a cabeça, sem saber o que fazer, o próprio banco me diz ao ouvido que a situação é fácil de resolver. Basta que eu tenha um amigo. Nesse caso, eu peço um empréstimo pessoal, avaliado pelo meu amigo, o banco me empresta e eu completo o que falta para implantar o projeto da empresa. Isso, é claro, na hipótese de o meu amigo ser casado e ter uma esposa que se disponha a valisar um empréstimo garantido pelo marido dela, para o dinheiro ser aplicado numa empresa de que o amigo do marido não é nem acionista. Amigo desquitado não serve.

Acabou aí? Seria bom que tivesse acabado, mas não acabou.

— O dinheiro que me é emprestado, queixa-se o pobre do empresário, vem ter às minhas mãos através de outro banco, e eu tenho que pagar o repasse. Mas isso não é o pior, porque se trata apenas de pagar. Isso, a gente acaba sempre fazendo. O pior é que, em seguida, o banco bota um administrador financeiro dentro da minha empresa. Esse administrador pode ficar calado até o fim do ano, mas nessa altura resolve abrir a boca. Para dizer o quê? Que a diretoria não pode receber gratificação. A empresa é minha, o dinheiro é meu, os avais são meus, da minha mulher, dos meus amigos e das mulheres dos meus amigos, mas não me é permitido receber gratificação.

Finalmente, esse é o fim? Não. O empresário tem mais:

— Um dia, o diretor financeiro do banco acorda com o fígado avariado e diz para a mulher dele, que nunca deu nenhum aval: — Vou vender o iate dele. E se as coisas não correrem melhor para o futuro vou mandar vender o Mercedes dele.

Quando se apercebe de que não é mais o comandante da sua própria empresa, o empresário corre o risco de um descontrole nervoso, que o leve a andar berrando por aí: Querem vender o iate de S. Paulo! E, quando S. Paulo não tiver mais direito a possuir um iate, vai ter enfarte para quê? vai se amantizar e dormir com a fábrica para quê? vai pagar impostos e criar novos empregos para quê? vai exportar para quê?

O empresário paulista entende muita coisa, mas não entende que o obriguem, a ele, à mulher dele, aos amigos dele e às mulheres dos amigos dele, a afiançar um empréstimo destinado a uma fábrica de que nem ele é acionista.

Principalmente, não entende que, depois de dar à firma avais de milhões, lhe digam que não podeter mais alto salário, que não pode ter gratificação, que não pode ter Mercedes, que não pode ter iate. Se pede demissão, a firma pode falir, e lá vai ele ser arrastado na falência; se fica, não manda mais nada, não pode mais ser senhor de uma decisão, de um Mercedes, ou de um iate.

Conheço um que, depois de assistir ao enfarte do pai, tomou a decisão de vender a fábrica e montar casa na Suíça. Falo dele, porque não gostaria de ver muitos seguindo o seu exemplo.

A missão de todos

É missão do Governo conhecer e procurar resolver os problemas. Para isso, você paga impostos. Mas não é possível resolver todos os problemas de uma metrópole como São Paulo, que cresce o equivalente a uma Brasília por ano — 600 mil novos habitantes a cada 12 meses. Deve o Governo, portanto, fazer o possível, escolhendo com cuidado, planejando para que cada cruzeiro investido em obras alcance os melhores resultados.

A Grande São Paulo, com 37 municípios, é um exemplo de interligação de problemas: uma fábrica poluidora instalada na Capital afeta a população de um município vizinho. A derrubada de florestas em outro município prejudica a metropolita, os limites dos municípios não separam os seus problemas.

É por isso que os 11 milhões de habitantes da Grande São Paulo têm uma cidadania nova. Não podem ser considerados paulistanos, poeenses, andreenses, diademenses, guarulherenses, etc. Somos todos paulistões.

E temos todos uma obrigação: participar do planejamento da Grande São Paulo. É para isso que você está sendo convidado neste anúncio.

Responda, se quiser, paulistão. Agora, o problema é seu.

Habitação

Pela primeira vez na história de São Paulo, o Governo do Estado inclui entre suas metas prioritárias a solução do problema habitacional, responsável pela marginalização social de enorme massa trabalhadora.

Disposto a facilitar o acesso dessa população de baixa renda a uma moradia digna, o Governo já anunciou e vai colocar em execução o Plano Habitacional do Estado de São Paulo, que prevê, entre outros benefícios, a construção de 300 mil residências em cinco anos, aplicando recursos superiores a 20 bilhões de cruzeiros.

Haverá 17 opções à escolha do candidato à casa própria, desde o financiamento do terreno ou do material de construção até a entrega da casa ou apartamento prontos. Aqueles que não ganham o suficiente para comprar uma residência, por mais modesta que seja, também serão beneficiados pelo Plano: o Governo construirá a casa e cobrará um aluguel acessível. Esse aluguel, no futuro, poderá ajudar a pagar o imóvel, caso o morador deseje comprá-lo. Além destas, muitas outras idéias serão colocadas em prática.

Os técnicos do Governo pretendem estimular a utilização mais racional do espaço urbano da metrópole, concentrando os novos bairros residenciais nas áreas dotadas de serviços públicos, como água, luz, asfalto, etc. O esforço comum Governo—População pode não eliminar completamente as favelas e cortiços, mas será um grande passo.

Poluição

O progresso não é incompatível com o bem-estar da população. Mas, quando a gente vê nossos filhos com os olhos vermelhos, o céu encoberto e o escapamento dos carros tirando mais fumaça, sentimos uma irresistível vontade de xingar o progresso, fechar as fábricas, tirar os veículos de circulação.

Seria um desastre. As 40 mil fábricas da Grande São Paulo geram empregos para você e riqueza para o país. Muitas delas poluem, mas é preciso inteligência e determinação para resolver o problema. A frota de mais de um milhão de veículos polui o ar, mas presta serviços indispensáveis à população. E essa poluição pode ser evitada.

O Governo está agindo: orientando as indústrias para que instalem equipamentos e filtros; criando facilidades para que algumas delas se localizem fora da Grande São Paulo, em áreas apropriadas; fiscalizando os focos de poluição, com ajuda da comunidade, como tem feito a CETESB; estudando novos equipamentos para que os veículos reduzam o escapamento de gases nocivos; mantendo contatos com autoridades federais e com industriais, na busca de soluções urgentes.

Água e Esgoto

Há um tipo de poluição que muita gente desconhece, embora muito perigosa: a poluição das águas.

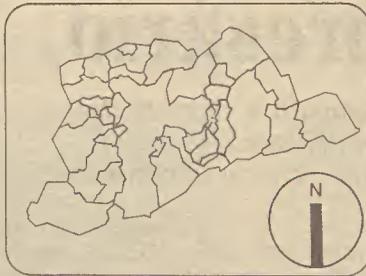
Metade da água da região da Grande São Paulo já está perdida para o consumo doméstico.

Metade da população ainda não dispõe de água encanada. E apenas um terço das residências dispõe de esgotos.

O Governo está preocupado com a situação. A SABESP está ampliando à toda velocidade o serviço de água canalizada. Até alguns meses atrás o recorde era de 3.900 ligações novas por mês. Esse número vem subindo sempre. Em outubro chegou a 20.000 ligações. Irá aumentar ainda até 25.000 por mês e, em meados do ano que vem, mais de 300.000 novas ligações terão sido feitas, levando água, gratuitamente, a mais de um milhão e meio de paulistões.

O Sistema de Planejamento e de Administração Metropolitana tem um projeto pronto, prevendo a limpeza dos rios da Grande São Paulo em quatro anos, com a retirada dos esgotos, para tratamento em local desabitado. Além disso, o Governo enviou à Assembléia Legislativa projeto de lei de proteção aos mananciais, para que nossos rios sejam preservados da poluição.

Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos



Descobrimo a Grande São Paulo

O objetivo desta campanha: pesquisar e colher o ponto de vista da comunidade sobre os seus problemas.

Nós achamos que não deve haver maioria silenciosa nem Governo surdo. Queremos falar. Mas também queremos ouvir. Juntos vamos fazer. Leia com atenção o questionário abaixo. Responda às perguntas. Você, que vive os problemas, estará participando das soluções.



QUESTÕES GERAIS

O Governo está empenhado na solução de muitos problemas. Quais deles você considera mais importantes? (Assinale 4 dos mais importantes.)

- Descanso. Criar novas áreas onde as pessoas possam descansar, divertir-se
- Moradia. Facilitar a aquisição de casa própria
- Transporte. Melhorar os meios de transporte
- Segurança. Melhorar o policiamento
- Saúde. Cuidar mais intensamente dos problemas de saneamento e saúde pública
- Água. Ampliar ainda mais o serviço de água
- Lixo. Melhorar a coleta de lixo
- Esgotos. Estender a rede de esgotos a todos os bairros
- Poluição. Combater a poluição do ar, da água e do solo
- Civismo. Fazer campanhas de informação e educação pública para que o povo se interesse pela sua cidade
- Educação. Instalação de mais escolas e grupos escolares, ampliando e melhorando os já existentes
- Urbanização. Levar calçamento, água, luz, telefone a todos os bairros

Se você fosse convidado a trabalhar nas férias ou fins de semana para ajudar a resolver os problemas de interesse do povo, como moradia, transporte, etc., você aceitaria ou não?

- Aceitaria, trabalharia
- Não aceitaria

Se você fosse responsável pelo seu bairro, o que faria para melhorar a vida das pessoas que aí moram?

.....

.....

.....

.....

POLUIÇÃO

Uma cidade pode ser grande, industrializada e não ser poluída.

O que é mais importante para reduzir a poluição de São Paulo? (Assinale 4 das mais importantes.)

- Ajudar as indústrias a instalarem equipamento antipoluição
- Melhorar a rede de esgotos
- Fazer campanhas de esclarecimento
- Melhorar a coleta de lixo
- Criar equipes de fiscalização
- Melhorar o abastecimento de água
- Melhorar o nível de educação pública

Qual a poluição mais prejudicial?

- Do ar
- Da água
- Do solo

O que você acha que causa mais poluição na Grande São Paulo?

- Os automóveis e ônibus
- O lixo
- Os esgotos
- As fábricas

Em sua família já houve algum caso de doença provocada pela poluição da água ou do ar?

- Sim, da água
- Sim, do ar
- Não houve
- Que doença?

HABITAÇÃO

Algumas pessoas de São Paulo moram no mesmo lugar durante muito tempo, outras vivem mudando. Por que as pessoas se mudam? (Assinale dois motivos mais importantes.)

- Procurando aluguel mais barato
- Procurando bairros mais limpos
- Procurando bairros mais seguros
- Procurando ter sua própria casa
- Procurando facilidades de transporte
- Para ficar perto do local de trabalho

O que é melhor: morar em casa alugada por um preço menor ou em casa própria por um preço maior?

- Casa alugada
- Casa própria

Você conhece o Plano Habitacional do Governo do Estado?

- Sim
- Não

Qual a sua opinião a respeito?

.....

.....

De que forma o Plano Habitacional pode ajudar você a morar melhor?

- Construindo casa para alugar a preços módicos, deixando ao morador a opção de comprar quando puder
- Financiando a longo prazo e a juros baixos a compra de terrenos
- Financiando a longo prazo e a juros baixos a compra do material de construção
- Fornecendo instruções grátis, inclusive planta e tabela de preços de material de construção, sobre o modo mais barato de construir a residência
- Incentivando o mutirão para que os vizinhos e conhecidos se reúnam e ajudem a construir a residência
- Estabelecendo convênio com o BNH para financiar a residência para a família de renda mínima

ÁGUA E ESGOTO

A poluição dos nossos rios tem obrigado o Governo a trazer água de muito longe. Na sua opinião, o Governo deve continuar a buscar água cada vez mais longe ou deve proteger a água próxima que nos resta e aplicar o dinheiro em outras obras?

- Trazer água de longe
- Proteger nossa água

Qual a maior vantagem da água encanada sobre a água de poço?

- Mais abundante
- Sem contaminação
- Mais fácil de obter

O Governo já está desviando os esgotos que são lançados no Tietê, Pinheiros, Tamanduateí e outros rios de São Paulo e, assim, despoluindo esses rios. Você acha que isso é de importância prioritária ou há coisas mais urgentes?

- É de importância prioritária
- Há coisas mais urgentes

O que é mais urgente?

.....

.....

Preencha este questionário e guarde-o até a publicação do segundo questionário, no dia 30-11-75. Entregue os dois questionários juntos ao seu jornaleiro e receberá uma excelente coleção de mapas coloridos da Grande São Paulo.

Nome: Instrução: Primária Secundária Superior

Sexo: Idade: Profissão: Bens de Família: Sim Não

Endereço: N.º Casa própria Terreno ou lote

Bairro: Município: Televisor Bicicleta

Local de Nascimento: Geladeira Máq. de costura

Há quanto tempo mora na Grande São Paulo? Liquidificador Máq. fotográfica

Automóvel



PONTO-DE-VISTA

O mais mineiro entre os mineiros

O governador Paulo Egydio não "roubou" a festa política em que acabou se transformando a vinda do senador Magalhães Pinto a São Paulo, e que realmente serviu para demonstrar que pelo menos desta vez a classe política está consciente das dificuldades institucionais pelas quais passa o País e a necessidade de se unirem em torno de uma só bandeira, desfraldada pelo presidente Geisel e que poderia ser definida como "distensão política".

Um dos artífices da distensão, desde a posse do presidente Geisel no Palácio do Planalto, Paulo Egydio acabou se transformando num dos alvos preferidos das extremas, interessadas num outro clima político nesta República. Como **Aqui** já frisou, pode ser que a maioria não tenha entendido a importância do trabalho desenvolvido na campanha eleitoral de 74 pelo governador de São Paulo, pois na medida em que ele "atacava" o MDB e passava o "pito" nos prefeitos arenistas, por não defenderem a candidatura de Carvalho Pinto ao Senado, ele, naturalmente, ensejava uma resposta dos opositoristas, até que se obteve uma tropical temperatura de campanha eleitoral para uma classe política que estava acostumada à neve.

"De São Paulo saíram os fantasmas; para São Paulo eles devem retornar". Essa imagem, feita no fim-de-semana por uma experiente "raposa política", era uma antevisão do que representava a viagem de Magalhães Pinto a este Estado, para receber um velho título de cidadania, que em qualquer outra circunstância já teria caducado. Mas não. Não teria havido, ao longo destes onze anos e meio, melhor momento para a entrega solene da honraria. Basta virar as páginas do livro e constatar que esse mesmo título havia sido outorgado pelos relevantes serviços prestados ao País por Magalhães Pinto, impedindo a instalação de um regime ditatorial. Ao revolucionário Magalhães, portanto, as honras de herói na luta pela defesa das instituições.

Na visita do presidente Geisel a São Paulo, a bancada estadual do MDB havia cumprido o seu papel. Foi a palácio em peso, cumprimentar o presidente. Mas um apoio a Paulo Egydio, ostensivo, direto, teria a sutileza de um soco de Eder Jofre. E o próprio Paulo Egydio, o "governador da distensão", não teria como receber a homenagem sem que houvesse desgaste para ambos os lados. Com Magalhães, o presidente do Senado, a história seria diferente. A presença muda de um Ulisses, de um Montoro, de um Quércia, de um Laerte Vieira, ao lado de Garcez, Carvalho Pinto, Maneco Ferreira, Claudio Lembo, Nabi Chedid, Rafael Baldacci, teria como teve — mais força do que cem discursos. E, mineiramente, armou-se em São Paulo o cenário da "união nacional", sem que nem mesmo faltasse a leve pitada de uma figura como Jânio Quadros e, por tabela, de Juscelino Kubitschek. E, mineiramente, sem documento, fêz-se a união.

JOSÉ CARLOS BITTENCOURT

Tanto os arenistas como os emedebistas, estão mais do que nunca unidos em torno do presidente Geisel. É o que provou a presença de Magalhães Pinto em São Paulo.

União Nacional, da teoria à prática

A "união nacional" de arenistas e emedebistas em torno do presidente Ernesto Geisel deixou o terreno teórico para ser colocada em prática: foi o que ficou fartamente evidenciado na presença do presidente do Senado em São Paulo, para receber um título de cidadania paulistana concedido pela Câmara Municipal em 1964, por seus serviços prestados à Revolução.

Nem mesmo os desmentidos de Magalhães Pinto, segundo os quais não faria nenhum "importante pronunciamento" em São Paulo serviram para esvaziar a expectativa que havia se criado em torno dessa visita a São Paulo, o que, em condições normais representaria, afinal de contas, somente mais uma viagem e uma solenidade, sem qualquer pita de sal ou pimenta. O tempero político, porém, já havia sido convenientemente preparado e o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, o jovem vereador Carlos Eduardo de Sampaio Dória, antigo auxiliar do falecido prefeito Faria Lima, já havia perdido muitas horas de sono em cima de seu discurso de saudação a Magalhães, que pode ser resumido em quatro palavras: contra qualquer espécie de radicalismos.

O cenário estava preparado e as cortinas foram abertas numa conveniente segunda-feira, quando todos os deputados federais e senadores paulistas ainda estão em São Paulo. Naquela noite, não foi surpresa encontrar o ex-senador Carvalho Pinto ao lado do recente senador Orestes Quércia, Ulisses Guimarães e Franco Montoro ao lado do vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho, do ex-governador Lucas Nogueira Garcez e do presidente da Arena paulista Cláudio Salvador Lembo. Isso sem se falar nas presenças de secretários estaduais ao estilo de Rafael Baldacci e Rui Silva ao lado de deputados federais "autênticos" do MDB. Os encontros começaram acontecendo na Câmara Municipal e prosseguiram noite adentro na residência do empresário Rocha Diniz.

Magalhães Pinto desempenhou a contento o papel a ele reservado de "costureiro" de uma união política nacional a partir de São Paulo, um Estado que vinha se mantendo desacre-



ditado em termos de atuação política e cuja cotação só subiu realmente a partir do processo eleitoral de 74.

E, como se seguisse um "script", o presidente do Senado falou primeiro aos arenistas, na sede do partido ("Sou um liberal, mas sobretudo um democrata") e, depois de dar uma "injeção de ânimo" em seus companheiros da Arena visando as eleições municipais de 76, lembrou que, ele, Magalhães, sempre foi um "defensor das instituições". Em seguida, participou de uma bem comportada entrevista aos jornalistas paulistas, na qual disse que o Brasil não precisa se preocupar com a ação de "radicias inexistentes", pois "o con-

trole do presidente da República sobre a situação do País é total".

— É necessário — disse ele — conter a ação das minorias radicais, a fim de que não perturbem a tranquilidade necessária à normalização do processo democrático.

A tese defendida pelo chefe da Casa Civil estadual, Arrobas Martins, mereceu reparos suaves: "O Poder Moderador é assunto delicado. É preciso saber se as Forças Armadas se propõem a aceitar uma nova função, integrando o Governo, ao invés de só garantir a soberania e a paz interna".

O movimento de "união nacional" passou da teoria à prática.

BOLETIM

NOTA ALTA



O destaque desta semana vai para o líder Nabi Chedid, da Arena, que, apesar de literalmente atolado com mensagens governamentais na Assembléia, está conseguindo um índice excelente de aprovações. Também nos bastidores, uma atuação destacada: sozinho conseguiu evitar o andamento do pedido de "impeachment" formulado pelo deputado emedebista Rubens Granja.

NOTA MÉDIA



Pouca gente — por razões mais do que óbvias — teria coragem para atacar a verdadeira "indústria" de clínicas de emagrecimento que se instalou na Capital. O deputado Abraham Dabus, da Arena, médico conceituado, não temeu colocar o dedo nesta ferida.

NOTA BAIXA



A semana esteve pródiga em notas baixas. Mas os destaques vão desta vez para três deputados: Dulce Salles Cunha Braga, da Arena, e Nelson Fabiano Sobrinho e Robson Marinho, do MDB. Os três se engalinharam em plenário, à base da troca de discursos cordiais, nos quais Dulce chamava-os de "inocentes úteis" e "fascistas vermelhos" e eles, por sua vez, classificavam-na de "fascista".

CIRCUITO FECHADO

O prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo, é esperado em São Paulo. Ele vem participar de um simpósio sobre direito tributário organizado pelo ex-prefeito paulistano Miguel Colasuonno. * O deputado Ricardo Izar, da Arena, já está sendo considerado o **Arsène Lupin** da Assembléia: há poucos dias, ele conseguiu "sumir" com um projeto de lei governamental que se encontrava na Comissão de Educação, para evitar um voto contrário do relator e ganhar alguns dias, quando o "milagre" seria tentado. Quem ficou preocupadíssima foi a secretária da Comissão, a quem cabia responsabilidade pela guarda do projeto. Izar jura — sorrindo — que não teve "nada a ver com isto!". Acreditem: foi ele mesmo! * O vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho voltou de Brasília com novo supri-

mento de "oxigênio", depois de encontros com Golbery do Couto e Silva, general João Baptista Figueiredo, o presidente nacional da Arena, France-lino Pereira e outras importantes figuras da República.

* Arrobas Martins desmentiu: a missão do vice-governador em Brasília não foi a de aparar arestas diante dos seus repetidos pronunciamentos em favor da instituição do Poder Moderador.

* Mas na Assembléia, o deputado Del Bosco Amaral, do MDB, não dá folga ao chefe da Casa Civil: vai mesmo entrar com uma ação popular contra a aposentadoria de Arrobas no Tribunal de Contas do Estado. * Confirmado: a antiga Aerp (Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República) volta com força total. Deputados da Arena otimizistas. * Confirmado: Goldman renuncia à liderança do MDB.

ENTREVISTA

A falência do sindicalismo sem operários

A legislação social e trabalhista tem sido uma das principais preocupações dos congressistas e, em especial, dos representantes de São Paulo, que têm oferecido contribuições de importância para o aprimoramento das leis que amparam as classes trabalhadoras do país. Um desses projetos é de autoria do deputado Frederico Brandão, do MDB, que pretende estabelecer a representação proporcional nas eleições para os cargos de diretoria e conselho fiscal das entidades sindicais de 1º grau. Nos termos da proposta, figurarão obrigatoriamente nos órgãos dirigentes dos sindicatos os integrantes de chapas que lograrem obter 30% dos votos válidos nas eleições sindicais.

Ao explicar a AQUI SÃO PAULO os objetivos do projeto, o representante oposicionista acentua que ele é baseado no princípio democrático da representação das minorias, respeitado, por exemplo, nas Executivas partidárias. Atualmente — observa — permite-se que sejam eleitos para os cargos sindicais apenas os candidatos que alcançarem maioria absoluta dos votos dos associados eleitores; ou a maioria simples dos eleitores presentes.

— Pretendemos evitar a repetição do que vem ocorrendo há tanto tempo quando, por mais votos que consigam, as chapas representativas das minorias não conseguem representar, no corpo diretivo, os interesses e os ideais de significativa parcela do corpo associativo.

Fara Frederico Brandão, tal situação, agravada pelas restrições conjunturais da vida institucional brasileira e pelo verticalismo que marca nossa estrutura sindical, impede que os sindicatos possam se transformar em organismos realmente representativos de toda a base sindical, mantendo-os atrelados aos interesses ou concepções ideológicas nem sempre representativas da vontade da maioria.

Salienta o deputado paulista que, estabelecida em lei a participação das correntes minoritárias na condução dos negócios sindicais, de modo proporcional aos votos conseguidos no processo eleitoral, estará assegurada uma presença disciplinadora das atitudes da maioria, preventiva de abusos, inibidora de excessos.

— Ninguém, pois, qualquer que seja sua visão política, esteja à direita ou à esquerda suas concepções ideológicas, poderá inquirir de parcial ou malicioso o objetivo perseguido pelo projeto. Buscamos apenas, e acima de tudo, assegurar, pela maior participação de todos, a representatividade que falta às nossas organizações sindicais, como imperativo maior da procura de uma consciência realmente democrática e livre.

Brandão aponta a organização sindical brasileira como 'fonte alimentadora de permanentes preocupações a todos quantos — políticos, sociólogos, líderes sindicais ou apenas trabalhadores — se encontram direta ou indiretamente ligados a esse setor, por militância, dever de função pública ou curiosidade intelectual'.

Brandão deplora, sobretudo, o nível do controle exercido pelo Ministério do Trabalho sobre o movimento sindical, lembrando que isto vem desde o Estado novo.

— Tanto tempo de alienação dos postulados básicos a essa atividade — a autonomia e a própria liberdade — teriam de marcá-la, deformando-a, até chegarmos ao atual estágio: a de uma quase que completa falta de representatividade de suas direções que, de resto, vêm-se perpetuando nos cargos sindicais, à falta de condições institucionais que assegurem a livre participação de todos os trabalhadores no debate, na vida de suas entidades de classe.



Frederico Brandão: as deformações da vida sindical.

POSITIVO

O que os parlamentares paulistas estão fazendo por nós, no Senado e na Câmara Federal? O repórter Edson Lobão está de olho neles.

Arena: um SOS em troca de votos.

O crescimento vertiginoso de São Paulo tornou-se o carro-chefe das preocupações nacionais, sempre que se procura saber alguma coisa sobre as condições de vida do homem na cidade. Cálculos recentes demonstram que 60% da população brasileira vivem hoje em núcleos urbanos e se estima que 2/3 dos 125 milhões de brasileiros que terá o país até 1980, estarão localizados nas comunidades maiores ou menores.

A Fundação Milton Campos, órgão criado pela Aliança Renovadora Nacional, preocupada com esse aspecto mas também com o fato de que em 1980 mais de 2/3 do eleitorado quase 3/4, depositarão seus votos em urnas dos centros urbanos, procura determinar com segurança as dificuldades que hoje infelicitam as populações das cidades para então propor à Arena o desencadeamento de uma luta nacional pelos necessários corretivos. É inegável que esse partido coloca nessa iniciativa uma preocupação também eleitoral, já que no último pleito foi vitorioso em apenas cinco das capitais — Teresina, São Luís, Salvador, Belém e Maceió — mas não se pode deixar de ressaltar, por igual, a enorme valia prática desse diagnóstico. Tanto assim que o



Faria Lima: primeiro lugar em política urbana.

próprio presidente da República aceitou o convite que lhe fez o presidente da Fundação, deputado Marco Maciel, para a inauguração do 'Simpósio sobre Política Urbana', no dia 26.

Não faz muito tempo, o então prefeito Figueiredo Ferraz fez esta radiografia terrível da maior cidade brasileira, terminando por uma advertência não menos séria:

— A cidade de São Paulo atravessa uma fase histórica decisiva. E, já megalópolis reconhecida. Qualquer passo errado, qualquer atuação demagógica, qualquer timidez de ação, e pronto: tornar-se-á cidade insolúvel, um monstro urbano, disforme e neurótico. O mundo já nos ofereceu exemplos significativos de cidades sem solução. Aguardar pacificamente destino semelhante, é inconsciência, é crime.

Não quer a Fundação Milton Campos que tais crimes se cometam em São Paulo ou nas demais cidades brasileiras. Por isso, convoca o deputado Faria Lima, o parlamentar da atualidade que mais entende de política urbana, para ajudar nesse simpósio sobre 'Aspectos políticos da urbanização — o modelo brasileiro de desenvolvimento e a Urbanização — formulação de uma política urbana para o País — Serviços necessários aos núcleos urbanos'. Dentro desses temas, avulta o problema da poluição ambiental, sobre o qual terá maior participação o deputado Faria Lima, da bancada paulista.

O partido do governo quer ser o campeão das fórmulas de salvação dos grandes centros urbanos brasileiros.

NEGATIVO

Na Câmara e no Senado, o desempenho dos nossos parlamentares oscila, entre a ascensão de Faria Lima e a queda de Cunha Bueno.

O vôo acabou assim: "Prejudicado".



Cunha Bueno: um fracasso nada brilhante.

Antônio Henrique Bittencourt Cunha Bueno é deputado federal com 26 anos de idade — um dos mais moços da atual legislatura. Chegou com a disposição obstinada de brilhar, embora para isto não esteja suficientemente preparado. Trouxe de São Paulo a responsabilidade de substituir o pai (Antônio Sylvio Cunha Bueno) que durante várias legislaturas manteve seu nome ligado a grandes acontecimentos políticos. Mas o

jovem deputado ainda não possui lastro suficiente para os grandes vôos, que pretende alcançar. Em sete meses de mandato, apresentou à Câmara 12 projetos de lei, alguns dos quais bastante interessantes e os demais sem qualquer perspectiva de vitória. Mas valia apresentá-los, marcando posição e presença. Na tribuna, Cunha Bueno não tem sido dos mais presentes nem dos mais brilhantes e nas comissões técnicas o seu trabalho é como o da maioria: pálido.

Contudo, o jovem deputado quer aparecer. Eis que, a seu ver, surge uma oportunidade — a do sesquicentenário de nascimento de D. Pedro II. Danton Jobim, senador pelo MDB do Rio de Janeiro, requereu uma sessão especial do Congresso para essa comemoração. Aprovado o requerimento, tornou-se automaticamente o orador indicado pelo Senado. Pelo regimento interno, cumpria à Câmara indicar um deputado da Arena, o que fez o presidente Célio Borja, recaindo sua escolha no mineiro Geraldo Freire que já foi líder de dois governos, presidente da Câmara, presidente da Comissão de Educação e um dos políticos de maior cultura e elegância parlamentar da atual Legislatura.

Não gostou o deputado Cunha Bueno que além de bacharel em Ciências Econômicas é corretor oficial de seguros. Entendia — por que razões não se sabe — que a vez deveria caber-lhe e por isso insistia em também falar como orador oficial na sessão especial do próximo dia 2 de dezembro. Impossível, porque em primeiro lugar o regimento interno não permite; e, em segundo, porque os dirigentes do Congresso não encontraram justificativas válidas para essa insistência.

Eis que o jovem deputado socorre-se da imaginação criadora. Tendo sido o senador Danton Jobim indicado orador por ter sido autor do requerimento, bastar-lhe-ia fazer um requerimento igual para obter resultados semelhantes. Equivocou-se e o seu papel ganhou o caminho dos arquivos com um despacho seco e sumário: "Prejudicado".

Não foi apenas com ambição que outros jovens no passado e no presente (Almino Afonso, Mário Covas, Faria Lima, Henrique Córdova) ganharam projeção na Câmara. Outros valores é que de fato estiveram em jogo.

FORA DE FOCO

A Fepasa está famosa. Até em Brasília.

Considerando a Fepasa "uma vergonha para São Paulo", o deputado oposicionista Otacílio de Almeida reclamou a modernização da ferrovia paulista, entendendo que, se isto não ocorrer, ela fatalmente desaparecerá. Disse que, enquanto o transporte rodoviário oferece conforto, segurança e observância de horário, com o ferroviário acontece exatamente o contrário: desconforto, desastres frequentes e inobservância de horários. A Comissão de Economia da Câmara aprovou projeto do deputado Israel Dias Novais que institui a obrigatoriedade de declaração de bens para o exercício de cargos ou funções em empresas públicas. Na mesma comi-

são foi aprovado, em segunda discussão, projeto do arenista Herbert Levy que torna obrigatória a declaração do preço total no valor das vendas a prestação. A novela "O Grito", da Globo, foi apontada pelo emedebista Aurélio Campos como uma deturpação da realidade paulista, por apresentar São Paulo como uma metrópole habitada por neuróticos. Sérgio Cardoso de Almeida, da Arena, referiu-se, da tribuna, à redução no plantio de algodão no sul do país, da ordem de 40%, denunciando, ao mesmo tempo, "manobras da indústria têxtil", que vêm prejudicando a cotonicultura nacional. Freitas Nobre, vice-líder do MDB, comentou o problema da reclassi-

ficação de cargos do funcionalismo federal, acentuando que o governo está usando dois pesos e duas medidas na implantação do plano, referindo-se, especialmente, à situação dos inativos. José Camargo disse que a melhoria salarial é indispensável para o fortalecimento do mercado interno e, em especial, para que o povo não se desespere, diante do "recrudescimento inflacionário". "Todos nós podemos e devemos ser ecólogos, esforçando-nos para basear nosso comportamento em novos critérios, dando assim a nossa parcela de contribuição para a preservação do mundo que habitamos" — afirmou o arenista Antonio Cunha Bueno.

Edson Lobão



METRÔ

SUBTERRÂNEOS

Na cidade mais explosiva do mundo, só debaixo da terra a população comporta-se melhor e encontra mais tranquilidade, num lugar sem crimes nem policiamento armado. É um contraste com o clima tenso das ruas lá em cima.



O único lugar de grande aglomeração onde o paulistano é tranquilo

Quantos guardas armados são necessários para policiar um local frequentado diariamente por mais de 55 mil pessoas? Um ano de existência do metrô dá a seguinte resposta: nenhum.

Desde a inauguração do primeiro trecho — Liberdade-Jabaquara — houve no metrô um único assalto à mão armada, além de uma tentativa que fracassou. Ali não há trombadinhas, nem sequestros, nem prostitutas fazendo ponto. E se ocorreu um apedrejamento de trens, o total de pedradas desferidas não é menos espantoso que o de assaltos: uma.

Enquanto em todo o resto da cidade a criminalidade aumenta, forçando o crescimento do número de homens e armas necessários a combatê-la, nos subterrâneos de São Paulo a ordem vem sendo mantida pelo mais estranho dos métodos de policiamento: os guardas não usam armas e têm ordem expressa de não revidar agressões e só intervir quando sentirem que a multidão dos usuários o exige.

Uma comparação com outros locais de grande aglomeração e outros meios de transporte resulta numa cifra espantosa. Nos trens da Rede Ferroviária Federal, só no mês de janeiro, houve dois assaltos, dezoito furtos, três agressões e um arrombamento; foram detidos dez marginais e 123 menores (além de 169 detenções "para averiguação"); foram encontrados dois cadáveres e apreendidas duas armas e uma certa quantidade de tóxicos. Na Estação Rodoviária, o guarda armado de metralhadora tornou-se indispensável. Na Fepasa, diariamente são encontradas dezenas de carteiras vazias, que é de supor estivessem cheias na estação anterior.

Dos sete milhões de pessoas que usaram o metrô no ano passado, foi roubado um total de seis carteiras. E o morto — assim o chamam os funcionários, porque foi um só — foi um desastrado ladrão de braçadeiras, ex-funcionário de uma empreiteira do metrô, que tocou no terceiro trilho e foi eletrocutado.

Os guardas têm ordem para não revidar agressões.

Os únicos tiros da história do metrô foram dados por um igualmente desastrado assaltante, que praticou seu crime na rua e fugiu para dentro da Estação Praça da Árvore, onde o prenderam. Assaltante que permanece anônimo porque direção da Cia. do Metrô julga que ninguém deve ser punido duas vezes — na sua pessoa, que é presa e processada, e na sua imagem pública.

Outro levou uns trocados, o talão de cheques e os documentos de Ângela Laranjeira, e a duvidosa glória de ter sido o primeiro e até agora o único homem armado que escapou da desarmada segurança do metrô.

Houve também o menino que, não conseguindo assaltar outro menino, contentou-se em mordê-lo. Os dois guardas agredidos por passageiros que forçavam a porta do trem. E o casal de jovens surpreendidos em pleno ato sexual num providencial depósito vazio da Estação Paraíso. Aí termina a crônica policial do metrô.

Mas sua crônica de costumes também contrasta brutalmente com as histórias de motoristas que se ofendem e

se agriem — e às vezes se matam —, irritados com o trânsito; com as histórias de telefones públicos arrancados por vândalos; de poltronas de ônibus cortadas a gilete; com histórias que tendem a provar que os paulistanos não se respeitam uns aos outros — e não respeitam a cidade.

Nunca, em um ano, nem mesmo no dia da inauguração, houve um sinal de pânico, uma única agressão entre usuários. Nas filas de entrada e saída são raros os empurrões e palavrões, e quando um gaiato fura o bloqueio, pulando as correntes — de quarenta centímetros de altura — há protestos gerais contra a quebra das normas.

Os quadros de sugestões, recolhidos de maio a agosto pela Assessoria de Pesquisa da Companhia do Metrô, mostram que a preocupação dos usuários se dirige mais aos aspectos do metrô que poderiam ser melhorados, que àqueles que necessitariam de correções.

De 240 sugestões recolhidas entre maio e agosto, 152 pedem detalhes que aumentariam o conforto dos passageiros (a música ambiente, mais banheiros, lanchonete, cafezinho, realização de exposições no hall das estações). Vinte e sete sugestões propõem detalhes de utilidade (mais ônibus de integração, extensão de trechos, abertura de novas linhas etc.). E apenas 22 sugestões referem-se à segurança do passageiro: campanha nas portas, grades de proteção, e até mesmo o acréscimo, no texto que proíbe a ultrapassagem da faixa amarela, do seguinte esclarecimento: "Antes que as portas estejam abertas".

Grande parte das sugestões refere-se a reformas, alterações, e até supressão

do que parece ser o componente mais agressivo e perigoso de todo o equipamento do metrô: a escada rolante. E, nisto, a intuição do passageiro acertou: de 94 acidentes ocorridos no mesmo período, 72 foram na escada rolante. Até mesmo a detenção do segundo assaltante da história do metrô deveu-se a esse temível aparelho — no qual o criminoso tropeçou, durante a fuga.

Das 22 sugestões sobre segurança, apenas uma — e esta não identificada — pede mais policiamento no metrô.

Assim, o metrô torna-se, na cidade mais violenta do país, um fenômeno de exceção psico-social, como o único local de grande aglomeração onde o paulistano parece: a) sentir-se seguro e não necessitado de maior taxa de proteção; b) integrar-se totalmente e de bom grado numa coletividade que, embora composta de estranhos, ele não sente como hostil — e que reage em bloco à indisciplina casual.

Total de passageiros assaltados: um.

A que se deve esse fenômeno?

Segundo o ex-oficial de Marinha Cláudio de Sena Frederico, gerente de Operações da Companhia, a taxa de segurança alcançada no metrô deve-se a um planejamento feito pela empresa:

— Decidimos, — diz ele por exemplo — que os guardas não deveriam usar armas porque a arma não aumenta nem a segurança deles, nem a dos usuários. A arma seria uma contrapartida adequada apenas às agressões de grande monta, não às pequenas agressões que pode eventualmente sofrer um guarda de metrô.

SEM VIOLÊNCIA



O metrô é o novo brinquedo.

— Quando é preciso usar armas, a questão é resolvida pelas chefias, que então assumem, parceladamente, a responsabilidade, pela exceção. Há também as rondas noturnas, feitas por guardas armados — mas num horário em que já não há público.

— O grande suporte da segurança do metrô é o público. Procuramos manter o nível de agressividade entre o guarda e o público o mais baixo possível, facilitando a comunicação, evitando confrontações desnecessárias.

— Como não podemos ser tutores de cada um no meio de milhares de pessoas, e como é impossível obter certo tipo de comportamento através da repressão, o guarda, ao agir, apóia-se na decisão do público, no consenso dos usuários. Se a maioria não está contra o comportamento, por mais estranho ou inconveniente, de determinado indivíduo, por que o guarda há de interferir? E, quando existe esse consenso, o guarda funciona como porta-voz do público, o que facilita sua tarefa, inclusive em caso de agressão, quando o público procurará provavelmente defendê-lo.

— Importante é que o guarda, se tem de intimidar alguém, nunca intimida o público como coletividade, mas apenas o transgressor individual contra o qual a maioria se volta.

O bom comportamento do público no metrô deve-se em parte, segundo o gerente de operações, ao próprio impacto dos sinais visíveis de que o metrô é uma instituição grande e poderosa. O uniforme dos funcionários é um desses signos; outro, as próprias instalações amplas, de linhas retas, muito iluminadas, que, como diz um usuário, estudante de arquitetura, "fazem a pessoa sentir-se nua".

A sensação de insignificância do

indivíduo diante da instituição é reforçada, sem dúvida, pela novidade que o metrô ainda representa para milhares de paulistanos — que, por isso, mexem com cuidado no novo brinquedo.

Mas essa mesma sensação é compensada pela dose de cuidados de que o passageiro se vê cercado, de modo que a própria grandeza da máquina, ao invés de simplesmente assustar constitui uma garantia de tranquilidade a mais.

Perigo, só mesmo na escada rolante.

Nos depoimentos que vêm fazendo ao setor de pesquisas, os passageiros acidentados declaram que esperaram apenas cinco minutos para serem atendidos pelo pronto-socorro do metrô ou pelas empresas em convênio, enquanto os funcionários falam em quarenta ou cinquenta minutos. Segundo um relatório da Assessoria de Pesquisa, o fato de os passageiros qualificarem o atendimento de "excelente" se deve menos à qualidade mesma do serviço do que ao hábito paulistano de esperar, mesmo nas emergências. Diante de hábitos como esse, não é de espantar que o paulistano se sinta à vontade para pedir café de graça a uma instituição que chega ao requinte de desligar todas as instalações para salvar a vida de um periquito que voou da mão do proprietário, um menino de oito anos, para ir colocar-se na frente do trem. Cuidado só comparável ao volume de estudos e providências determinados pelo presidente do metrô, Plínio Assman, para evitar que o problema da fraude com os bilhetes tivesse de ser resolvido com

uma medida "drástica": fiscalização. (Um simples e único atrito entre funcionários e passageiros, em setembro do ano passado, levou Assman a dar uma entrevista à imprensa, para prometer que o grande escândalo não se repetiria, e que os guardas agiriam sempre com educação, mesmo quando alguém pulasse as correntes que ficam ao lado dos bloqueios.)

Outra explicação possível para o bom comportamento do paulistano no metrô (provavelmente baseada no hábito de julgar mal os concidadãos) é de que a disciplina se deve ao fato de que a maioria dos passageiros não é pobre como os usuários de trens.

As pesquisas, de fato, confirmam essa explicação. Em julho a divisão por classes foi a seguinte: Classe A, 7 por cento; B1, 26 por cento; B2, 31 por cento; C, 26 por cento; D, 9 por cento, 57 por cento, portanto; pertencentes à classe média.

Mas há o outro lado. O criminalista Ayuch Amar, do Instituto Oscar Freire, por exemplo, levanta a hipótese de que a baixa criminalidade no metrô (embora as cifras ainda não bastem, segundo ele, para afirmar taxativamente que a criminalidade é baixa) talvez se deva justamente ao fator contrário: o usuário do metrô não é suficientemente rico para atrair os ladrões.

— Quando o metrô chegar ao Morumbi é que vamos ver, comenta ele.

Enquanto o metrô circula apenas entre Jabaquara e Santana, permanece a dúvida de um velho paulistano, passageiro diário do metrô:

— Vocês se lembram do tempo em que a Companhia Paulista de Estradas de Ferro era o nosso orgulho? Vejam como está agora...



O passageiro bem comportado. Ou bem tratado?

De ponto de vista objetivo, dois fatores têm sido apontados como responsáveis pelo "bom comportamento" dos usuários do metrô: as boas instalações e funcionalidade do sistema, e o tipo de clientela (estudantes, funcionários, em boa parte gente da classe média ascendente para cima). Ao contrário, em zonas com população de baixo nível sócio-econômico, carentes em matéria de saúde, educação, organização familiar, a frustração pode provocar reações em forma de transgressões de todo gênero.

Do ponto de vista subjetivo, cada indivíduo que passa a utilizar esse novo meio de transporte começa a desenvolver um novo papel: o de usuário de metrô. Procura observar atentamente, compreender o que se espera dele. Se for bem instruído, poderá responder com um comportamento adequado. De nada valeriam as boas instalações e o bom funcionamento das máquinas se o usuário não fosse levado a uma participação consciente no fenômeno, ou seja, se não lhe dessem condições de bem desempenhar o seu papel.

Uma condição básica nesse sentido é o respeito pelo indivíduo, que se deve traduzir em atitudes: ao invés de dar ordens, apelar para a colaboração; ao invés de proibições, oferecer indicações; atitudes essas que desenvolvem muito maior responsabilidade por parte do usuário. Além disso, dar um atendimento personalizado na medida em que haja uma solicitação nesse sentido. É o que em educação chamamos de **disponibilidade vigilante**: o orientador nunca impõe, mas propõe e interfere sempre que necessário.

Podemos comparar o processo de instruir o cidadão no uso do metrô com o processo de educar. Sabemos hoje que uma disciplina muito rígida ou incoerente, falhas de orientação, indiferença ou hostilidade dos pais e professores podem levar uma criança a desvios de comportamento, desde pequenas transgressões até atos criminosos. Quanto mais restritivo um ambiente, mais ameaçador ele se torna e mais agressividade ele desperta. Como nem sempre é possível atingir o responsável por esse sentimento, as pessoas projetam essa agressividade em objetos (paredes, vidros, veículos) ou pessoas que têm algum vínculo simbólico com seu alvo verdadeiro.

Um policial armado, por exemplo, não representa uma ameaça para o delinquente (este apenas será forçado a pensar num meio de escapar impune ou derrubar o adversário), mas pode intimidar um cidadão pacato e despertar sua hostilidade. Ao passo que um policial preocupado mais em orientar do que em punir desperta no público um sentimento de segurança.

Nesse sentido, o comportamento equilibrado dos usuários pode ser considerado como um feliz resultado de uma nova filosofia de relações humanas numa entidade destinada a servir o público, e que se mede por alguns detalhes: ausência de placas proibitivas, adequação de comando (mesmo o "não ultrapasse a faixa amarela" é dito pelo alto-falante em tom de pedido e não de ordem); adoção de medidas preventivas (indicações orais para os analfabetos, controle do fluxo de passageiros, boa iluminação e vigilância nas estações) ao invés de punitivas.

Quando surge um problema, como foi o caso, no início, da reutilização dos bilhetes, causando sérios prejuízos, a preocupação foi tentar detectar a falha e criar um novo sistema de controle, e não a de punir os usuários. Outro fator que deve estar influenciando na atitude do público é o orgulho cívico: na capital do México, país em desenvolvimento cuja população tem um nível sócio-econômico e cultural semelhante ao nosso, o metrô já tem vários anos de uso e continua sendo considerado um dos grandes patrimônios da cidade. O povo se orgulha desta conquista tecnológica tanto quanto de suas ruínas históricas, e o conserva com o mesmo carinho.

LUCITA BICUDO, psicopedagoga.

Tão bonita e cheirando a bife.



Não adianta dizer que usa exaustor como todo mundo.

É esse exatamente o problema. Os exaustores comuns apenas espalham a fumaça em lugar de mandá-la para o espaço. Só existe um tipo de aparelho que funciona mesmo: Exhaust-Ar.

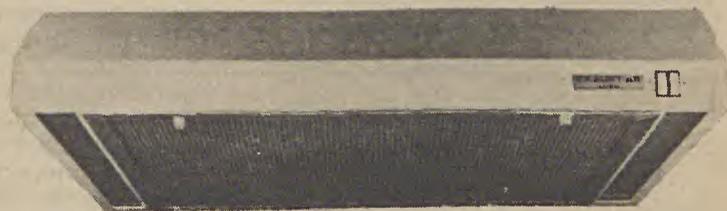
É também o único que pode ser chamado de mini-coifa, pois foi o primeiro a ser planejado para os pratos da cozinha brasileira. Outros modelos que copiaram a Mini-Coifa Exhaust-Ar, só têm a sua aparência.

Procure conhecer Mini-Coifa Exhaust-Ar. Jamais sua cozinha ficará enfumaçada. Nem você.

Fabricado e garantido pela

ANEMOTÉRMICA
ENGENHARIA E INDÚSTRIA LTDA.

Exposição: Al. Gabriel Monteiro da Silva, 130
esquina da Avenida Rebouças
Telefones: 81-8541 - 81-5433 - 80-9064
80-8996 - São Paulo



Mini-Coifa
Exhaust-Ar

**É diferente dos exaustores
comuns: funciona!**

Bureau

TELEFONES DOS REVENDEDORES EXHAUST-AR EM SÃO PAULO:

33-2931	62-6029	70-1996	81-5575	93-1912	210-2381	211-6270	211-7155	239-3811	246-2085	260-8094	262-2816	275-0398	287-0435	292-9485	298-3052
33-6151	62-6053	80-0240	81-8997	93-1466	210-1819	211-6911	220-5171	239-4497	257-4842	275-8545	266-1595	278-6979	287-6544	292-5902	298-9081
34-5381	63-6950	80-3692	81-5575	210-1011	210-7080	211-7011	227-8622	239-4635	260-0015	260-4422	266-1482	278-8666	287-7244	295-0758	299-1278
62-4705	65-2515	81-5030	92-5204	210-2237	210-0503	211-8122	239-4497	241-5429	260-4411	262-9933	269-3681	282-3914	288-7250	298-9482	299-0259
	70-7268		92-4499												

É preciso planejar e incentivar uma melhor distribuição industrial, para que São Paulo se torne uma cidade viável e consiga evitar um caos, nestas 1.258 semanas que nos separam do ano 2000. A cidade continuará indefinidamente sendo o alvo das migrações porque é nela que todos conseguem sobreviver, arrumar empregos e ganhar dinheiro. Continuando como centro de riquezas, a única alternativa, portanto, é a organização do desenvolvimento.



Quando se fala na São Paulo do futuro com algum otimismo, citando as possibilidades de se voltar um dia a pescar no rio Tietê, há quem se preocupa com os destinos de Mato Grosso. Para conseguir aquele milagre, não será necessário transferir a poluição para os nossos vizinhos? Sobre esse perigo, temos o depoimento do prof. Carlos Guilherme Mota e a opinião de Jorge Wilhelm, o secretário do Planejamento. Há otimismo, em torno do ano 2000.

Temos de reconstruir nossa comunidade



Mota: da participação à fuga.

Parece-me que alguns participantes do Clube de Roma andaram dividindo o mundo em duas partes. Da linha divisória dos hemisférios para cima, eles identificaram o mundo do lazer; e, para baixo, localizaram o mundo da produção, das indústrias. Estavam se orientando pela idéia de que os países desenvolvidos devem poluir seus vizinhos do lado de baixo (que são pobres), para poderem ter, lá em cima, suas sociedades limpas e tranquilas (pois ricas elas já são). Para falar de São Paulo no futuro eu uso esta mesma idéia. Se um dia nós pudermos voltar a pescar no Tietê, por exemplo, eu me pergunto o que será de Mato Grosso. Pois estarão sendo levadas para lá a industrialização e a poluição que antes nos asfixiavam, e um outro povo estará pagando por nossa tranquilidade.

PARTICIPAÇÃO

Na década de 60, os grupos de opinião aglomeravam indivíduos de origens distintas e permitiam um movimento dinâmico de participação na vida política e social do país. E São Paulo tinha, então, muitos aspectos de comunidade. Eu lembro dos intelectuais que se reuniam na Biblioteca Municipal e organizavam discussões, faziam movimentos. Dos suplementos literários (quem se lembra deles?) que corriam de mão em mão, das revistas (*Brasiliense*, *Anhembi*), dos cantores típicos da cidade, como Adoniram Barbosa. Na época, a Universidade não estava recolhida ao atual campus, mas espalhava-se por diversos pontos da cidade. Naquela fase, dispunha-se de lugares de encontro, onde a noite pas-

sava através dos copos de bebida e dos papos polêmicos, no Gigetto, no Pari Bar, na Maria Antônia, ou nos debates do Arena. Creio que a passagem da Universidade para o campus marcou, para nós, o declínio dessa fase, e definiu o fracionamento dos grupos sociais, o seu isolamento por setores especializados.

Mas os fatores que desfiguraram o São Paulo da década passada se encontram na forma que o capitalismo industrial assumiu neste país periférico. Acredito que dentro do capitalismo periférico, a fragmentação dos grupos sociais apareceu como decorrência de um tipo de vida social, que o crescimento econômico implicou. A começar pela redefinição dos espaços urbanos — que localizou e encerrou a Universidade, o centro comercial, os bairros residenciais, as fábricas, as vilas operárias — pela especialização crescente das profissões e a redução das categorias profissionais ao seu círculo restrito, em termos de relacionamento e de formas de consciência social.

Um exemplo é encontrado no próprio meio universitário. Depois que a cidade marginalizou os professores de suas cátedras, ela exigiu um novo tipo de professor aquele que discorre esquematicamente, que fornece receitas acabadas, de conhecimento, a seus alunos.

A FUGA

Entretanto, o que realmente me preocupa é a fuga para o campo, que está se dando em São Paulo. Os que podem comprar um pedaço de terra e vão viver longe da "poluição" — como os próprios folhetos de publicidade divulgam — e a volta ao trabalho, na cidade, passa a se constituir na visita ao inferno. Enquanto a maioria das pessoas — que não pode comprar um terreno em Cotia — enfrenta não só um dia de trabalho, poluição e contra tempos, mas uma vida inteira de tensão, os que buscam o campo se omitem diante da turbulência da cidade, e do trabalho que pode ser feito para melhorá-la. Embora esta cidade toda se pareça muito mais com um imenso estacionamento — com carros e vias elevadas definindo sua paisagem — quando eu saio de viagem não vejo a hora de voltar. É sempre aquela esperança de reestruturar minha comunidade em extinção, uma necessidade que se expressa como obrigação de filho, pois afinal de contas, minha vida se dá aqui — neste centro — e não em outro lugar. (Carlos Guilherme Mota, professor de História Contemporânea na Universidade de São Paulo).

É preciso planejar o futuro da cidade



Wilhelm: o planejamento do futuro.

Dentro de 25 anos, São Paulo será uma cidade viável, se for bem planejado o seu desenvolvimento. Esta cidade está reproduzindo, com todos os seus efeitos, o que acontece no mundo todo, ou seja, a metropolização. Ela está seguindo um modelo que tem suas razões históricas, se pensarmos nos ganhos que ela proporciona e nas oportunidades de emprego.

O problema da mobilidade dentro do Estado de São Paulo, que tanto assuta seus habitantes e os técnicos, é algo que pode ser explicado. Ao contrário das outras metrópoles, São Paulo é polo de desembarque dos migrantes, mas devemos entender que a constituição do país, em termos físicos e culturais, permite essa mobilidade. Aqui fala-se a mesma língua, os meios de transportes se estendem por todo o país, e a miscigenação racial e o sincretismo da cultura brasileira incentivam a mobilidade.

Além do mais, devemos observar que o aumento da população dentro da cidade não constitui um problema, pois espaços vazios existem e podem abrigar o dobro da população atual da cidade. O problema maior consiste em oferecer condições para a sobrevivência desta população. Antes disso, porém, é preciso pensar na desconcentração industrial da cidade de São Paulo. Planejar e incentivar a distribuição industrial para além da área da cidade de São Paulo. E isto está sendo feito. O plano é levar as indústrias para a região da área metropolitana onde já existe uma infra-estrutura que permite a expansão da industrialização. E, numa segunda etapa, pretendemos levar este desenvolvimento, de forma

programada, para a região do Vale do Paraíba, da serra da Cantareira e do Litoral Norte, a região do Macro-Eixo, como denominamos.

Além de induzir a industrialização, é preciso enfrentar alguns problemas dentro de São Paulo. Como o aumento do favelamento, a piora das condições sanitárias, o crescimento da população desacompanhado de um avanço nas obras de infra-estrutura, e a orientação do problema das 400 a 500 mil pessoas que entram em São Paulo por ano.

Entretanto, é bom não esquecer que mesmo dentro deste crescimento vertiginoso — que é muito difícil para a administração acompanhar com melhoramentos urbanos, como habitação, transporte, saneamento — e apesar da poluição da cidade, dos seus congestionamentos, é aqui que o pessoal consegue sobreviver, arrumar emprego, ganhar dinheiro.

Partindo, então, da importância de São Paulo como centro de riquezas, cabe-nos organizar seu desenvolvimento. No momento, é importante pensar na adoção, por exemplo, de uma política de estoques de terras, em mãos do setor público, que evite as especulações e atenda às camadas mais pobres da população, orientando um plano habitacional.

Através da política de estoques de terras, do transporte de massas, da criação de uma rede de abastecimento de alimentos, da proliferação e diversificação dos canais informativos e com as alterações tecnológicas na infra-estrutura, creio que conseguiremos fazer com que esta cidade ainda acolha muito mais habitantes. (Jorge Wilhelm, secretário do Planejamento, do governo do Estado).

aqui,
o esporte.

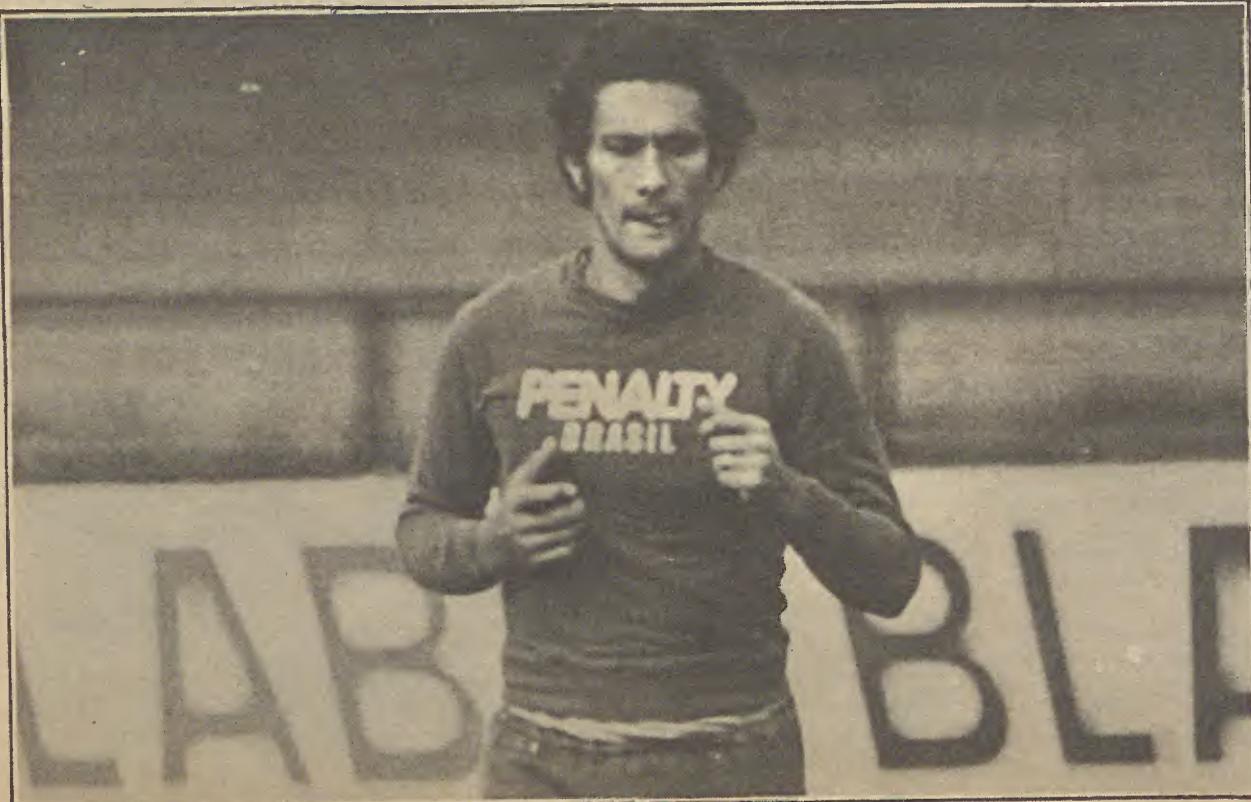
alberto helena jr.

Gil, num nome de futuro.

O mesmo Godê que revelou Amaral, Flamarion e tantos outros jogadores por esse interior afora, está agora muito entusiasmado com um garoto, juvenil do Palmeiras, chamado Gil. Centroavante, forte, mas do tipo que sabe tocar a bola e procurar os vazios do campo, Gil é a grande esperança do velho treinador:

— Mas temos que ir com calma. O rapaz é muito bom e não pode ser queimado.

Por isso, cautelosamente, Godê vai preparando o seu garoto para os momentos de glória, que são poucos mas compensadores no futebol.



Rocha, à procura da sintonia perdida.

Com a palavra, o capitão Pedro Rocha.

Para Pelé ele era um dos cinco mais perfeitos atacantes do mundo; para os torcedores uruguaios, El Verdugo, que aniquilava os seus inimigos utilizando-se de precisas cabeçadas ou mortíferos chutes a média e longa distância, com a esquerda ou a direita, tanto fazia. Para os são paulinos, há quatro anos Pedro Rocha não passou a ser apenas a maior estrela do time, mas também o seu líder, o cérebro que ousou desafiar os conceitos defensivos, implantados por Gérson, transformando-a a ponto de obter goleadas significativas no Campeonato Paulista.

Hoje, porém, esse mesmo jogador de 31 anos, 1m83,80 quilos, que cultivava fora do campo uma elegância de gestos e vestuário igual à que demonstra no campo, a cada toque de bola, a cada finta, a cada pique, está sendo violentamente contestado por crítica e arquibancada. Por que?

— Não sei. Acho que por causa da queda de rendimento da equipe. Mas não acredito que eu esteja jogando tão mal.

(Na verdade, Rocha ficou fora do time na rodada do fim de semana; mas desde o início da Copa Brasil seu futebol caiu muito).

— Não acho que meu futebol tenha caído tanto. O que acontece é que passei a jogar mais para o time do que para a torcida.

P — Antes, você podia fazer o inverso porque Zé Carlos lhe dava cobertura?

R — Bem, o Zé Carlos é um jogador que ocupa vários lugares no campo e isso dá um pouco de folga a gente. Mas não é só isso: esse torneio é muito cansativo e contra nós todos querem ganhar. Se jogamos contra um time pequeno, eles se fecham e nós nos desgastamos mais tentando abri-lo. Se enfrentamos um grande nós é que temos de ter cuidado.

P — Então, o seu problema é cansaço?

R — Não. Não estou fora de forma física, estou bem...

P — ... O que está errado no São Paulo, então?

R — No São Paulo, pouca coisa: falta o pessoal dosar melhor as energias e que cada um faça a sua parte. O problema é esse calendário, que não permite um time recompor-se de um jogo para outro. Se não mudarmos a nossa mentalidade, o futebol brasileiro vai passar apertado. Não se pode jogar tanto, viajar tanto e ainda por cima atender a torcida. Ela está certa quando pede gols. Mas os gols precisam ser trabalhados e, para isso, é preciso que os jogadores entrem em campo descansados, sem contusões e bem treinados. Quem pode estar nessas condições desse jeito?

No gol da Portuguesa, incompetência.

A Portuguesa, que sempre teve bons goleiros, vive hoje em drama sem precedentes: Zecão, que o ano passado foi considerado um dos melhores do Brasil, soltou tantas bolas este ano, que Oto Glória foi forçado a apelar para Miguel. Este, nos últimos dois



jogos, soltou cerca de 20 bolas perigosas (algumas delas deram a vitória ao adversário). Hoje, Oto não sabe o que fazer: Miguel ou Zecão, dá na mesma.

No gol do Corinthians, o azar.

O Corinthians não tem mesmo sorte com os seus goleiros. Depois de ficar muitos anos sem um bom jogador na posição, contratou Sérgio, que vinha bem até se machucar. Mas, por precaução, Milton havia pedido um reserva à



altura: Tobias. Agora, Tobias também se contunde seriamente (tornozelo) e o Corinthians se vê obrigado a entrar na reta final da Copa, com Solito, só.

Assim cai um campeão como Miguel

A luva direita do argentino cortou o ar num jato de precisão e potência, provocando um som seco e abafado, ao atingir o alvo, o queixo desprotegido do garoto que naquela noite de outono, há uns vinte anos, no Ginásio do Pacaembu, começava a sua arrancada para a glória. O argentino chamava-se Castro (o primeiro nome perdeu-se no tempo) e era uma dessas velhas raposas do ringue, cujo boxe é feito mais de malícia que de técnica; portanto lá estava ele, seguro de que um golpe daqueles aplicado no primeiro round de uma luta, por certo seria decisivo: o nocaute era agora uma questão de segundos. A mesma fria sensação percorreu os espectadores, num átimo de intuição; os olhos vidrados, a boca semi-aberta, ao garoto bastava um ligeiro empurrão para que desabasse na lona, nocauteado. O tempo de pensar foi o tempo de agir: o rapaz, por instinto puro, disparou uma saraivada de golpes a esmo; contudo, alguns deles atingiram o argentino, que preferiu recuar. O rapaz não precisava mais que isso: o gongo soou, ele foi para o seu córner, amparado, e voltou no segundo assalto para jogar o argentino entre as cordas, num dos mais fulminantes e selvagens nocautes de sua carreira.

A partir daquela noite, Eder Jofre se convenceu de que dentro de cada campeão vive um campeão, uma estranha e inexplicável entidade que alimenta com energias sobre-humanas o boxeur, impedindo que ele seja abatido, mesmo quando lhe fogem os reflexos e o raciocínio. Mais que isso: no momento em que a sombra do nocaute passa sobre o ringue, as forças são redobradas, e o curso natural da luta é revertido no sentido contrário: de nocauteado, o campeão passa a nocauteador.

O fato é que na história do boxe só uns poucos escolhidos são tocados por essa estranha e maravilhosa força. Ray Robinson, por exemplo, que ressurgiu três vezes do limbo do nocaute para derrubar Carmem Basílio, num dos maiores combates do século, nos anos 50; Joe Louis, que humilhado por um direto de Baer que o jogou fora do ringue retornou ao tablado para executar um dos mais cruéis massacres da história do boxe.

Nessa galeria de campeões, porém, não se inclui Miguel de Oliveira, o nosso campeão que na semana passada perdeu o título mundial dos médios ligeiros para Elisha O'Bed, das Bahamas, ao abandonar o combate no 11º assalto, depois de ter sofrido duas quedas no round anterior.

Na verdade, Miguel é um lutador acima da média, dono de respeitável pegada (especialmente o cruzado de esquerda), sua única arma até que passasse a ser dirigido por Antônio Carollo, há uns dois anos, quando, então aprimorou a sua técnica (ganhou mais flexibilidade de cintura, jogo de pernas, esquiva e deu um pouco mais de variação na seqüência de ataque, como dois punhos).

Isso foi suficiente para que chegasse ao título mundial, quando uma feliz conjugação de fatores colocou à sua frente um adversário tecnicamente bom, mas sem pegada, o espanhol José Luis Durán. Não bastou, todavia, para que Miguel derrubasse com seus punhos a velha estrutura onde se apóia o boxe brasileiro, mantido tão-somente pela abnegação de umas poucas pessoas sem uma academia bem equipada e em lugar central (so agora a Prefeitura inaugurou uma, na Pedro de Toledo), um ginásio para noites regulares, falta de patrocinadores (Miguel ficou seis meses sem lutar) etc.

Por isso, Miguel começou a cair muito antes de subir ao ringue do Hippodrome de Paris, na noite de 13 de novembro de 1975.

aqui, o esporte.

alberto helena jr.

O sr. Valdir e o Nego Benedito, numa só pessoa.

A história de Valdir Pereira, o Didi da Folha Seca, mestre das sutis artes de transmitir à bola intenções e objetivos surpreendentes, com tão impecável elegância que mereceu de Nelson Rodrigues a comparação a um príncipe etíope de rancho de carnaval, se confunde com a do Nego Benedito, pedante figura descrita, por exemplo, assim pelo ex-zagueiro do Fluminense, Pinheiro: depois de conviverem por quase vinte anos, eis que Didi volta ao Rio, rico, famoso, já técnico da Seleção do Peru que iria enfrentar o Brasil, mais tarde, na Copa do Mundo, quando Pinheiro resolve oferecer-lhe um largo abraço do velho camarada. A porta do quarto do hotel abre-se e Pinheiro avança:

— Nego Benedito, meu velho!

Didi recua um passo, sobranceira erguida, braços estendidos:

— Por favor, Pinheiro, distância. Nada de intimidades; afinal eu estou aqui representando o Peru. E não fica bem o representante oficial de um governo estrangeiro aos abraços com jogador de futebol de outro país. Você compreende, não?

Pinheiro não compreendeu, que ele nunca foi homem dessas filigranas e despediu-se com palavrão de derrubar paredes.

Mas o fato é que Didi e o Nego Benedito convivem amistosamente na mesma pessoa. E talvez aí esteja o segredo desse homem de 48 anos de idade que se propõe a transfigurar o futebol brasileiro em pouco tempo, pois que logo ele deseja voltar à Europa, onde não implicam com seu terno e gravata, seus modos escolhidos e onde as teorias do futebol se desenvolvem com mais rapidez e amplitude.

— Antigamente, eu achava que só a bola devia correr. Hoje, estou convencido de que bola e jogador devem correr.

E é essa mentalidade que ele está querendo implantar no seu Fluminense. Até agora, em pouco mais de dois meses, observa-se acentuado progresso nesse sentido, embora domingo passado, diante do Corinthians, o seu time tivesse exibido mais os traços do Nego Benedito do que os de Valdir Pereira, o homem que remodelou o River Plate, deu dignidade ao Peru e organização ao futebol da Turquia.

Hoje em dia, porém, a sua tarefa parece ser mais árdua: pois conseguirá Didi, o homem que perpetrou a famigerada frase **Jogo é jogo, treino é treino**, convencer os seus discípulos que a história agora é outra e que sem treino não há bom jogo?

Na CBD, um mistério. Na semana passada, Almir Almeida garantia que o esquema para a Copa Brasil do ano que vem seria o mesmo desta temporada, com apenas uma alteração no sistema de classificação do grupo de perdedores. No fim-de-semana, porém, Armando Marques anunciava uma total reformulação. Afinal, quem manda mais na CBD: Almir ou Armando?

arquivo

A Seleção da crítica

Cento e vinte jornalistas brasileiros foram ouvidos pela Sport Press, como subsídio para a CBD convocar a próxima Seleção Brasileira, e, vejamos só o time que formaram: Felix; Cláudio (Inter), Alex, Alfredo e Gilberto; Chicão e Ademir da Guia; Valdomiro, Dario, Neca e Joãozinho. Ao todo, foram 66 jogadores selecionados, com o Internacional dando 9, São Paulo, Cruzeiro e Fluminense, 8, Grêmio e Corinthians, 4 e assim por diante.

Como? Se eu votei? Não, caro leitor, não votei, nem conheço nenhum dos jornalistas paulistas que o tenha feito.

Só temo é que a CBD realmente leve a sério essa pesquisa, pois numa verdadeira Seleção Brasileira apenas dois dos escolhidos mereceriam no momento figurar: Chicão e Ademir da Guia.

o mundo

A nova arma russa

Cruyff (foto) está perdendo prestígio na Europa e quem vai ganhando fama é um jogador soviético chamado Blochin, que joga com a camisa 11 mas circula pelo campo todo. Blochin tem 25 anos de idade e é a grande sensação do Dinamo de Kiev, time bicampeão soviético e que está representando a Seleção de seu país, na Copa da Europa. O Dinamo, primeira experiência feita pelos soviéticos com o profissionalismo, adota um sistema de retranca, quando joga fora de casa, e solta-se mais quando atua em seu campo. Em qualquer dos dois sistemas, porém, Blochin se desloca, pois consegue combinar em seu futebol força física e talento, além de apreciável noção de jogo.

Pelo jeito, logo-logo, a Espanha ganhará um novo oriundo, de nebulosos avoengos bascos, talvez, ou andaluzes, que se assinaavam, Bloquinez, quem sabe.

a lei

O risco de Piau

Aos 37 minutos do primeiro tempo do jogo entre Corinthians e Fluminense, domingo, no Morumbi, o juiz Rubens Maranhão marcou uma falta em dois lances (tiro livre indireto) contra o Corinthians, perto do bico direito da grande área.

Os jogadores do Fluminense reclamaram da presença de Piau junto à bola, o juiz advertiu o jogador, mas quando a bola foi tocada para Paulo César, o jogador corintiano, antes do chute do jogador adversário, ficou com a bola e o juiz mandou prosseguir o lance, apesar dos protestos dos jogadores do Fluminense.

— A gente sabe que tem uma distância regulamentar — dizia Piau — mas sempre tentamos ficar mais perto para impedir o chute.

Por esse lance (a regra XIII do futebol determina a distância de 9,15 m entre os jogadores do time que foi punido com a falta e a bola) Piau poderia ter recebido o cartão amarelo e até mesmo sido expulso, de acordo com a decisão 2 da International Board em relação à regra XIII: "os jogadores que não se afastarem da bola na distância exigida para a execução de um tiro livre, deverão ser advertidos e, no caso de reincidência, expulsos de campo. Recomenda-se aos juizes que considerem como faltas graves todas as tentativas de retardar a execução de um tiro livre".



Rivelino, um caso sério. Muita gente considerou uma deserção a ausência de Rivelino contra o Corinthians. Mas poucos sabem que Rivelino está com um problema ciático muito sério que, se não for tratado com muito cuidado, poderá até mesmo encurtar a carreira desse jogador. E o Fluminense sabe muito bem disso.



as palavras

Quem esteve domingo no Parque Antártica, para ver Palmeiras e Botafogo, pela primeira vez, por certo, não poderia imaginar que ali estavam, frente a frente, duas das maiores expressões do futebol brasileiro de todos os tempos. Não, na atualidade, é claro. Mas há bem pouco tempo, Botafogo e Palmeiras, com Leivinha, Luís Pereira, Jairzinho, Paulo César, ofereciam bons espetáculos: A grande fase dos dois, no entanto foi há dez anos, no auge do Santos de Pelé. E no dia 21 de abril de 1965, no Maracanã, Palmeiras e Botafogo fizeram um jogo inesquecível.

O Palmeiras precisava apenas de um empate para que ganhasse o título, invicto, do primeiro turno do Rio-São Paulo. Por isso, entrou com um esquema cauteloso. Resultado: 5 a 3, para o Palmeiras.

O Botafogo, que estava em segundo lugar, a dois pontos do líder partiu para a frente, logo que o juiz Eunápio de Queirós deu a saída. Mas o Palmeiras, aos 9 minutos, contragolpeou com Rinaldo que marcou 1 a 0. Entusiasmado, o Palmeiras descuidou-se o Botafogo empatou em seguida, através de Bianchini.

Mesmo assim Dudu, Ademir e Tupãzinho garantiam o domínio do meio-campo, o que permitia ao seu time avançar com perigo, até que no finzinho do primeiro tempo, Ademar Pantera, aproveitando a sequência de uma falta indireta na área inimiga, marcou o segundo gol.

No segundo tempo, voltou o Palmeiras a fechar-se e noutro contra-taque, aos 13 minutos, Ademar fez 3 a 1, aproveitando um cruzamento de Rinaldo. Cinco minutos depois, outra vez Ademar. Os cariocas reagiram aos 28, Jair, de pênalti, e aos 37, Jair de novo, de cabeça. Aos 45, porém, Tupã encerra o marcador.

serviço

CANAL 2: De segunda a sábado, às 12 horas, É Hora de Esporte.

Só segunda, às 22h30, Esporte Visão.

Só terça, às 13h30, Kon Fu. De quarta à sexta-feira, às 17 horas, Ginástica pela Tevé.

Às quintas, às 14h, e aos sábados, às 9h, Hatha Ioga (aulas).

Aos sábados, às 16 horas, Jornadas Esportivas. Às 24h, Futebol.

Aos domingos, às 16h, Jornadas Esportivas. Às 22h, Esporte em Três Tempos e, a seguir, tape de futebol.

CANAL 4: De segunda à sábado, às 12 horas, Redação Esportes.

CANAL 11: Às segundas, às 20h30, Futebol é com Onze — hoje: mesa redonda.

Às terças, às 20h30, Força de Campeões - sobre box amador. Às quintas, às 20h30, Campeonato Rodoviário.

Aos sábados, às 13h, Futebol Dente de Leite. Às 15 horas, Campeonato Rodoviário. Às 23h, Onze no Futebol.

Aos domingos, às 19h30, Loteria Esportiva. Às 21 horas, Telecatch. Às 22 horas, Onze no Futebol.

CANAL 13: De segunda à sexta-feira, às 12h30, Transa Esportiva, com Fernando Soleira, Luiz Augusto Maltoni, Alexandre Santos, J. Hawilla, Paulo Edson e Chico de Assis.

Às terças-feiras, às 23h, Esporte Especial.

Quarta-feira, às 23h30, Futebol.

Quinta-feira, às 23h30, Futebol.

Aos sábados, às 11h30, Grand Prix — principais acontecimentos automobilísticos. Às 16 horas, Futebol e Loteria. Aos domingos, às 12h, Tupi

nos Esportes. Às 22h30, Futebol Compacto: melhores momentos dos jogos do campeonato brasileiro.

CANAL 5: Aos sábados, às 16 horas, Esporte Espectacular.

Aos domingos, mais ou menos às 20h30, no programa Fantástico, A Zebrinha (resultados da Loteria Esportiva) e às 21h30 mais ou menos, no mesmo programa, os principais gols da rodada.

CANAL 7: Só aos domingos, às 17h, Showbol, direto do ginásio da Record.

Quem apresentar um televisor brasileiro que faça tudo que o Colorado Digital Color faz leva este de graça.

A Colorado acaba de fazer um acordo com a Blaupunkt para produzir no Brasil tudo que existir de mais avançado no mundo dos televisores.

E pra que ninguém diga que esse acordo é só blá, blá, blá, ela já começou a produzir.

Está lançando o Colorado Digital Color: um televisor a cores que faz tudo que os outros fazem; e tudo que os outros não fazem.

Comprando um Colorado Digital Color você leva inteiramente grátis a tecnologia Blaupunkt. Uma tecnologia que além de ser a melhor do mundo tem uma outra vantagem: você pode pegá-la nas mãos.

Seletor Digital: o fim do seletor de tambor e dos botõeszinho. Para mudar de canal é só encostar o dedo no seletor.

A palavra digital vem de dedo (Lembra-se da impressão digital da sua carteira de identidade?).

O Colorado Digital Color funciona a toque de dedo.

Você programa o

canal que quer

assistir, encosta o

dedo no seletor e ele

muda de canal na

mesma hora.

Sem tambores que

quebram e botõeszinho que encrencam.

Apenas com um numerzinho que acende na hora

que você encosta o dedo.

— Não disse que você ia poder colocar a mão na

tecnologia Blaupunkt?

Ninguém se mete na sua vida. Você seleciona os

programas que quer assistir.

O Colorado Digital Color tem um painel onde você

programa antecipadamente os canais que quer assistir.

Depois é só encostar o dedo no seletor que ele só muda

pra esses canais.

Por exemplo: você mora com a sua sogra mas não

gosta dos programas que ela gosta. Você programa os

canais onde passam os seus programas preferidos e

adeus sogrinha. Ela nunca mais vai conseguir achar

outro canal.

Pelo menos até o dia em que você resolver fazer

uma programação diferente.

No Colorado Digital Color está tudo sob controle.

Controles deslizantes.

Os controles de som,

imagem, ajuste de cores, etc.

do Colorado Digital Color

são deslizantes.

Para que você acerte o

seu televisor como quiser,

sem ter o mínimo trabalho.

Essa é mais uma

vantagem que ele oferece

e essa vantagem está

protegida segundo as normas

de uma lei que é muito

respeitada por todos os seres humanos: a lei do mínimo

esforço.

Sintonia fina. Finíssima.

O conjunto de sintonia fina do Colorado Digital

Color trabalha integra-

do ao programador.

Quando você pro-

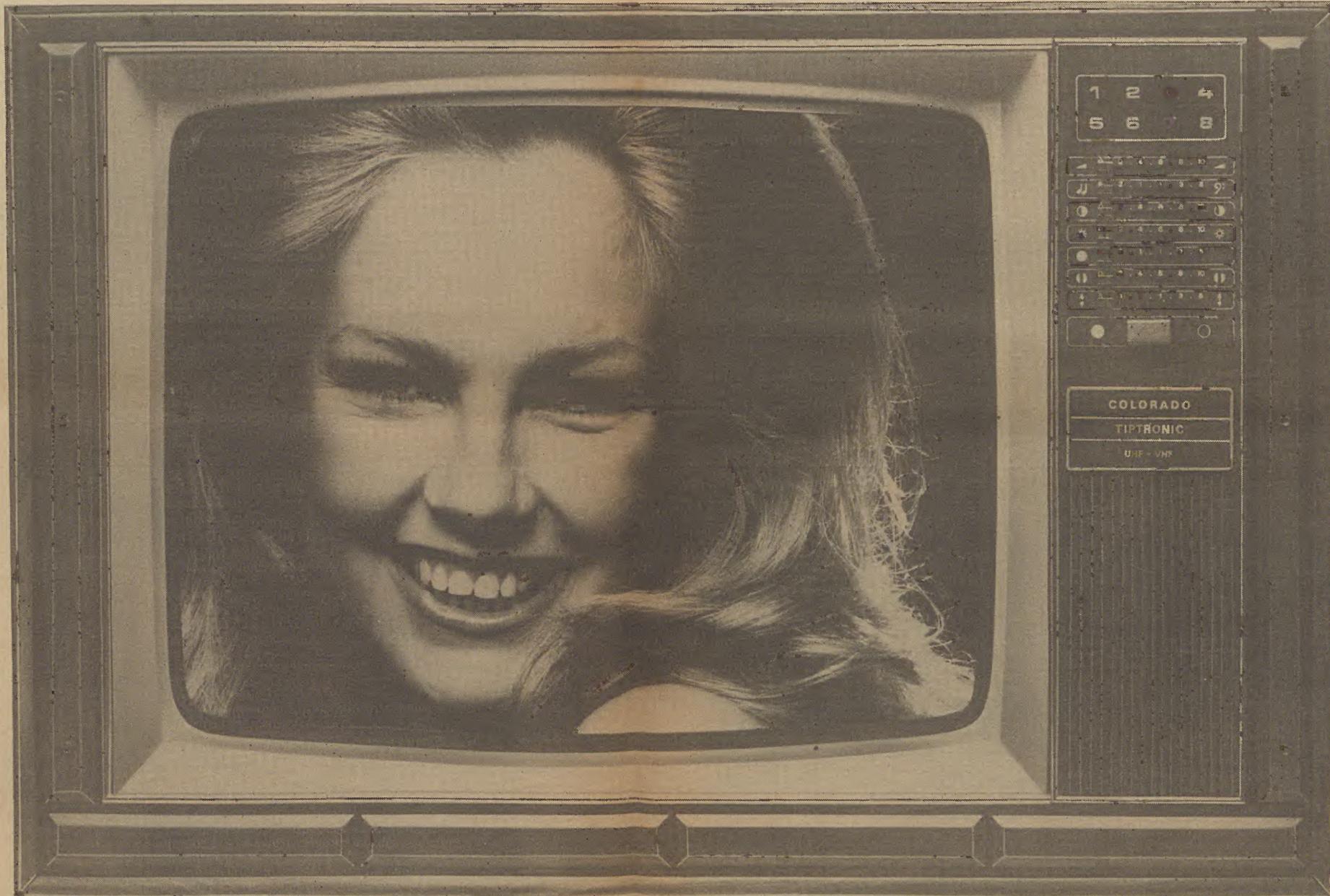
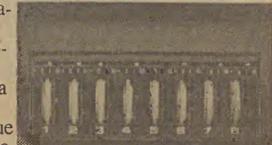
grama os canais,

a sintonia fina já entra

em ação.

Isso quer dizer que

nunca vai ter chuvas e



trovoadas nos canais que você escolher.

A imagem vai estar sempre perfeita e você nunca vai pensar mal da progenitora do fabricante.

A vida anda meio cinza, mas no Colorado Digital Color é tudo a cores.

O azul, o verde, o branco, o vermelho, o amarelo,

o rosa e todas as outras cores que estão faltando na natureza estão sobrando no Colorado Digital Color.

Sobrando, não. Elas estão na intensidade perfeita, exatamente como são na realidade.

Colorado Digital Color é contra todas as poluições que existem. Principalmente a visual.

O televisor que não precisa de ajudante para trabalhar no interior.

O Colorado Digital Color funciona em UHF e VHF sem nenhuma adaptação. Resultado: você está morando aqui e tem o seu televisor perfeito; você vai morar no interior e continua com o seu televisor

perfeito. Sem necessidade de conversor de frequência ou qualquer outro desses aparelhinhos.

E com a mesma imagem.

Essa é mais uma exclusividade do Colorado Digital Color. Como você vê, a cada linha que passa vai ficando mais difícil alguém ganhar este televisor de graça.

O móvel que não faz papelão na frente das visitas.

Os decoradores prediletos das Terezas, Silvilhas, Beths, Adrianas e outras dondocas da nossa sociedade já disseram: o Colorado Digital Color é o único televisor que tem um móvel que não precisa ser escondido das visitas.

É lógico que isso é um detalhe.

Mas não esqueça que é de pequenos detalhes que se faz um grande televisor.

Agora que você já conhece a imagem, conheça o som.

O Colorado Digital Color é um televisor que tem consciência de que a televisão é um aparelho audiovisual. E que por isso o som deve ser tão bom quanto a imagem.

Assim, ele traz o alto-falante frontal que garante um som nítido, perfeito, gostoso mesmo de ouvir. Pra você nunca perder nenhuma palavra do que está sendo dito.

E jamais imaginar que está precisando comprar um Vienatone.

Uma equipe que ganha salários enormes pra não trabalhar: Assistência Técnica Colorado.

A Assistência Técnica Colorado é rápida como o pensamento. E não falha: chamou, chegou; chegou, consertou.

Só que essa equipe de assistência técnica ganha um dinheirão pra não fazer quase nada. Porque o aparelho não quebra nunca.

O Seletor Digital do Colorado Digital Color, por exemplo, acabou totalmente com os seletores que encrencam.

Mas de todo jeito é sempre muito bom você saber que o seu televisor tem uma assistência técnica tão perfeita quanto ele. Coisa que o Colorado Digital Color tem de sobra.

Se depois de tudo isso você continua achando que tem um televisor que faz tudo que o Colorado faz, anote este endereço:

Rua Joel Jorge de Melo, 424 - Telefone: 70-1141 - SP. Esse é o endereço da Colorado.

Nós estamos aqui esperando quem traga um televisor brasileiro que faça tudo que o Colorado Digital Color faz, para dar um Colorado Digital de presente para essa pessoa. Como se fosse um grande concurso.

Só que com uma diferença: esse concurso é um negócio da China pra nós, porque nós nunca vamos entregar o prêmio.

Não porque a gente não queira, mas simplesmente porque não vai aparecer ninguém.

Colorado Digital Color: shows diários em todos os revendedores Colorado.

Tudo que você leu aqui sobre o Colorado Digital Color ainda é muito pouco perto de tudo que ele está demonstrando nos revendedores Colorado.

Vale a pena você ir conhecê-lo ao vivo.

Na primeira demonstração você vai perceber que o dono da Colorado não foi até a Alemanha apenas para beber chopp.

Foi pra fazer um acordo com a Blaupunkt que gerou um televisor diferente de tudo que você já viu.

COLORADO
TECNOLOGIA • BLAUPUNKT



Aqui, Danielle Máias

O que Máias está gostando mais de cantar no seu repertório é "Bravo!". O que ainda não se sabe é se ela está cantando "Bravo!" como homenagem ao ator Carlos Alberto, ou definitiva despedida...

E nós, as vacas?...

Em Baurú, apenas a 400 Km da cidade de São Paulo está se realizando uma das exposições mais importantes de gado de São Paulo. Transformada numa Las Vegas da pecuária, está disputando o cetro de Barretos onde Tião Maia, nosso John Wayne, tem instituído um dos seus grandes centros de ação (levando em conta que os bois de Tião Maia mal caberiam em São Paulo inteira vazia). Em Baurú os bons bois reprodutores ganham 10.000 dólares by day, só andam de Ferrari e fumam More. Quando um peão bate com a sua Kombi na Kombi de outro peão, logo aparece um capataz qualquer que compra os dois populares automóveis para evitar discussões e desimpedir logo o caminho. As sofisticadas na pecuária baurense vão a tal ponto que alguns criadores estão pensando até em entrar em contato com os vigentes empresários internacionais para que as grandes estrelas que vem ao Brasil à la Telly Savalas ou Rachel Welch dêem uma esticadinha até lá para fazer um showzinho extra para divertir seus bois. Alguns dos ricos bois procriadores fizeram um abaixo-assinado exigindo de imediato uma "esticadinha" de Sarita Montiel prometida a São Paulo ainda para este mês.

Barba Azul de anáguas ou, carcará de ouro...

Confirmado pelas insistentes ruguinhas da sra. Jackie Onassis: ela vai pagar três mil dólares



Maria Luisa Lacerda Soares, verde que te quero verde.

para passar 10 dias em dezembro na ilha de Ivo Pitanguy, o Alfred Hitchcock da cirurgia plástica brasileira, em Angra dos Reis. É a estréia do conhecido doutor como locador, aliás, estréia brilhante. Porque nem se fale do que ela vai pagar antes pela sua óbvia estadia na mansão "rejuvenescedora" do dr. Ivo em Botafogo. Depois de Angra dos Reis, Jackie já disse ao United States Information que quer dar um pulinho a São Paulo para conhecer Chiquinho Scarpa.

Pachstboom!

Um grupo de senhoras de famoso bom texto (é o critério de julgamento entre paulistas) reuniram a equipe americana de implusão querendo saber se o método se aplicaria no setor privado... Tem maridos muito altos atrapalhando várias praças...

Mousse de lantejoulas ou os estranhos caminhos do teatro polêmico...

Orlando Miranda, diretor do SNT acredita tanto no teatro que o teatro está até pensando em fazer alguma coisa para não decepcioná-lo. Como vão as leituras interestaduais de peças novas, uma das invenções de Orlando? Muito bem, gracias señor. Uma das últimas, em São Paulo, por pouco não vira uma Igreja, ou melhor, um terreiro. A peça era "ARainhaMorta". A direção ficou para o rocambolesco Luis

Carlos Ripper, o Guilherme Guimarães casado ao Denner, do cinema nacional. Como Ripper nunca gostou das coisas como são não se conformou com fazer uma simples leitura e pôr isso pôs Elke Maravilha no elenco fazendo o papel de Ines de Castro. Na morte do personagem eis que Elke foi surpreendida pela chegada de um dos seus habituais santos, que veio certamente indignado com as "características" de Ines de Castro. Os lentes fizeram tudo para conter o santo até o final. A entrada de Ruth Escobar no papel da Rainha foi definitivo: "Vamos acabar logo com esta chatice, que tudo não passa de uma chanchada" - evidentemente isto não estava no texto mas sim nos claros pensamentos da conhecida atriz. Tudo acabou bem até que Elke chegou aos bastidores quando eis que um grito aterrou a plateia: o santo ainda lá estava e parecia que tinha chegado para chegar. O esposo-Paraná de Elke, ficou tão assustado que pôs-se a correr e só parou em Curitiba.

Vai, estrela, sobe!

Cosete Alves, sra. de considerável texto, voltou encantada da Bahia. Para começar ficou hospedada no Salvador Praia

Hotel, que é uma graça, o mesmo hotel em que me hospedei quando fui entrevistar José Wilker para a Revista Mais, deste mês. No Salvador Praia estão hospedados Wilker e Sonia Braga que agitam o hotel como se fosse uma daquelas antigas coqueteleiras cubanas. Agitação que Cosete achou ótimo assistir. Wilker & Sonia Braga estão filmando Dona Flor em Salvador, que vai concluir suas filmagens no Rio mesmo, que tem melhores condições "coadjuvantes" para as seqüências do Cassino. É numa destas seqüências que vai aparecer Betty Faria anunciada como uma vedete recém-chegada do Rio e assim fica publicamente registrado que Betty e o diretor Bruno Barreto fizeram as pazes. Betty tinha rompido com Bruno porque pela sua impaciência preferiu que outra atriz a dublasse em a Estrela Sobe. Aliás, Bruno subiu tanto que já não precisa namorar mulheres famosas. Por isso se dará ao luxo de casar com uma desconhecida, já noiva, assim que acabar o filme.



Jackie Onassis, sem dúvida uma senhora de conceituadíssimo bom texto.

ESTÚPIDAS



MAISA veio para São Paulo tendo garantido pela Igreja (80 lugares) o mesmo fixo que Chico Buarque no Canecão/Rio (3.000 lugares). • O sr. Gabotto, assessor de imprensa da Alitalia chega a São Paulo no dia 3 de dezembro. 3 & 4 em São Paulo, 5 & 6 Rio. Vem para ver como andam as coisas no seu setor. Aliás, quem passou por São Paulo foi a francesa-carrioca **Claude Amaral Peixoto**, erguida relações públicas da Ali. • Da maior agilidade a sra. **Carmem Pimentel** nas suas atividades beneficentes. Aliás, São Paulo tem uma entidade beneficente per capita elegante. • **Lair Cochrane** tem tido anunciada sua chegada de Buenos Aires diariamente. **Juscelino Kubitschek** já despachando em novo endereço no Rio. No Prédio Manchete ali na Praia do Russel. • Estava animadíssima a retrospectiva, 4ª feira, no Museu de Arte Contemporânea de **Ernesto De Fiori** que já esculpiu até **Marlene Dietrich**, **Greta Garbo**, e **Adelayde de Castro** (elenco carioca). • Aparício Basílio da Silva confirmou seu natal pela Costa de Marfim com os **Leclery** que estão se desfazendo de todas as despesas no Rio. A disposição deles vai ficar somente a cobertura de **Nelita** no Jardim Botânico. • **Os Gancia** receberam sábado para festejar os hoteleiros de Gstaad que resolveram medir a

Clik! Clik! Alazão!

Bubby Costa, o fotógrafo da onda (de mulheres) expôs com muita desinibição e movimento dia 18 na Escola Montealegre de Fotografia Camera. Como Bubby faz uso do material Hasselblad, o sr. Hugo Osvald fez questão de vir da Suécia para a inauguração da mostra (na verdade também estava louco para ganhar um autógrafo de Bubby). O sr. Osvald é apenas diretor de exportação da Hasselblad para a América Latina. Como sempre, quando a gente vai ao campo, sempre se assassinam vários coelhos com uma única cajadada, o laboratório cinematográfico Curt aproveitou para esclarecer que estava lançando nas ampliações de Bubby um novo papel fotográfico. Bubby chegou negro de Búzios onde esteve fotografando ouro para a Revista Vogue. Além de bronzeado estava sorridente porque acabou de dar uma entrevista para Status contando tudo sobre as mulheres que já fotografou — a gente vai matando coelhos de um só golpe mesmo.

Conversinha no Olimpo...

O Deus da Contemporânea



Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz, sempre no ar.

mitologia italiana, Gianni Agnelli, e seu irmão Umberto (o outro Agnelli, como é chamado pela revista Time) estão esperando ansiosamente o momento da aposentadoria do embaixador Harry Giglioli porque foi o escolhido para ser o homem da Fiat no Brasil. Com Ivone ao lado, evidentemente, os fuscas que se cuidem. Se Harry continua desmentindo a possibilidade de vir dirigir a Fiat, é outra história.

Estrondosas teclas afinadas

Confirmada a vinda de Rick Wakeman pelo Grupo Globo, agora a gente tem a tranquilidade de acreditar. O wagneriano ex-teclas do conjunto Yes ainda é o grande sucesso nas suas apresentações com as mais badaladas orquestras sinfônicas. No Brasil vai ter a OSB e Isaac Karabchewsky como coadjuvantes. No programa suas duas grandes explosões: O Rei Arthur e Viagem ao Centro da Terra. Estréia em São

Paulo dia 13 de dezembro, volta a apresentar-se 14, depois vai para o Rio e Porto Alegre. Transação feita por André Midani parece que com o Albert Koski (lembra dele?). Enfim, como falam a mesma língua eles devem se entender bem.

Nós, homens do Olimpo...

Ruy Mesquita, homem de reconhecido bom texto — prestigiando o novo endereço do Sylvio's, agora no explosivo condado da Augusta (com alguns retoques continua de pé também o velho e prestigioso endereço em Higienópolis, que já foi ponto de encontro de Renato Souza Dantas, Lair Cochrane ou um Delfim Neto). A base da decoração do novo Sylvio's é preto (tom), muito conforto e serviço atento. A ausência do ar refrigerado era desculpada pessoalmente por Sylvio: "Os senhores sabem, depois que Tony saiu da Light nem tudo é a mesma coisa..." Seus bons novos vizinhos, Plano's — que está dividindo (entre o Sylvio's e o Plano's, leur coeur balance...), Charlie's e Pub já começaram a dar seus ais!... A presença de Ruy Mesquita — Marjorie no grupo — indica que o Sylvio's continua sendo uma bonne adresse.

Flutua, coração enfeitado!

Chamam os paulistas de exagerados. Ou de texanos. Mas baiano também, quando tem dinheiro não faz por menos. O saveiro que Luis Raimundo Tourinho Dantas comprou em Belém e pediu para Germano Mariutti e José Duarte de Aguiar decorarem é tão grande que está sendo chamado France. Será inaugurado no réveillon com uma festinha íntima a bordo para 150 pessoas e foi batizado de Fé em Deus. O sr. Luis Raimundo bem podia ter deixado a escolha do nome do saveiro também a cargo do bom gosto da dupla Mariutti/Aguiar, que basearam a decoração do "navio" em palha e fórmica.

Saveiro (para quem ainda não chegou lá) está sendo um investimento divertido no momento. Muita gente está comprando velhos saveiros no Nordeste e depois de dar uma reformada vem vender mais em baixo.

Um destes grandes "transeiros" é o belo conhecido das praias cariocas (bela e maduro) Ardino Colassanti que está sendo chamado de Cristóvão Colombo.

Um as estrelas sobem, outras brilham...

Cada vez que Toninho Abdalla passa por um dos bares do condado da Augusta, chegadas e saídas são um verdadeiro acontecimento. No outro dia lá estava ele com seu negro Porsche, por ser dele, parecendo o mais negro, último tipo que evidentemente não existe só um (sobretudo em se tratando de São Paulo) mas sendo dele, por ser o dele, parecia tipo exclusivo. De matar de inveja, não ao 007 mas diretamente à imaginação do seu criador, Ian Fleming. Também exclusiva e matando a todos de inveja, a loira que estava ao seu lado — loira como boa paulista autêntica. Rimando



pais de Flora



André Midani e Gal Costa só para ele não aparecer sozinho que não gosta.



Tania Caldas e Fernanda Bruni, ouro colhido por Bubby Costa em Búzios.



Elke Maravilha, uma santa.

aliás com o que disse o repórter de bom texto do Estadão, Euclides da Cunha, "O caboclo é antes de tudo um forte" — a paulista é antes de tudo uma loira.

La violetera

Maria Luísa Lacerda Soares, defensora pública número um dos jardins paulistas, estréia no jornalismo justamente falando sobre eles. Ela é relações-públicas do Clube de Jardinagem Paulista que se dispõe, sem fins lucrativos, a prestar qualquer apoio, informação e esclarecimento sobre o assunto verde. Nas horas vagas, Maria Luísa está resolvendo os últimos detalhes da sua nova casa, obra de Lina Bardi em 45.

Também se corre da fama

Lembram do Quinteto da Morte? Pois é, era um filme com o bom Sir Alec Guinness. Agora em Paris está fazendo todo mundo correr o Duetto da Morte, que não é um filme mas sim a dupla formada pelas famosas Mme. Sukarno e a bela Soraya, duas gráficas internacionais "desempregadas". Só quem não corre delas é o brasileiro, e eternamente éblouli...

Lucro, o show da vida.

Newton Rique, o atual mecenas do show-business (sem show melhor ainda) inaugura, com seu sócio de bom texto, Alfredo Mathias, o Shopping-Center Iguatemi Salvador no dia 5 de dezembro. Nos mesmos moldes que o Iguatemi paulista, apenas um pouco maior. Ocupado com o Iguatemi baiano e mais o investimento que fez no filme Dona Flor, que está sendo rodado em Salvador, Newton (alô, alô, Campina-Grande!) mal sai da Bahia. Aliás vivendo em eterna lua de mel com sua Regina Ferreira Guimarães, mineira. Newton, que entrou com o pé direito no mundo artístico (Brasileiro Profissão Esperança, São Paulo) será o capitalista do festival veraneio que Nelsinho Motta vai fazer em Cabo Frio. Disse não ao musical Gota D'Água e parece que também vai dizer não para a versão musical de Gabriela. A única exigência de Jorge Amado antes de ceder direitos para o musical é Bibi Ferreira na direção. Antes de assinar pegou o telefone e chamou Bibi: "Você dirige". Me perguntem qual foi a resposta?

altitude de São Paulo... Os Gâncias são gente de bom texto. • Helena Motim (não é o mesmo filme de Marlon Brando) quis a segunda-feira só para ela. • Maisa espantadíssima por que o seu filho, Ivone Matarazzo (19 anos) está querendo casar. "Imaginem se hoje em dia alguém pode pensar em querer casar-se". • São Paulo descobriu Flora Morgan Snell. Como pintora e como fina. No Rio como fina. No Rio como fina todos já a sabíamos. O que dificultava a vinda da sua fama europeia como pintora era o tamanho da sua obra. Seguro nenhum queria se responsabilizar. Agora, depois de lavar um pouco de roupa suja, seu quadros ficam no MASP até o fim do mês. • Regine, dona da luxuosa Chez Regine em Paris entre tantas outras boates também em Paris e pelo mundo, passou pelo Rio. Ela cedeu seu nome à boate do Meridien. Pelo que ela andou dizendo Regine ainda não sabe que no Brasil as coisas são diferentes. E ela tinha obrigação de saber, como personagem já sambado de antigos carnavais. • Fui jantar com os Claudio Bardella, os Ricardo Amaral e os Paulo Saldanha da Gama no Sun-tory, o "vaticano" dos restaurantes japoneses, que é realmente um destumbramento. Cr\$ 2.500,00 um grupo de 13 pessoas. • Ricardo estava contando sobre o Hippopotamus-Beach que vai "montar" no Hotel Delphin para o verão de Guarujá. Uma maneira de trabalhar apanhando sol. No fim do verão, desmonta. • Almoçando no Bolinha, o restaurante da Cidade Jardim que reúne, as praias de Ipanema, Leblon & Pepino, Juca Chaves e Clodovil sentaram-se à "nossa" mesa. Juca com a sua nova Ferrarini contando que deram um lance de 7 & MEIO pela sua casa no Pacaembu. Que a Globo, depois de um considerável "gelinho" chamou para fazer Fantástico e que ele se desculpu: "Sinto muito, mas já estou começando na Tupi" (Aliás Juca vem com um esquema ótimo). • Uma senhora se aproximou do Clodovil: "Como é que você pode cobrar tão caro pelas tuas roupas e andar tão mal vestido?". • Walter Clark pegando um jatinho da Lider para ir ao Maranhão comprar uma fazenda. • Maria Maria, a filha de Procópio Ferreira, ainda acaba no palco apesar de toda a sua biologia. • O carioca Paulo Fernando Marcondes Ferraz dizendo que não pretende roubar sua bela Regina Doria de São Paulo. Vai é intensificar a Ponte-Aérea mantendo estrutura nos dois polos.

Um caminho de volta, sem voltar realmente



REFAZENDA, com Gilberto Gil (Phonogram). — Depois de percorrer infinitos caminhos à cata de sempre novas descobertas sonoras, Gilberto Gil chegou afinal à sua maior descoberta: a simplicidade. Um lugar comum, quem sabe, de onde tudo vem e para onde tudo vai, como afirmava um título e letra de uma música recente, e convenhamos merecido para quem exaustivamente dispôs-se a aperfeiçoar o imperfeito e desprezar a perfeição como já enfatizava em "Meio de Campo". Um lugar sereno e tranquilo para aquele que em outras épocas confessava "viver abertamente bem mais louco", e que num ato de despojamento voluntário decidiu "retirar tudo que eu disse, reticenciando que eu juro, censurar ninguém se atreve" ("Retiros Espirituais") neste seu inefável, fluídico e ternamente pulsante "Refazenda". Desinteressado do culto à personalidade, da pretensão de criar o novo a todo custo, das suas habituais e provocantes incursões experimentais, Gilberto Gil decidiu fazer um caminho de volta. Quieta e incansavelmente, reavaliou todas as informações e formações musicais que o nutriram e recompor com a linguagem do presente as línguas musicais e poéticas antigas, as primeiras que ele provavelmente aprendeu. Na verdade, detrás da rústica simplicidade e da densa poesia de "Refazenda" Gil continua tecendo seu jogo sutil de imprevistos, propondo uma equação de muitos lados, incógnitas, e soluções. Abandonou todas as direções anteriormente percorridas e tornou-se em essência um cantor, de chorinhos, cocos, canções sertanejas, algumas em parceria com o sanfoneiro Domingos. Em tom íntimo, confessional, Gil, em seu novo disco, fala de suas raízes.

DISCOS



Rumo a um horizonte mais límpido

PLANO DE VOO, com Luiz Gonzaga Jr. (Odeon). Inegavelmente, um Lp pilotado por um bom músico. Um pouco inseguro na aterrissagem, cumpre dizer, mas com várias escalas, muitas delas bem menos acidentadas do que as que se acostumou Luiz Gonzaga Jr. em seus 7 anos de carreira. Ainda intrincado, ora ágil, ora redundante, preso a influências visíveis de Milton Nascimento e Gilberto Gil, Gonzaguinha movimenta-se em "Plano de Voo" com maior fluência e suavidade, distanciando da atmosfera triste, áspera, agressiva, as vezes intolerável, que povoaram seus discos anteriores. Com apurada atenção, agudo humor e voz atilada, o filho do "rei do baião" combina agora a crítica fervorosa com um recém-adquirido lirismo. Suas composições continuam indigestas, como "Assim Seja, Amém" ("A nós só resta a morte, aos filhos toda a sorte, esta vida eu sei que um dia vai mudar"), reflexos da "Catatonía Integral" ("Não faça, não saia, não fume, não fale nada afinal"). Mas já transmitem momentos de tranquilidade como em "Mundo Novo, Vida Nova" ou dizer adeus, deixar de ser só esperança e por minhas mãos me libertar", conservando características formais básicas, como a desmontagem das letras ("Quebra-Pau") ou a dispensa delas ("O Começo da Festa"). E até partem para imagens delirantes ("Gás Neon", "Conto de Fadas") e irônicas ("Tá Certo Doutor"). De fato, no terceiro e novo Lp de Luiz Gonzaga Jr. há bem mais estímulos do que tumultos. E no mínimo um momento antológico, a "ambígua e desconcertante" "Geraldinos e Arquibaldos", um samba (ou um calipso?) praticamente sem ritmo e acompanhamento. No momento coincidente com sua intenção de administrar os próprios negócios, Gonzaguinha parece também arrancar sua etiqueta de maldito, companheira inseparável desde o seu aparecimento com "O Trem". Por outro lado, sua atual safra de baiões, sambas, breques e canções se afasta de outros contratemplos, as constantes querelas com a censura, responsáveis pela proibição de nada menos de 15 músicas de seu último Lp. E aíça, enfim, seu voo rumo a horizontes mais límpidos e promissores.

Um tango-jazz com sabor de bossa-nova

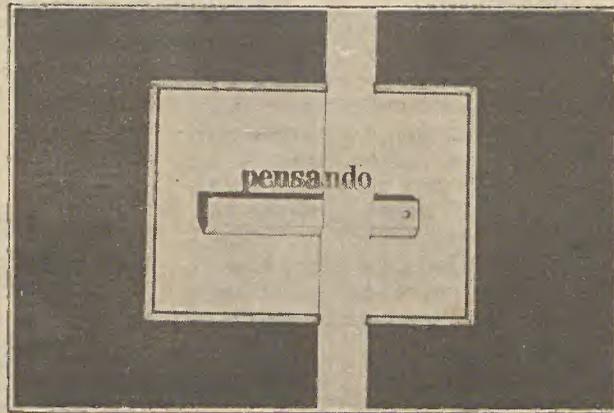


SUMMIT, com Astor Piazzolla e Gerry Mulligan (RGE Fermata). Um é o sblitário renovador do tango, unindo-o ao jazz e a outras correntes da música contemporânea. O outro é, ou pelo menos um dia foi, um dos expoentes do cool jazz. Juntos, Astor Piazzolla e Gerry Mulligan criam um estimulante diálogo sonoro, digno de seus talentos, ainda que sem atingir o summit (ápice), nome de uma das composições incluídas e título do Lp gravado por ambos. Curiosamente, a fusão do vigoroso e tonitruante bandoneon portenho com os sutis improvisos do sax-barítono americano reproduzem sons frequentemente mais próximos da bossa-nova. E trazem à memória um outro encontro antológico, o do brasileiro João Gilberto com Stan Getz.

Novaiorquino, de 1927, o longelíneo Gerald Joseph Mulligan despontou musicalmente em meados da década de 40 como arranjador da banda de Gene Krupa. Do estilo swing inicial, evoluiu para ritmos mais complexos com o célebre Quarteto Gerry Mulligan ingressando na estetizante escola cool à mesma época de Miles Davis e outros, de onde emergiu seu sax elegante e modulado. Reestruturador do tango ortodoxo em seu país, Astor Piazzolla evoluiu para sua própria fórmula sonora: um bandoneon sincopado, contrapontado por cordas e percussão. Em "Summit", os contrastes são executados pelo sax-barítono de Mulligan, que se esforça para adquirir uma ambicionada latinidade — a única faixa de sua autoria é também a única com título castelhano. "Aire de Buenos Aires". Do ambicionado elo dos dois idiomas, Piazzolla é quem determina o linguajar, embora isso se reflita num abrandamento de seu ágil bandoneon, aqui bem comportado e controlado. Autor de todas as outras composições e dos arranjos, é ele o responsável por dois dos mais estimulantes momentos do Lp, as faixas que iniciam cada um dos lados do disco: "20 Years Ago" e "20 Years After". Além de uma visível referência às suas estadas no Brasil em "Deus Xangô" — o que representa mais que um indício sintomático. Se me entendem.

Renato de Moraes

EXPOSIÇÕES



Waltércio Caldas: propondo jogos ao espectador

WALTÉRCIO CALDAS — Só conhecendo-lhes as regras e truques é possível propor jogos. Waltércio Caldas Júnior propõe os seus. A primeira visão da sua exposição, o jogo já está estabelecido, a falta de linearidade é sua regra: ao lado de um desenho há um projeto, em seguida outro desenho aparentemente sem ligação com o primeiro, obrigando o espectador à constante mudança de leitura e referência. Cultor da linguagem de sua arte, inteligente, seguro, 28 anos, o carioca Waltércio oferece jogos e alternativas para que o espectador use seus dados pessoais. Por exemplo, "Leitura Silenciosa", recordação de remotos exercícios escolares, em que dispõe uma série de desenhos com elementos de imediato reconhecidos por quem os lê, à exceção de um não-identificável, o que deixa a leitura reticente e o espectador perplexo. Um universo de sugestões, no qual o interesse maior ou menor, depende da percepção individual, ou da predisposição. Façam seus jogos. 15 trabalhos, de 2 a 10 mil cruzeiros. **Galeria Luisa Strina** (rua Padre João Manuel, 974 A).

GERTY SARUÉ/ANTÔNIO LIZÁRRAGA — Aparentemente, não há outra ligação artística entre esses dois nomes, a não ser que expõem serigrafias no mesmo instante e no mesmo endereço. Em seu trabalho, Saruê analisa criticamente certas formas urbanas que passam despercebidas no cotidiano. Com soluções encontradas através de uma visão fotográfica da realidade

de urbana, a artista chega a alguns resultados belos, porque simples e de impacto direto. Em outros casos, utilizando até o requinte da impressão com tinta prateada, traz imagens confusas pelo excesso de elementos, como que contaminadas pela famigerada poluição urbana. Já Lizárraga procurou criar "uma provocação de cibernética-gráfica". Segundo os parâmetros analíticos do ano da graça de 1975, poder-se-ia dizer que utilizando da geometria e da perspectiva para chegar a planos formalmente dinâmicos, o artista pouco acrescenta. Há ainda a repetição do mesmo tema com diferentes cores, o que muitas vezes denota a indecisão do autor. Diante de tantas opções cromáticas, quase sempre se ouve por parte dos espectadores desavisados: "Prefiro o verde", ou outra cor qualquer, dependendo do gosto de cada um. 350 a 700 cruzeiros. **Gabinete de Artes Gráficas** (rua Haddock Lobo, 1568).

JOSÉ ZANINE — É em torno da madeira e da exploração dos seus múltiplos recursos estéticos que José Zanine Caldas se situa. Empregando sobras de toras, normalmente inaproveitadas industrialmente, o arquiteto-artista autodidata realiza um trabalho em que propõe manter viva a madeira e prolongar a dignidade da arte manual do carpinteiro de canoa. Com esses elementos, Zanine projetou os mais diversos móveis, de cadeira a luminárias. O caráter mais proeminente da mostra atual é a própria presença da madei-

ra. Destacam-se as peças em que há pouca intervenção humana, ou seja, os que mais se aproximam do elemento *in natura*. Os arroubos cometidos ao usar formas de objetos de conhecido "design" aplicando-os à madeira, resultam catastróficos. Por outro lado, os objetos em que está presente uma agradável textura do material, carecem frequentemente de um bom desenho. Há ainda objetos inconcebíveis: uma pia feita de troncos e troncos-luminárias dos quais emergem plantas. Apesar disso, seja qual for o resultado formal de seu trabalho, ele é justificado pelo autor: "Manter perene o objeto móvel, feito de madeira, enquanto a canoa perece". **MASP** (av. Paulista, 1578).



Morgan-Snell: no Olimpo?

MORGAN-SNELL — REBORDA com toda a pompa de visitante ilustre, por sua decantada consagração europeia e seu ineditismo no Brasil, a pintora, escultora, gravadora e medalheira Flora Morgan-Snell inaugurou sua exposição com todas as cores de acontecimento social. Autodidata, brasileira, procura em seus quatro o ideal de beleza e equilíbrio renascentistas, uma atitude no mínimo anacrônica nos "tempos modernos". Inegável a beleza artesanal de certos trabalhos, principalmente se observados à distância, ignorando-se os detalhes. A artista confessa extrair seus temas da mitologia helênica, da Bíblia, do Inferno de Dante ou do Paraíso de Milton, o que, felizmente, nos remete à realidade, pois ao chegar à exposição tem-se o súbito pressentimento de ter entrado, por engano, no Olimpo. **MASP** (av. Paulista, 1578).

Uma feira de gravuras com opções para todos os gostos



Nessa mostra que atua como um verdadeiro catálogo de gravuras, a **Galeria de Arte Ipanema** visa oferecer "maiores opções para seu brinde de natal e para os seus projetos de decoração de casas, escritórios, etc". É, evidentemente, uma promoção altamente comercial. Em função disso, o nível dos trabalhos oscila, procurando abranger todos os



Reynaldo Fonseca e Gustavo Rosa numa mostra oscilante gostos e preferências. Capacitada para a venda de gravuras da unidade a grandes quantidades e ainda fornecer tiragens exclusivas, a galeria reuniu nomes diversificados, muitos deles consagrados, tanto brasileiros como estrangeiros. **Maria Bonomi, Mario Gruber, Reynaldo Fonseca, Renina Katz, Milton Dacosta, Volpi, Di Cavalcanti, Gus-**

Os mais vendidos da semana

Nacionais	Estrangeiros
"Chico & Bethania, ao vivo"	"Sua Paz Mundial, volume 4", vários intérpretes
"Clareza", Clara Nunes	"Bravo!", clássicos
"Alaíde", Alaíde Costa	"40 sucessos de Elvis", Elvis Presley
"Toquinho & Vinícius"	"Bill Halley Living London/74", Bill Halley
"Brasil, flauta, cavaquinho e violão", vários intérpretes	"18 Super-Hits", vários intérpretes
"Brasil Som 75", Benito di Paula e outros	"C'est ma vie", Adamo
"Antologia do Samba Canção", Quarteto em Cy	"Maintenant", Françoise Hardy
"Maravilha de Cenário", Martinho da Vila	"Saudade não tem idade", vários intérpretes
"Antonio Carlos & Jocaí"	"Concerto para violão, volume 3 da série Personalidade", Rodrigo Yanez
"Gabriela", vários intérpretes	"Never can say good bye", Gloria Gaynor

Fontes: Breno Rossi, Bruno Blois, Hi-Fi, Museu do Disco

A PEDIDA DIFERENTE

No Pilão, um bom churrasco à moda antiga.

O endereço é um pouco longe, no bairro de Mirandópolis. Mas a pequena viagem vale: o Pilão (rua Joaquim de Almeida, 233; telefone: 275.6375) é um restaurante feito de encomenda para quem gosta de um churrasco à brasileira bem caprichado. E os atrativos não ficam restritos à mesa: a casa, graças à sua decoração, parece quase um museu folclórico. As peças expostas pelas paredes — desde *souvenirs* de viagem até instrumentos típicos — começaram como uma coleção de estimação. Depois, a coleção foi aumentando com novas peças presenteadas pelos clientes e amigos.

Mas passamos às carnes. O Pilão é um restaurante não muito grande, pode-se dizer até que seja simples. O que há de especial mesmo são os seus churrascos. O proprietário da casa, José

Antonio Dias, é paulista de Barretos e sempre lidou com carnes. Segundo ele mesmo diz, "Quem só faz churrascos, churrasqueira melhor". E é exatamente isso que ele vem fazendo há 11 anos no Pilão.

Lá você pode inclusive escolher a carne de sua preferência pessoalmente, pois elas estão expostas no balcão. Para ajudar quem não entende muito dos cortes de carne, um "mapa" do boi bem à vista. Antes de passar aos churrascos propriamente ditos, você não se arrependerá se pedir o *couvert*: por Cr\$ 14,00, vem caldo de matambre, mandioca frita, farofa, fatias de cupim, molho de cebola e salada preparada na hora. (Quanto aos churrascos (de Cr\$ 25,00 a Cr\$ 36,00), saiba que o cupim do Pilão ainda é feito à moda antiga (vai virgem para a churrasqueira, fica pendurado de 3 a 4 horas sobre a brasa, onde fica pingando gordura, o que lhe dá um sabor todo especial). Outras opções de carne: costela (preparada por processo idêntico), picanha, maminha de alcatre, chuleta, lombo de porco. O cardápio inclui ainda peixe na

brasa (Cr\$ 55,00) e camarão no espeto (Cr\$ 70,00). Uma delícia o feijão tropeiro, acompanhado por lombo de porco (Cr\$ 50,00).



As sobremesas caseiras, preparadas por Dona Ruth, esposa de José Antonio, são um capítulo à parte. Escolha, por Cr\$ 10,00: doce de moranga, de leite, cocada, quindins. Batidas de frutas naturais (Cr\$ 10,00) e um cafezinho realmente único, adoçado com rapadura. Não é demais anotar mais esta credencial para os churrascos de José Antonio: ele tem grande orgulho em ter churrasqueado para o governador Paulo Egydio quinze dias antes de sua posse e quinze dias depois.

O Pilão só fecha às segundas-feiras. Nos outros dias, almoço das 12 às 15 horas e jantar das 19 até 1 da manhã. A casa aceita cheques e cartões Elo e Passaporte. Estacionamento em frente, fácil.

Lucilla Simonsen Santos



No restaurante, ampla escolha de vinhos.

La Tambouille, um impecável sinônimo de boa comida.

Há quatro anos, Gian Carlo Bolla e seu sócio, Rodolfo Porato, tiveram a idéia de abrir um restaurante de classe na Zona Sul. Fizeram o La Tambouille (Avenida Cidade Jardim, 425; fone: 80.1371) e acertaram em cheio. O ambiente fino e agradável, de muito bom gosto, é mais do que convidativo. E a qualidade da comida e do serviço ajudaram a construir o prestígio da casa, hoje frequentado pela alta-sociedade de São Paulo. Ministros e governadores são presenças tão assíduas quanto as de homens de negócio ou intelectuais. Se você quiser saber a razão dessa preferência, pergunte ao Juca Chaves: ele não sai de lá.

La Tambouille é uma palavra da gíria francesa, que quer dizer "boia". Um nome sugestivo para este restaurante todo decorado em tons de marrom amarelo e branco — estão de parabéns os decoradores Milena Cocito e Sérgio Dotta. No fundo, um barzinho de iluminação discreta, onde você espera sua mesa drinçando um bom uísque ou um dos coquetéis especiais da casa. Você já pode, inclusive, escolher seus pratos com o maitre, para que tudo esteja pronto quando você chegar à mesa. No centro do salão do restaurante, um *réchaud* estilizado, onde muitas das sugestões do cardápio são preparadas à vista.

O cardápio de peixes é realmente especial. As sugestões de maior sucesso são as Coquilles Saint Jacques ou o Filé de Namorado a Monte Carlo (grelhado com molho de lulas, cama-



O "réchaud", no centro do salão.

rões e mariscos). Ambos os pratos por Cr\$ 48,00. Uma indicação mais requintada, o Camarão ao Champagne (Cr\$ 64,00).

No capítulo das aves, não deixe de experimentar o Faisão com Creme de Champignons (Cr\$ 56,00) ou as Codornas (mesmo preço), desossadas e preparadas com bacon e ervas aromáticas, servidas com Risoto à Milanese. Para quem prefere carnes, uma boa pedida é o Filé Mignon de Cordeiro (Cr\$ 48,00), com molho de hortelã, ou os Rins de Vitela (Cr\$ 38,00), flambados no conhaque com molho de mostarda e champignons, um prato que dificilmente você encontrará em outro restaurante de São Paulo.

Na hora do almoço, de 3ª a 6ª feira, comida tipo caseiro, sempre acompanhada por milho *sauté*, farofa, banana frita e ovo pochê é uma idéia excelente para esse almoço tipicamente

brasileiro. Entre as sobremesas, uma Mouse de Chocolate (Cr\$ 15,00) realmente fora de série. Na hora do café, Café Vienense ou o Irish Coffee. A casa fica aberta para almoço e jantar, de terça a domingo. Convém reservar mesa (até 13h, para o almoço; até 20h30, para o jantar). Aceitam cheques e cartões Passaporte, Nacional e Credicard. Manobrista à porta.

Antes de terminar esta reportagem sobre o La Tambouille, um furo extra: no início do ano, os mesmos donos do La Tambouille estão preparando a inauguração de uma nova casa, cujo nome também virá em típico argot parisiense. O nome será La Buffe, que também pode ser traduzido por "boia". La Buffe terá a mesma qualidade e categoria do La Tambouille, prometem seus sócios. Com dois detalhes a mais: um bar e, à noite, música ao vivo.

Degustar camarões à paulista com as próprias mãos, deixando de lado os talheres, não é pecado nenhum contra a etiqueta. Muito pelo contrário, é a maneira que os gourmets recomendam como a mais indicada para melhor aproveitar os prazeres de um bom prato de camarões. O desagradável, porém, é terminar com as mãos engorduradas. Um eficiente antidoto contra isso é utilizado há muitos anos pelo Restaurante Marreiro, de Santos: colocar ao lado dos fregueses um guardanapo embebido com álcool.

O CARDÁPIO DA CIDADE

Beirutes, bifes, artistas: a escolha é sua.

Bambi, o pioneiro dos beirutes — Segundo seu proprietário, foi o Bambi quem lançou o sanduíche Beirute em São Paulo. Agora todo mundo faz, diz ele, mas o seu tempero ainda é o mais legítimo libanês. Enfim, todo o cardápio de sanduíches do Bambi é famoso. Um capítulo especial para as feijoadas ou a grande variedade de pratos tipicamente árabes. Entre as sugestões de cozinha internacional, os Fondues de carne ou camarão, servidos com vários molhos diferentes. Aberto todos os dias para almoço e jantar, aos sábados até de madrugada. (Alameda Santos, 59)

de nó: ambiente agradável e serviço perfeito. Ainda no cardápio, sugestões de churrascos e pratos da cozinha internacional. Abre todos os dias para almoço. No jantar, música ao vivo. (Rua da Consolação, 267; fones: 256.6924 e 256.7856)



Ao Franciscano, a gostosa comida alemã — Um dos Eisbein (joelho de porco) mais bem preparados da cidade. Outra sugestão a salada de batata com salsichas vienenses. O chope da Brahma é muito bem tirado. A vantagem de ficar bem no centro, com um grande salão dividido em boxes isolados feitos de madeira

Piolin, o restaurante dos artistas — Geralmente animadíssimo, frequentado por artistas de teatro, cinema e televisão. Também jornalistas, intelectuais e excêntricos. Enfim, gente que gosta de ver e de ser vista. Embora o endereço antigo fosse uma sala menor e mais aconchegante, o movimento, a alegria e o reboliço continuam os mesmos. A

comida sempre boa, com preços ao alcance de todos. A confusão e a demora lógica no atendimento são perfeitamente superadas pelos garçons, que conhecem a freguesia pelo nome e quebram qualquer galho. Aberto todos os dias. À noite, estacionamento gratuito. (Rua Augusta, 161; fone: 256-9356).

Caverna do Bugre, os bifes e o sorvete — Quem manda na cozinha, sozinho, é o seu proprietário, Sr. Alexandre, criador de molhos e temperos sensacionais. Duas sugestões completamente diferentes, que valem a pena: o Bife à Parmegiana e o Filé Alpino (coberto com presunto e queijo Catupiry) Não deixe de experimentar também o camarão a Grega. Sem falar no especialíssimo sorvete de chocolate. Atenção: o restaurante fica meio escondido, um meio-subsolo. Casa pequena, ambiente sossegado, um programa fora do comum. Fecha as segundas-feiras. (Rua Teodoro Sampaio, 334; fone: 80.3968).

show da cidade

Pedra Gandara

Itala Nandi está fazendo 12 papéis em Sinbad, o marujo. Inclusive a de Sherazade.

No mês que vem, no cinema, faz somente um: o da moça que peca na sacristia, num filme de Miguel Borges. Itala avisa: apesar do nome, não é pornochanchada. É que hoje em dia o pessoal só vai ao cinema movido por títulos assim".



Ruth Escobar demonstrou que só não é dona absoluta de um palco quando tem preguiça.



Na primeira fila, Heloisa Maranhão.



Sábato Magaldi, ao lado de Milton Faria.



Depois dos faniquitos, Elke Maravilha se apoiou no marido para placidamente assistir ao falso debate.



Raul Cortez: parecia estar se olhando num espelho.



Denise Stoklos, uma das atrizes-leitoras

Rainhas loucas, sogras incestuosas, leituras de cabeceira.

Se Inês de Castro quando viva não foi apenas uma vítima inocente dos ardis de sua época, Heloisa Maranhão conseguiu finalmente transformá-la em ré indefesa de suas veleidades dramáticas. "A Rainha Morta", peça em que dona Inês definitivamente assassina Inês (com agulha de tricô?) foi selecionada para leitura (Prêmio SNT) no Rio, e aqui em São Paulo, no Teatro Paiol. O texto mereceria, quando muito, uma leitura à cabeceira de moçoilas insones de antanho. Do tempo em que sonhar era pecado.

O público, cúmplice inocente do crime, só não bocejou mais por que não havia espaço físico nem para um suspiro. Atraídos pelo "elenco milionário" e mais ainda pela qualidade da peça lida na semana anterior ("O Porco Ensanguentado", da inquieta Consuelo de Castro), os ouvintes literalmente tomaram de assalto

todos os espaços disponíveis do raquitico Paiol. E durante três longas horas (ou teria sido mais?) todos sadicamente torceram, como nos tempos romanos, pelo esfacelamento de Inês, faniquitamente revivida por Elke, com maravilha apenas no sobrenome. Com os ares e esgares que a tornaram famosa, a starlet nº 1 do país, insistiu em revelar seus suspeitados dotes dramáticos até a última cena. Ou ela enlouquecia ou enlouqueciamos nós. Ela perdeu por nocaute.

Quando o espetáculo-leitura terminou e se aguardava o início daquilo que fora anunciado como debate, Elke, atrás do pano-de-boca, emitiu desesperadamente suas últimas estridências. Seria aquilo, ainda, complementação do espetáculo? Nos minutos seguintes soube-se que Elke "tinha sido tomada por uma entidade sobrenatural" Não seria a pró-

pria Inês que veio à galope se vangar?

O que de fato não se compreende, é como Luiz Carlos Ripper, possuidor de uma folha de pagamentos das mais altas com o público, tenha se enlevado com tamanha dose de basgaquice. No engodo também foi tragado o esforçado Rodrigo Santiago (o Infante D. Pedro) que chegou a ficar rouco tentando, provar que levava tudo aquilo à sério. A única a tirar de letra a leitura, foi Ruth Escobar, que leu a "Rainha", sogra torta e incestuosa de Inês. Levando a farsa às últimas consequências (que o texto não previa) Ruth magistralmente demonstrou que só não dá lição de teatro quando tem preguiça. Raul Cortez, leitor do "Rei Afonso", parecia estar lendo diante de um espelho de libidinagem. Do resto, graças a deus (ou à Inês?) já não me lembro.



Está acontecendo com Wanderléa o mesmo que aconteceu com Marlene (a da Emilinha). Nos tempos em que batalhava nos auditórios era esnobada por uma faixa dita intelectual. Hoje, é uma espécie de disease,

de toda uma classe que "só a ouvia de passagem". Dia 8 próximo, ela volta com seu show Feito Gente a São Paulo.

Numa representação especial, "a pedidos", para toda teatralidade paulista.



Roberto Freire, jornalista, teatrólogo e psicanalista preferido dos artistas, foi convocado para dirigir o novo show de Maysa, cantora e compositora devidamente psicanalisada. Tanto, que ela só topou quando soube que a direção seria em grupo. As sessões transcorrem na boate Igrejinha, que não garante alta aos pacientes de mundos caídos.



Plinio Marcos, emocionado, assistiu semana passada no Teatro Municipal a apresentação do Ballet Stagium que dançou "Quebradas do Mundaréu", inspirado numa de suas peças mais aplaudidas e, como todas as outras, também proibida. Semana que vem, o balé se apresenta no XIII Festival de Dança, em Paris. Plinio fica.

Rita Lee e seu Conjunto Tutti Frutti em vez de participarem do Festival de Música Popular em Poços de Caldas, se mandaram para Águas de Lindóia, "a passeio". Explicação: "o festival é careta e tem picaretagem no negócio".



Iracely Cardoso e Carlos Demitri, do corpo de baile do Municipal, anunciam que estão definitivamente casados. Em palco e plateia.



Num breve hiato televisivo Claudio Marzo esteve atuando em palcos paulistas. Não deu ibope, desculpem.



O diretor Silnei Siqueira, no botequim ao lado do Piol, anuncia que vai montar o "Porco Ensanguentado", de Consuelo de Castro.



Papete, o moleque que consegue fazer berimbau virar orquestra se prepara para fazer show sozinho.

Quem ousa vestir a "Mariazinha"?

Flora Morgan Snell interrompeu sua exposição no MASP. Discretamente, quanto sua noblesse oblige, se queixou da falta de promoção de parte do museu. Suas obras, de himalaicas proporções e incomensurável pudicícia, precisaram de um hercúleo exército de carregadores.

Perfumaria, teatro e columnismo, dançando em trio no Hippopotamus: **Aparício, Raul Cortez e Alik Kostakis.**

Ano que vem devem surgir três novos restaurantes letrados. Não é de sopinha de letras não. São os restaurantes de **Thomaz Souto Correa, Mino Carta e Odylo Licetti**, todos jornalistas em postos de direção. Thomaz já importou cozinheiro português. Mino ainda está nas entrevistas. Odylo nos devaneios.

Chico de Assis e Walter Negrão definitivamente contratados para escrever a novela das 10 da Tupi. Talvez a última tentativa das Associadas contra a Globo,

dona absoluta do horário com suas gabrielas e outros gritos. Se a emissora esperasse um pouco mais, podia dar uma do Adhemar. Isso porque SS vem aí, e "quando dois fortes lutam, ganha o da reserva."

Paulo Gracindo sai de São Paulo no início do mês. Aproveita suas "derradeiras noites paulistas" para tomar a sopa "Leão Velloso", do restaurante Mexilhão. A sopa tem fama de ser afrodisíaca.

A honra de eternizar um dos 15 animais considerados em extinção pelo Zoológico de São Paulo coube este ano ao pintor **Guilherme de Faria**. Fará 200 litogravuras da Arara Negra, espécime raro que a direção do Zoo conserva em viveiro especial, a salvo até de mau olhado. A lista dos "em extinção" está sempre engordando em extensão.

Em festa de granfino paulista há duas constantes: colunista social e **Ed Costa.**

Para o próximo Reveillon, o organista, dono de dezenas de conjuntos homônimos, já recebeu mais de 20 convites. Seus 300 músicos aceitaram todos e outros que ainda virão. **Ed Costa** se prepara, mais uma vez, para sua milionária São Silvestre musical.

"A Teoria na Prática é Outra", de **Anna Diosdato**, começa gozar no eixo Rio-São Paulo da fama da fertilidade. No Rio, a atriz **Débora Duarte** deu a luz praticamente em cena. Em São Paulo, **Suzana Gonçalves** já está esperando.

Clodovil é o mais assíduo frequentador do Beca, salão de beleza da Augusta. O horário de sua "beauté" diária é dos mais concorridos. Semana passada, o show do costureiro foi baseado no paralelo que teceu entre as casas que a revista Vogue apresentava em edição especial e as de suas clientes. Nenhuma delas estava no salão.

O "Ponto Chic", com

seus 54 anos de idade, ostenta a glória de ter dado à luz o sanduíche-bauru. Semana que vem, o "Ponto" poderá ser fechado. A justiça é quem vai decidir se os velhos inquilinos, que pagam pouco mais de 2 mil cruzeiros mensais, devem ou não pagar os 400 mil que os novos proprietários exigem a título de reajuste.

"A Flor da Pele", peça premiada de **Consuelo de Castro**, será transformada em filme por **Francisco Ramalho Jr.** A atriz principal será **Beatriz Segall**, que já encomendou vestimentas ao costureiro **Castellana**. "Fala Baixo Senão Eu Grito", da não menos premiada **Leilah Assumpção**, também será transformada em filme sob a direção de **Odete Lara**. Até agora ninguém se candidatou para vestir a neurótica "Mariazinha".

Roberto de Abreu Sodré é o criador do novo slogan do Clubinho dos Artistas: "o único lugar de São Paulo onde a boemia é ainda saudável."

Vanja Orico esteve em São Paulo somente para visitar a redação do semanário EX, da única editora brasileira onde todos são jornalistas. Talvez por isso não pediu "notinha". Foi logo fazendo questão de pagar o anúncio de promoção de seu filme, "O Segredo da Rosa", que lançará em março próximo. Pagou cash e não pediu nem desconto artístico.

Até as vésperas de seu embarque para Paris, o filósofo **Michel Foucault** não conseguiu ser convencido de que bigode não disfarça ninguém em São Paulo. Nem mesmo os cow-boys da praça da República e adjacências conseguiram fazer com que o filósofo mudasse de ideia.

Desabafo de **Edwin Luisi**, jovem ator da melhor geração EAD: "a televisão minimiza tudo. O cinema pornochanchadeia e o teatro, agora, vai na onda. Vem aí a "Gaiola das Loucas"..."

Regina Penteadó, jorna-

lista notívaga deu alarme noite dessas: "não se pode mais frequentar o Piolim, lá está cheio de mata-pasolini."

Ney Matogrosso pousando em São Paulo à caça de novo empresário. Daqui, se aceitar os 30% líquidos sobre toda sua renda que o empresário **Marcos Lázaro** pretende cobrar, alçará vôo transoceânico para lançamento internacional. Antes, o cantor-bicho fará show-monstro de despedida para toda fauna e flora. **Yma Sumac** (quem ainda se lembra?) passou pelos mesmos percalços. E não perdeu as penas.

A última exposição que mereceu a presença de **Ciccilo Matarazzo**, depois de sua definitiva renúncia à presidência da Fundação Bienal, foi a da mostra canina da raça **Siberian Husky**, semana passada no Tattersall do Jockey Club Paulista. Ciccilo entregou os troféus ao cão vencedor. Todos os não premiados, como sempre, latiram.

TEATRO

ABSURDA PESSOA — Em três atos, três noites de Natal festejadas por três casais nas cozinhas de suas respectivas casas, o autor inglês Alan Ayckbourn radiografa numa rígida geometria o trágico absurdo do cotidiano determinado pela sociedade contemporânea — notadamente à classe média. Sua transposição para o palco é um espetáculo convencional e excessivamente longo, sem, contudo, deixar o espectador indiferente. Para o que contribui sobremaneira a bombástica performance de Ester Goes e uma direção segura, estréia do ator Renato Borghi. Com Luiz Carlos de Moraes, Paulo Padilha, Márcia Real, Tony Ramos e Miriam Mehler. **Teatro Treze de Maio** (rua Treze de Maio, 134), de quarta a domingo.

O CASO WALTER KATE — Com relativa verve, humor e nonsense, a peça musical escrita e dirigida pela atriz Claudia de Castro apresenta a Escola de Samba Unidos da Desgraça e seu enredo contando a história de Walter e Kate, um caso de amor parodiando o rumoroso episódio de Watergate. As soluções encontradas não chegam a ter a força de um grito de carnaval, tampouco são sombrias como o fato em que se baseia. Com Neusa Borges, João Acaiaze, Yara Marques. **Teatro Popular** (rua São Vicente, atrás da pça. 14 Bis), de terça a domingo.

OS EXECUTIVOS — Através da enaltecida figura do executivo e três coquetéis promovidos por sua empresa, o autor Mauro Chaves (que com este texto obteve o prêmio de encenação do SNT em 74) pretende mostrar uma situação mais ampla, em que as pessoas não passam de marionetes, manipuladas pela sociedade. Malgrado exercício, indeciso entre o realismo e a farsa, acompanhado pela direção de Silnei Siqueira ainda que apoiado num elenco eficaz (Beatriz Segall, Arieclê Perez e outros.) **Teatro São Pedro** (rua Albuquerque Lins, 171), de terça a domingo.

GOLPE SUJO — Marido (Hélio Ary), mulher (Mária Della Costa) e um tarado sexual (Jardel Filho) multiplicam seus truques e armadilhas nesta caçada, em que nunca se sabe quem é o caçador, do jornalista italiano Mario Fratti — pela primeira vez representado no Brasil. Sem brilhos mas sem deslizes, este retrato da violência americana levemente temperado com um molho latino e dirigido por José Renato cumpre fielmente sua função de fazer rir com a frequência desejada. **Teatro Maria Della Costa** (rua Paim, 72), de quarta a domingo.

O JOGO DO SEXO — Nada mais convencional do que a irregular geometria dessa comédia inglesa de Richard



Absurda Pessoa radiografando

MURO DE ARRIMO — Autor premiado pelo hábito, às vezes saudável, de recordar o presente via passado "O Processo de Joana D'Arc", "Frei Caneca"), Carlos Queiroz Telles surpreende agora com uma trama contemporânea e atual: seu único personagem, o pedreiro Lucas, constrói um muro no alto de um edifício, enquanto aguarda a transmissão de um jogo do Brasil em Frankfurt. O monólogo de Lucas, trabalhado em torno do jogo, não parece limitar-se somente a suas conotações mais imediatas: o desespero do brasileiro com a escalada do time, sua esperança de vitória, seu medo da derrota. O ator incumbido deste solo dramático é Antonio Fagundes, mais conhecido do público por sua atuação no vídeo (o Petruchio de "O Machão") do que por seus bons desempenhos em "Castro Alves Pede Passagem" ou "O Duelo". Seu talento corre riscos eventuais: a inexperiência do autor na abordagem de uma temática urbana e a indefinição e imprevisibilidade do diretor Antonio Abujamra. Ou não. **Teatro Aliança Francesa** (rua General Jardim, 182), a partir de sexta.

Antonio Fagundes em "Muro de Arrimo".



DESTAQUES

MAYSA: CONFISSÕES — Desde que começou a cantar, no fim da década de 50, Maysa projetou-se como uma espécie de diva conturbada, agressiva, de uma tristeza contundente na voz e de um brilho misterioso a rodear sua figura e, claro, seus olhos verdes. Composições como "Ouça" e "Meu Mundo Caiu" levaram-na rapidamente ao sucesso como musa divulgadora do movimento da bossa-nova e à Europa de onde voltou em 1969, montando seu último show de sucesso popular no Canecão do Rio. Daí para a frente, tornou-se arredia, com poucas aparições e menor alarido. Sinais de opção ou talvez de indecisão? Nada se sabe exatamente, exceto que sua volta, agora, ao contato direto com o público, precedida por dois especiais de televisão (TV Cultura e TV Bandeirantes) seguirá uma linha que nem ela mesmo sabe definir previamente. As idéias deverão nascer de conversas com Roberto Freire — ex-dramaturgo, ex-jornalista, ex-cineasta e, principalmente, ex-analista de Maysa — mentor intelectual do show. Duas coisas, pelo menos são certas: Maysa será acompanhada pelo irrepreensível saxofonista Paulo Moura e não deixará de cantar seus grandes sucessos das duas décadas passadas. **Igrejinha** (rua Santo Antonio de quarta a sábado.)

("Odossi" e "Kuchipudi", por exemplo, se baseiam no culto à antiga divindade erótica Shringara Shakti), Sonal, 31 anos, é acompanhada por quatro dançarinos. **Teatro Municipal** (pça. Ramos de Azevedo), de quinta a sábado.

PULSAÇÕES — Em movimentos que procuram demonstrar as várias modalidades da chamada "energia natural", a coreógrafa Célia Gouvea coloca em cena alunos do curso promovido pelo Teatro de Dança (rua dos Ingleses, 209), de quarta a domingo.

FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR NOS BAIRROS — Compositores jovens e antigos da música popular brasileira apresentam-se novamente em pontos estratégicos da cidade, numa inédita iniciativa oficial: João Bosco e Belchior no Centro Independência (rua Costa Aguiar, 635 — Ipiranga), somente quinta; Carlinhos Vergueiro e Alaide Costa, somente sexta; Grupo Raizes, somente domingo; na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo — FAU (campus da Universidade de São Paulo).

RECITAL DE PIANO — Attilio Mastrogiovanni interpreta Bach (Fantasia Cromática e Fuga), Mendelssohn (Variações sérias op. 54), Nilson Lombardi (Cantilenas 1 e 3) e Prokofiev (Sonata n. 4). **MASP** (Av. Paulista, 1578), somente quinta.

CONCERTO SINFÔNICO — A Orquestra Filarmônica de São Paulo, sob a regência de Jorge Salim Filho, executa obras de Mozart (Concerto para flauta e orquestra n. 2, em ré maior para oboé e orquestra), Vivaldi (Concerto em fá maior para duas trompas) e Haydn (Concerto em mi bemol maior para trompete e orquestra). Solistas: Uwe Kleber e Alejandro Ramirez (violinos), Salvador Masano (oboe), Daniel Hevens e Charles Cornish (trompas), Gilberto Siqueira (trompete) e Grace Lorraine H. Busch (flauta). **MASP** (Av. Paulista, 1578), somente sexta e sábado.

FOLCLORE LATINO-AMERICANO — O grupo Chaski interpreta música popular latino-americana, com antigos instrumentos: dos incas, maias e astecas. **Teatro Anchieta** (Rua Dr. Vila Nova, 245), somente sexta e sábado.

OS COMPOSITORES — Dentro da série de palestras Edino Krieger fala sobre sua obra, ilustrando a conferência com algumas gravações. **MAC** (Edifício da Bienal, Parque do Ibirapuera), somente sábado.

CONCERTO DE CÂMARA — Sob a direção de Lola Benda, o Ensemble Juvenil interpreta obras de Telemann (Geografia Sonora), Gluck (Sinfonia em Sol maior), Vivaldi (Concerto em lá menor para dois violinos) e Britten (Simple Symphony). **MASP** (Av. Paulista, 1578), somente domingo.

CONCERTO DE PERCUSSÃO — Grupo de percussão do Conservatório Musical Brooklin Paulista, sob a regência de Cláudio Stephan, interpretando obras de Jack Mackenzie (Introdução e Alegro), Gerald Strang (Percussion Music), William Kraft (Suite para percussão), Osvaldo Lacerda (Três estudos para percussão), Cláudio Santoro (Diagramas cíclicos), Reginald Smith Brindle (Auriga), e Aylton Escobar (Onthos). **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente domingo.

CANÇÕES DE SCHUMANN — Interpretadas pelo Coral UNICAMP, sob a regência de Benito Juarez. **Teatro Municipal** (Pça. Ramos de Azevedo), somente domingo.

SHOWS

BANANA PROGRESSIVA — Em sua segunda edição, bem mais promissora que a primeira, a série Banana Progressiva reúne nomes significativos de nossa música popular, dos já consagrados a alguns dos mais jovens compositores. Nesta semana a série é dedicada a novos conjuntos de rock e música popular: os cariocas do grupo Veludo (sexta sábado) e os paulistas do Sindicato, liderados pelo ator, agora vocalista, Ricardo Petraglia (sexta), num show de rock; o conjunto Made in Brasil numa sessão maldita (sexta); os gaúchos do Bixo da Seda, considerado "o melhor grupo de rock do Sul", pela primeira vez em São Paulo (sábado e domingo); o grupo Almondégas, também do Sul, recriador de músicas folclóricas gaúchas (domingo); e Tony Hosanna, cantor argentino de rock e blues, acompanhado por seu conjunto (segunda). **Teatro Bandeirantes** (av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1411).

BRASILEIRO PROFISSÃO ESPERANÇA — Através de quatro tempos — esperança, cansaço, desespero e esperança outra vez — Paulo Gracindo e Clara Nunes atingem com notável profissionalismo a meta pretendida pelo dramaturgo Paulo Pontes ("Um Edifício Chamado 200") e pela diretora Bibi Ferreira: dimensionar as obras do cronista Antonio Maria (1921-1964) e da compositora Dolores Duran (1930-1959) e dos artistas mais jovens que seguiram as trilhas por eles abertas. **Teatro Aquarius** (av. Rui Barbosa, 266), de quarta a domingo.

CANTA MAIS — Depois de um prolongado recesso, rompido com sua recente participação na remontagem do show Opinião, Marília Medalha não escapa ao infelicitoso show de boate. Acompanhada pelo Miguel Trio e por Manoelzinho da Flauta ela interpreta um repertório variado, baseado

tuada por falhas de direção. **Teatro Ruth Escobar-Sala Gil Vicente** (rua dos Ingleses, 209), de quarta a domingo.

RODA COR-DE-RODA — A quarta peça montada da teatrológa Leilah Assunção, (30 anos), não tem a mesma agudeza psicológica de "Fala Baixo Senão Eu Grito" embora tenha sofrido corrosivas restrições da censura como em "Amanhã, Amélia, de Manhã". Nos 5 movimentos em que Amélia, mulher de verdade (Irene Ravache), seu convencional marido (Rolando Boldrin) e Márcia, a amante (Lilian Lemertz) alternam-se nos vértices do triângulo amoroso, a banalidade dramática e as pueris variações eróticas não conseguem suplantar os raros momentos de contundente humor. **Teatro Itália** (av. São Luis, 50), de terça a domingo.

O VENDEDOR DE GARGALHADAS — Dois fatos distintos aglutinados pelo diretor Luiz Jansen e pelo ator Procópio Ferreira — uma retrospectiva da história do humorismo, desde a época do pré-cristianismo até os dias de hoje e o meio século de teatro correspondente à carreira artística de Procópio conduzidos em tom informal pelo ator e entremeados por projeções de slides. **Teatro Ruth Escobar — Sala do Meio** (rua dos Ingleses, 209), de terça a domingo.

VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER — O tom instigante e a polémica tem acompanhado este anti-vaudeville do francês Roger Vitrac desde a sua primeira encenação em Paris, 1926, feita pelo "maldito" Antonin Artaud. Estas características mantêm-se nesta remontagem de Celso Nunes dos dramas de Victor, a criança que no dia de seu 9º aniversário resolve colocar em cheque os valores burgueses e o poder fictício de seus pais, levando-os à loucura. Com Paulo Betti, Lilita de Oliveira, 3º Andar da Bienal (parque do Ibirapuera), de sexta a domingo.

Harris e Leslie Darbon: o clássico triângulo amoroso que ameaça se transformar em quadrilátero e acaba tomando a forma de um pentágono. Felipe Carone, Maria Luisa Castelli, Ivete Bonfá, Renato Restier, Lisa Vietra, Carlos Di Simoni e o diretor José Renato apenas desejam proporcionar ao público "duas horas de bom humor". Conseguem. **Teatro Paiol** (rua Amaral Gurgel, 164), de terça a domingo.

LIÇÃO DE ANATOMIA — Insólita peça escrita e dirigida pelo argentino Carlos Mathus, de título retirado de um quadro de Rembrandt, que lida mais com símbolos do que propriamente com personagens definidas. Cacilda Lanuza, Geraldo Del Rey e os demais atores se entregam a exaustivos movimentos e explosões emocionais para dramatizar sentimentos fundamentais do ser — medo, amor, ódio, alegria, solidariedade — geralmente monótonos ou abstratos. **Audatório Augusta** (rua Augusta, 931), de terça a domingo.

NÓS TAMBÉM SABEMOS FAZER — Depois de 25 anos de carreira de ator, em que interpretou todo tipo de personagens, Paulo Goulart estréia melancolicamente como autor e encenador. Sua "despretenhosa comédia policial" é pontilhada de modismos e efeitos fáceis, na qual soçobram o esperado humor e mesmo atores de melhor nível (Wanda Stefânia, Osvaldo Campozzana). **Teatro de Arena** (rua Theodoro Bayma, 94), de quinta a domingo.

O PROCESSO DE JOANA D'ARC — Uma Joana D'Arc (Márcia Pompeu) eminentemente associada aos dias de hoje, mas com visíveis pontos de contato com a lendária personagem da história francesa (1412-1431). Na concepção do autor Carlos Queiroz Telles e do diretor Roberto Lage, a montagem deve ser contemporânea, com roupas coloridas, atores à vontade e perenes e instigantes reflexões. Evidente sinceridade, correspondida pelo elenco, um tanto desvir-

A série "Gente que faz São Paulo" vai mostrar, através das personagens mais expressivas, quem são as pessoas que estão "fazendo" esta cidade. As cinco mais importantes dramaturgas paulistas vão inaugurar a série.

A primeira delas é Leilah Assunção, 30 anos, autora de uma das peças que, no momento, mais sucesso fazem em São Paulo: "Roda Cor de Roda". Aqui Leilah conta como começou no teatro e as dificuldades que enfrentou, por ser mulher.

LEILAH

"Comecei escrevendo com o útero. Esse é o meu teatro."

Com a mãe escritora, o pai filósofo e colunista de jornal e quinze tias professoras, Leilah Assunção não tinha muita escapatória: acabou escrevendo. E, em sua carreira de dramaturga, ser mulher acabou sendo uma faca de dois gumes:

— Primeiro as pessoas se espantavam e desconfiavam de uma manequim escrevendo. Depois vinha a surpresa, quando liam o que eu tinha escrito.

O mais difícil, entretanto, era conseguir que "eles" lessem o que Leilah escrevia:

— Minha primeira peça era sobre a situação do país em 1964 — nunca cheguei a mandá-la à Censura. A segunda era sobre a Fenit — e está proibida até hoje. Mas essas peças eu não mostrava a ninguém, morria de vergonha. Foi com "Fala Baixo Senão eu Grito" que eu tomei coragem.

Antes de vir para São Paulo cursar a Universidade, seu único contato com o teatro tinha sido o papel de princesa na peça infantil "O Casaco Encantado de Lucia Benedetti". Um papel de inesperadas consequências: Leilah botou na cabeça que era prince-



Lilian Lemmert, Rolando Boldrin e Irene Ravache...



...em "Roda Cor de Roda", peça escrita por Leilah Assunção.

sa mesmo, e foi difícil convencê-la do contrário.

Teatro de verdade ela conheceu por mera curiosidade. Depois de ver "Os Pequenos Burgueses", montado pelo Oficina, Leilah resolveu fazer o curso de interpretação de Eugênio Kusnet. Nada de ser atriz — ela só queria "conhecer o teatro por dentro":

— Posso dizer que minha formação é dos bastidores do Oficina. Porque trabalhar mesmo, com eles, nunca trabalhei. Mas vivia lá dentro, fuçando.

Depois de "Fala Baixo", ela nunca mais teve problemas para conseguir produtor. As primeiras repercussões de "Fala Baixo" foram curiosas: Leilah foi cumprimentada pela "elogiável linguagem masculina" da peça. Segundo um dramaturgo, a peça era

tão boa que "nem parecia coisa escrita por mulher":

— Para muita gente — diz Leilah — o máximo da masculinidade era ser tão maravilhosamente masculino quanto Hitler. Mas eu, definitivamente, não era.

Nos trabalhos seguintes, a começar por "Jorginho, o Machão", Leilah preferiu optar por uma linguagem feminina — "comecei a escrever com o útero". Depois ela decidiu-se por uma linguagem nem masculina nem feminina, mas apenas pessoal — "o meu teatro". É sua segurança em relação a essa opção de forma que a ajuda a rebater os eventuais ataques dos produtores, segundo ela pessoas "contra o autor nacional":

— Eles querem peças prontíssimas, fazem exigências, torcem o nariz. Não fazem isso

com o autor estrangeiro. E, no entanto, a força está com a gente. Dramaturgia na Europa, por exemplo, está um horror. Quando dizem que o que faço não é teatro, respondo que é teatro. Afinal, regras de dramaturgia quem faz é o autor. Quem disse isso foi Brecht.

Talvez pelo nome conseguido em tão pouco tempo — seis anos — Leilah tem sido poupada desses aborrecimentos. Suas peças são muito procuradas por produtores, quando ela tem uma peça nova o interesse é grande — e Leilah diz que sabe porque isso acontece:

— Eu descobri um jeito de falar com o público. Eu chego nele, o público me entende. E isso, evidentemente, garante bilheteria. E, além disso, eu dou status para o produtor.

Mas essa tranquila situação de exceção, no entanto, não a satisfaz. Leilah acha que o sucesso, isolado, é uma "baixa solidão", e que um dramaturgo sozinho não tem força para mudar nada. "O que eu quero ver é um movimento de dramaturgia", diz ela.

Embora tendo estreado na mesma época que Consuelo de Castro, José Vicente e Antonio Bivar, Leilah lembra que, como eles, nunca teve um grupo teatral. E mesmo sozinha, ela hoje vive — "milagrosamente" — de teatro. E, sem paciência para ser jornalista ela pretende continuar dependendo de suas peças para viver. Leilah não sabe se o fato de viver em São Paulo ajuda em alguma coisa em sua carreira:

— O que sei é que esta cidade é meu ponto de referência. Posso vir do Marrocos. Quando piso aqui, eu me sinto em casa.

MARTA GOES

LANÇAMENTOS

RAÍSES AGAIN (Phibes Rises Again) — Numa sequência mais e mais elogiada pela crítica inglesa, retorna o famoso Dr. Phibes, a única inovação importante do gênero de "terror" dos últimos anos. O diretor também se repete, Robert Furest, recriando o clima de sátira, as mortes complicadas, os cenários art-decô e o humor negro no melhor estilo camp. Dr. Phibes (Vincent Price) ressuscita conforme anuncia e prossegue com seus planos de ressuscitar sua mulher Victoria, morta anos antes por incompetência médica. A sequência agora se deposita nas águas de um rio egípcio, por horas de um elixir de vida. Entre as vítimas de Phibes: Peter Cushing, Beryl Reid, Terry Themas, Hugh Griffith, Fiona Lewis, Robert Quarry. Avenida (av. São João, 335).

DELICIOSAS TRAIÇÕES DO AMOR, 75 — Comédia carioca em quatro episódios inspirados em várias histórias do Marques de Sade. Rodado em Petrópolis, o filme é um negócio em família, reunindo dois diretores (Domingos de Oliveira e Alberto Salvá) e seus amigos, que realizaram as filmagens em suas próprias casas aproveitando suas mulheres como atrizes. Em **Mais de Cem**, de Domingos de Oliveira, uma jovem esposa aprende coisas que mamãe não ensina. Com Tereza Trautman, Dino Menasché. Em **Os Divinos Sons da Música de Prazer**, de Phydias Barbosa, o marido persegue a própria mulher por ciúmes. Com Luis Delfino, Ana Maria Magalhães. **O Olhar de Domingos de Oliveira** é uma narrativa dedicada às esposas bem intencionadas, aos maridos incautos e às andorinhas que sozinhas não fazem verão. Com Isabel Ribeiro, Neila Tavares, Alberto Salvá. **E Dois é bom... Três é Demais**, de Tereza Trautman, pretende provar que entre pessoas de boa vontade as coisas se resolvem da melhor maneira. Com José Wilker, Christina Ache, Stepan Nercessian. Estréia na segunda. **Ouro** (Largo do Paissandu, 138), Liberty (Av. Paulista, 2.064).

A ESCRAVA DO SUPER ERÓTICO (La Schiava io se L'ho e tu No), 73 — O Super erótico fica por conta do excesso de imaginação dos tradutores na nova comédia de Lando Buzzanca, nem pior nem melhor do que as anteriores. Ele é um siciliano que sufocado pela mulher dominadora (a bela Catherine Spaak) decide trocá-la por uma escrava submissa (Veronica Merin). Aí talvez se encontre o maior atrativo do filme (para o Brasil): é na Amazonia que Buzzanca vem comprar sua escrava, dando ensejo a algumas cenas do Rio de Janeiro. Se alguém encarar seriamente o filme pode se irritar. Direção de Giorgio Capitani. (COR). Regina (av. São João, 1140), Gazetão (av. Paulista, 900).

O talento (afinal reconhecido) de Vittorio Gassman

Um prêmio, o de melhor ator no Festival de Cannes 75, alterou toda a situação. Depois de 30 anos de carreira, finalmente, Vittorio Gassman foi reconhecido como um grande ator de cinema, por seu desempenho em *Perfume de Mulher* (veja em cartaz). Uma longa espera para este genoves de 534 anos, que começou sua carreira em 1945 em Daniele Cortis, de Mario Soldati. "Os filmes eram muito ingênuos", diz Gassman, "mas eu precisava de dinheiro. Além disso eu ficava horrível de cabelos oxigenados". Para ele, o teatro era seu único amor, o cinema era um ganha-pão, uma forma atenuada de prostituição, a que sempre dirigiu uma aguda atitude crítica.

"Em 57, quando ganhei um prêmio por meu desempenho em *Kean*, provoquei escândalo ao declarar que aceitava-o só para assim diminuir meu desgosto pela sétima arte. Era um desamor recíproco, reconheço: eu tratava o cinema como o cinema me tratava, me dando papéis falsos em melodramas baratos". Entre esses filmes, Gassman inclue *Arroz Amargo*, de Giuseppe De Santis ("um desastre") e *Anna de Alberto Lattuada* ("meu papel era tão improvável que eu o fiz por pura gozação"). Sem esquecer de uma temporada em Hollywood, depois de se casar com



a estrela Shelley Winters e conseguir um contrato com a Metro, que lhe garantia seis meses por ano para fazer teatro na Itália. "Nunca quis ir para Hollywood. Ainda por cima a Metro tentou fazer de mim um latin lover, um novo Valentino apesar dos meus já trinta anos."

Fiz filmes ridículos como *Rapsódia com Elizabeth Taylor* e *México dos Meus Amores* com Iyonne de Carlo. Depois de dois anos não sabiam mais o que fazer de mim e me abandonaram.

Anos mais tarde, Mario Monicelli teve que brigar com os produtores para manter Gassman num papel de Eternos Desconhecidos (58) e ainda assim o obrigou a usar uma máscara de borracha para mudar as expressões. "A culpa era toda minha. Esforçava-me para ser bom ator mas era muito rígido, muito distante, tentava dar uma de Oreste ou Prometeu em qualquer personagem suburbano". Depois de mais dois filmes sob a direção de Monicelli (*A Grande Guerra* e o *Incrível Exército*



Gassman: um tímido que superou a timidez

Brancaleone), a situação se inverteu: agora só procuravam Gassman para papéis cômicos, mero pretexto para ele exibir seu histrionismo. Mas foi um velho amigo, Dino Risi, quem realmente o tirou desse impasse, com filmes como *Aquele que Sabe Viver Os Monstros* e *Um Crime Chamado Justiça* (com estréia marcada para breve em São Paulo). Até que em tempos recentes a fórmula se esgotou: o nome Gassman já não significava nada nas bilheterias. Foram dois longos anos aonde não recebeu nenhuma boa proposta para fazer cinema. E mesmo quando Risi veio de novo em seu auxílio com um papel dramático, foi preciso que criassem

um papel importante para adolescente Alessandro Momo (o astro de *Malícia*, falecido num acidente de moto no começo do ano) para que os produtores aprovassem o financiamento.

O filme? *Perfume de Mulher* "Mais do que a história de um cego, é a história de um homem solitário e de um homem frágil que se acredita forte", diz Gassman. "A cegueira é apenas um pretexto. A questão era não tornar o cego desagradável por trás de sua agressividade". E conclui, com certa ironia: "Nesse sentido, acho que o personagem se parece um pouco comigo. No fundo, sou um velho tímido que superou a timidez".

York. O diretor Alan Paklwa reformula os enquadramentos em panavision, aprisionando os personagens em apavorantes planos fechados. **Cinemateca Museu Segall** (r. Afonso Celso, 362), somente sexta.

A MALDIÇÃO DO SANGUE DE PANTERA (The Course of Cat People), 44 — Gunther Eritsch e Robert Wise dirigem esta sequência de "Sangue de Pantera". Mas a figura realmente importante é a do produtor Val Lewton, mestre dos filmes de terror, rodados com orçamento mínimo, de produção classe "B" dos quais resultava invariavelmente, um máximo de clima e sugestões - o que também ocorre aqui, uma menina consegue, entre outras coisas, conversar com sua mãe falecida. Com Kent Smith, Simone Simon. **MAC** (Parque do Ibirapuera), somente quinta.

DESTAQUES

ALICE NÃO MORA MAIS AQUI (Alice Doesn't Live Here Anymore), 74 — Tão irrepreensível quanto as diversas passagens e personagens desta versão feminina do sonho americano é a interpretação de Ellen Burstyn ("O Exorcista"), a Alice que empreende uma trajetória de alegrias e tristezas junto com o filho adolescente (Alfred Lutter) para reproduzir a mulher fascinada pela idéia da liberdade. Uma maratona impecavelmente conduzida por Martin Scorsese ("Mean Streets", inédito no Brasil) e acompanhada por toda a equipe. **Belas Artes** (rua Consolação, 2433).

OSGUARDA-CHUVAS DO AMOR (Les Parapluies de Chebourg), 64 — Um acontecimento único e incedível no cinema: o compositor Michel Legrand e o diretor Jacques Demy ("Duas Garotas Românticas") criaram uma espécie de moderna ópera cinematográfica, um filme inteiramente cantado (Palma de Ouro em Cannes). Belas canções e uma romântica história de amor; um casal se ve separado quando o marido (Nino Castelnuovo) parte para a guerra. Apesar de grávida, a mulher (Catherine Deneuve) prefere casar-se com outro (Marc Michel). Anos depois, eles se reencontram mas o amor já não é mais o mesmo. **Cinema I** (r. Augusta, 2075).

JOVEM FRANKENSTEIN (Young Frankenstein), 74 — Meticulosa reconstrução e deliberada paródia à versão original ("Frankenstein", de James Whale) do clássico monstro criado pela escritora inglesa Mary Shelley. Nela só falta a horrível máscara, proibida de ser usada pela Universal, dona dos direitos sobre os parafusos e cicatrizes. O que não acontece com a sexualidade do Dr. Frankenstein, reprimida na criação de Boris Karloff e agora extravasada na de Peter Boyle. O resultado é frequentemente engraçado.



A Verdadeira História de Frankenstein: desastrosa

MEDO SOBRE A CIDADE (Peur sur la Ville) — 75 — O diretor francês de preocupações mais comerciais, Henri Vermeuil ("Os Ladrões", "A Serpente") reúne-se novamente a Jean Paul Belmondo para realizar este policial, recordista de bilheteria na França. Dois policiais (Belmondo e Charles Denner) procuram um assassino louro que apavora Paris com seu plano de estrangular mulheres de passado duvidoso. Lea Massari recebe ameaças telefônicas e pode ser a próxima vítima. E tudo serve para pretexto para cenas perigosas de Belmondo em metrô e helicóptero, sem utilizar doubles. Astor (av. Paulista, 2.063)

OS SONHOS ERÓTICOS DE UMA MULHER INSA-

CIÁVEL (Tutti I Colori del Buio), 72 — Depois do sucesso de "O Estranho Vício da Sra. Ward", o diretor Sergio Martino repete a fórmula, reunindo o mesmo elenco numa história semelhante. O título brasileiro é mais um blefe no espectador e as melhores cenas (eróticas) foram parcialmente reduzidas pela censura. Edwige Fenech é uma mulher que assistiu a morte dos pais assassinados e passa a ter alucinações, envolvendo-se com magia negra. Está mesmo louca, ou como sempre acontece em cinema, alguém está tentando eliminá-la? Entre os suspeitos, George Hilton, Ivan Rassinov, Susan Scot (pseudônimo da espanhola Nieves Navarro). (COR). Marrocos (r. Cons. Crispiniano, 352).



Belmondo: proezas

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE FRANKENSTEIN (Frankenstein: The True Story), 73 — Originalmente, este era um filme de quatro horas produzido para a TV americana. A intenção do diretor Jack Smight (Aeroporto 75) e dos roteiristas Christopher Isherwood e Don Bachardy era fazer uma adaptação mais fiel do livro de Mary Shelley, acentuando a semelhança entre o criador (Leonard Whiting) e a criatura (Michael Sarrazin). Nos cinemas, porém, a versão foi reduzida a 123 minutos, que sintetiza os temas de forma desastrosa, precipitando os acontecimentos e tornando-os às vezes incompreensíveis. Com James Mason, David McCallum, Jane Seymour. (COR). **Republica** (pça. República, 365).

ESPECIAIS

O CANGACEIRO, 53 — Inspirado nas aventuras de Lampião, o filme deu origem ao chamado "ciclo do cangaço" e tornou-se a primeira realização brasileira a ser premiada internacionalmente (melhor filme de aventuras em Cannes). Produção da extinta Vera Cruz, com trilha sonora premiada (Gabriel Migliori) e direção de Lima Barreto. Com Milton Ribeiro, Vanja Orico, Alberto Ruschel. **Cine-Teatro Anchieta** (r. Dr. Villa Nova, 245), somente segunda. **CONFISSÕES DE UM COMISSÁRIO DE POLÍCIA AO PROCURADOR DA REPÚBLICA** (Confessione di un Commissario di Polizia al Procuratore della Repubblica), 70 Damiano Damiani apresenta sua contribuição ao ciclo de filmes políticos, neste drama passado na Sicília que procura denunciar as atividades da Máfia, capazes de interferir no exercício livre da justiça, segundo o diretor. Com Franco Nero, Martin Balsam, Marilu Tolo. **Cine-Teatro Anchieta** (r. Dr. Villa Nova, 245), somente segunda.

KLUTE, O PASSADO CONDENA (Klute), 72 — Jane Fonda abandonou momentaneamente o protesto para interpretar uma prostituta ameaçada de morte e ganhar o Oscar de melhor atriz do ano. Donald Sutherland é o policial Klute que procura um assassino à solta em Nova



EM CARTAZ

AEROPORTO 75 (Airport 1975), 74 – Sequência de "Aeroporto" (70) sem a menor relação com o livro de Arthur Hailey. Somente a fórmula é a mesma: um grande avião colide em pleno ar matando os pilotos e forçando a aeromoças a guiá-lo. A história é absurda, cheia de suspense fácil e propaganda mal disfarçada do avião Jumbo. Apesar de um grande naipe de astros (Myrna Loy, Glória Swanson, Nancy Olson, Linda Blair) entre os passageiros, eles nunca interferem na ação. Todos os atos de heroísmo ficam por conta do super-piloto Charlton Heston, inacreditáveis ainda que partindo do mesmo homem que abriu as águas do Mar Vermelho em "Os Dez Mandamentos". **Gemini 2** (av. Paulista, 807), **Arcades** (av. Ipiranga, 808).



Inferno na Torre: realidade digna de uma maquete

O ANTICRISTO (L'Anticristo), 74 – Nesse "Exorcista" italiano, dirigido por Alberto de Martino (autor de medievos filmes de halterofilistas), o diabo escolhe uma princesa de tradicional família romana, tornada parálitica num acidente e exorcizada por um monge e um psiquiatra. E deixa saudades do tempo em que os italianos se levavam menos a sério e faziam somente paródias bem sucedidas com Totó e Peppino de Filippo. Elenco internacional com

diálogos em inglês: Mel Ferrer, Carla Gravina, Arthur Kennedy, Alida Valli. **Marabá** (av. Ipiranga, 757).

BARBARELLA (Barbarella), 67 – Pretensiosa e decepcionante sátira de Roger Vadim à heroína das histórias em quadrinhos eróticas; a super-mulher da era espacial, Barbarella, criada pelo desenhista francês Jean-Claude Forest. Tudo o que conseguiu, porém, foi provar que sua única

especialidade é despir suas mulheres (aqui, Jane Fonda, na sua última aparição como símbolo sexual, antes de abandonar Vadim e se tornar líder guerrilheira). Destacam-se, em todo caso, o strip-tease inicial e a cena de amor do futuro com (e nas mãos) de David Hemmings. Com Ugo Tognazzi, John Phillip Law (o anjo cego), Anita Pallenberg e o mímico Marcel Marceau. (COR). **Liberty** (av. Paulista, 2064).

CONSPIRAÇÃO VIOLENTA (The Wilky Conspiracy), 75 – Ralph Nelson ("Soldier Blue") dirige essa aventura anglo-americana de cunho pretensamente liberal. Sidney Poitier é acusado de conspirar contra o governo sul-africano e defendido por uma advogada (Prunella Gee). Mas ele e o namorado da moça (Michael Caine) ferem um policial e fogem para se unir à revolta do líder Wilky. O filme, em todo caso, foi rodado no Quênia. **Gazeta** (av. Paulista, 900), **Barão** (rua Barão de Itapetininga, 255).

INFÉRNO NA TORRE (The Towering Inferno), 75 – No maior arranha-céu do mundo, incendiado no dia de sua inauguração, as personagens respiram um ar de irrealdade, digno de maquete. Para fazer jus ao título de "mestre do desastre", o produtor Irwin Allen ("O Destino de Poseidon") e o diretor

John Guillermin se desdobram em cenas de proezas e malabarismos. Dos escombros finais, conclui-se que a denúncia é respeitosa embora acobertada por álibis para evitar maiores complicações com o *establishment*. Com Steve McQueen, Paul Newman, Faye Dunway. **Belas Artes-Villa Lobos** (r. Consolação, 2433), **Art Palácio-Sala São Paulo** (av. São João, 419), **Majestic** (r. Augusta, 1475), **Ipiranga** (av. Ipiranga, 786), **Vila Rica** (av. Santo Amaro, 617).

PERFUME DE MULHER (Profumo di Donna), 74 – Considerado pela crítica francesa como o melhor filme de Dino Risi desde "Aquele que Sabe Viver" (62), esta comédia italiana propiciou a Vittorio Gassman o prêmio de ator no último festival de Cannes. Ele é o adolescente (Alessandro Momo) percorre o país, em busca do amor ou da morte, da solidão ou da resignação, da maturidade ou da amargura (veja matéria na pág. ao lado). **Copan** (av. Ipiranga, 200), **Gazetinha** (av. Paulista, 900).

O ROUBO DAS CALÇINHAS, 75 – O mais engraçado nesta nova pornochanchada carioca é o blefe que aplicam



O Anticristo: paródia enganosa a "O Exorcista"

na platéia. Nos dois episódios dirigidos por incompetentes artesãos (Braz Chediak e Sindoval Aguiar) não há nenhum roubo de calcinha, o título foi inventado e o trailer redublado para justificá-lo. Com Marco Nanini, Dirce Migliaccio, Lady Francisco. **Olido** (av. São João,

473), **Iguatemi** (av. Brig. Faria Lima, 2064).

O SUPEREFICIENTE (II Domestico), 74 – Ao contrário do que a propaganda anuncia, não se trata de uma comédia erótica mas uma razoável sátira à maneira italiana, dirigida por Luigi Felipe D'Amico: Lando Buzzanca traveste-se aqui num instável criado da burguesia romana, permanentemente angustiado pela sua dependência aos patrões. O diretor neorealista Luciano Salce interpreta uma curiosa caricatura de si mesmo. **Coral** (rua Sete de Abril, 381).

TERREMOTO (Easrthquake), 74 – Graças a uma requintada parafernália eletrônica – denominada *sensurround*, mistura de som, ambiente e sensualidade – o diretor Mark Robson realiza a destruição de Los Angeles, tão absurda quanto a imaginação dos roteiristas Mario Puzo ("O Poderoso Chefão") e George Fox e tão ridícula como suas personagens, interpretadas por Charlton Heston, Ava Gardner e George Kennedy entre outros. Um triunfo da tecnologia cinematográfica, mal correspondido pelas desastrosas preocupações do filme. **Comodoro** (av. São João, 1462).



terremoto: triunfo mal correspondido da tecnologia



Conspiração Violenta: contra a África do Sul (no Quênia)

o LOJON tem uma forração para cada caso. e para cada casa.

O LOJON tem a forração para resolver o seu problema. Seja ele de piso plástico, parquet ou carpete. Afinal, o LOJON é um dos maiores distribuidores de forrações. Um verdadeiro especialista em pisos, carpetes e murais. Va até o LOJON.

GRATIS: Um tapete de pele na compra de seu carpete.



Paviflex vivenda
Reviflex nylon
decril VULCATEX

Av. Divina Salvador, 49 - Moema - SP
Fones: 240-3957 - 240-5475 - 61-1642 e 61-8513

PAVIMODERN

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

O sexo invade o teatro. Onde fica a dignidade?

OS EXECUTIVOS, de Mauro Chaves; EQUUS, de Peter Schafner; NÓS TAMBÉM SABEMOS FAZER, de Paulo Goulart; RODA COR-DE-RODA, de Leilah Assunção.

Antigamente nem se beijava em cena. O beijo era fingido. Eu mesmo, contracenando com Cacilda Becker, em 1948, terminava a peça com um prolongado beino na boca, ou melhor, no meu dedão, os que separava dos meus lábios da notável atriz. Os palavrões e piadas pornográficas eram apenas insinuados, com alguma sutileza, "double-sens", isso mesmo no teatro de revista, não no de comédia. Mesmo assim, com geniais exceções, os artistas formavam uma classe social à parte e, decerto modo, mal-falada. E era gente pobre, que muito trabalhava e muitos eram casados na classe ou fora dela e viviam corretamente. Mas — artista — lembrava um pouco "cocotte" e as mais ousadas apenas mostravam um pouco da coxa para a turma do "gargarejo". Depois, em nome da arte, começou a aparecer o nu feminino. E, quando este foi perdendo a graça, passou-se para o nu masculino, mesmo porque a maioria da plateia pertencia ao sexo feminino. Logo em seguida veio o palavrão. E depois a obscenidade. Quase toda a peça apela para o sexo. A coisa vai indo muito bem. De repente, os dois, isto é, homem e mulher, ficam praticamente pelados e um monta em cima do outro sem menor cerimônia. E o público se delicia. É a arte; é o realismo; é a agressão contra o falso puritanismo. Há muitas justificativas mas, a mais ponderável, só a Della Costa confessou ingenuamente: "... é ... ajuda na bilheteria..."

Das atuais peças em cartaz assisti a seis. "O Jogo do Sexo" sejam justos, um tanto ou quanto leve na obscenidade, apesar do tira-roupa, bota-roupa e Felipe Carone de cuecas ameaçando ir para a cama, por várias vezes, com a charmosa Lisa

Vieira, que vestia uma sumária camiseta, mostrando generosamente as calcinhas. Pouco palavrão e não dos piores. A peça de Paulo Goulart, "Nós também Sabemos Fazer", um policial, do tipo enlatado de televisão, também um tanto leve na obscenidade. Tiram a roupa, algumas vezes, com destino à indefectível cama, no que são interrompidos pelos toques de campainha.

Há, sem abuso, o emprego do palavrão. Já com "Os Executivos" a coisa piorou. Ai são senhoras alinhadas, distintas, finas, proferindo os mesmos palavrões que se ouvem no W.C. da Praça da República. E praticam o ato sexual grosseiramente simbolizado, porque o público vê, nas duas escadas do cenário, uma à esquerda, outra à direita, pernas tremelizando, uma em cima da outra. E a plateia gargalha.

Eu também achei graça, confesso. Em "Equus", um texto de profundidade, muito bem escrito, admiravelmente interpretado, e com soluções de cenografia muito bem boladas, até geniais; o mocinho se masturbava com o ato de cavalgar, não em mulheres, nos cavalos mesmos, pois se tratava de um cavalariço. No final, a explicação de tudo: o jovem e sua namorada, por porpostas desta, tiram a roupa e um vai para cima do outro. A mocinha, seios de fora, apenas com uma calcinha de tamanho reduzidíssimo e muito sobre o transparente.

O rapaz, não deixa por menos. Fica pelado com uma cuequinha cor de carne, dando a dimensão do malote sexual, bem maior que o de David de Michelangelo. E o coitado fracassa porque sente os olhares dos cavalos. A crueza da cena é bem absorvida pelo público que não a encara como obscena, dado o problema psiquiátrico que se estuda principalmente por parte do médico. Problema, aliás, que não assimilei muito bem, porque, se a moda pegasse, então essa menina-da que vive na roça, ou em fazendas, atrás das éguas barranqueiras e cabritas

indiscretas, já estaria toda no hospício.

O honroso recorde da obscenidade está em "Roda Cor de Roda", de autoria de uma moça de seus 24 anos. Ali não falta nada em matéria de porno-erotismo. A peça é apresentada no programa e em suas promoções como um estudo psico-dramático. Para provar a sua tese, que ninguém mais discute, a nossa inteligente e hábil dramaturga apela para tudo que sua fértil imaginação cria em matéria de erotismo. E Irene Ravache, uma artista fabulosa, linda de rosto, um pouco sobre a bem-putrida, se presta a tudo, com uma presença avassaladora. Engole o espetáculo! E olhem que os outros dois são ótimos! Em dado momento, para não estar contando a peça toda, a Ravache tem o peito de desnudar os peitos e brincar com eles, puxando-os pelos bicos, esticando e desesticando, em ritmo de samba. E as ereções do Rolando Boldrin, intencionais e super-visíveis, por debaixo do roupão? E a cena do "spray" que ela passa nas axilas e depois, em atitude propositadamente avacalhada, passa-o também no meio de suas pernas, escancaradas frente ao público?

Mas, vamos lá. Estará certo tudo isso? A Ariclê Perez, tão boa moça, abrindo seu vestido e se oferecendo de calcinhas transparentes? A Beatriz Segall, de família que já deu Ministro de Estado, só com palavrão na boca e obscenidades nos gestos? E a Irene e a Lilian Lemmentz que se beijam na boca? E os homens que se prestam como homossexuais e um deles diz ao outro: Me dá um beijo. No rosto, não. Na boca... Onde vai parar a dignidade pessoal de cada um? Tudo para o brejo. É isso aí. Entretanto, em "Absurda Pessoa" não há nada disso. É uma peça limpa, muito bem escrita; superiormente dirigida e interpretada. Um elenco maravilhoso, onde não há o que destacar. Uma peça de grande comicidade, muito embora o amargo do tema. Todos devem ver.

ROBERTO SANTOS

Um terno sob medida para uma realidade nua



Vittorio Gassman: um cego que reconhece as mulheres pelo perfume

PERFUME DE MULHER; direção de Dino Risi, com Vittorio Gassman e Alessandro Momo.

A voz eufórica e petulante surge no telefone. E logo depois das gozações de praxe o aviso: "Olha Roberto, estou telefonando pra você, pra você não entrar na fria que entrei! Olha, você conhece bem como é a Lia, não conhece? Muito dada a exageros românticos, saudosista, cabeça no ar, isso aí! Pois é, mas eu estou telefonando a respeito do **Perfume de Mulher**. O filme com o Vittorio Gassman. Sabe que a Lia gamou pelo filme sem ter visto, só porque tem Vittorio Gassman, e isso me deu algumas boas horas de aporrinhado! Então foi aquela de ficar ouvindo: Quanto tempo faz que a gente não vê um filme romântico?!... Tua irmã mesmo que disse que o Gassman faz o papel de um cego que uma antiga namorada dele salva do suicídio! E depois, é você que fala que o diretor, como é que é o nome dele?... Que ele é muito legal, não é isso? E tem mais; o Vittorio ganhou prêmio de interpretação no festival de Cannes. Ai lá fui eu!... Olha!... Viva o cinema brasileiro como você diz! Viva o pornô, o hermético, a chanchada, o social, o não social, o glorioso cinema nacional! Vivaaa!..."

"Tá bêbado, o desgraçado!" pensei eu pedindo um pouco de calma, de reflexão.

"Como?" A voz do outro lado do fio já veio indignada. "Como é? Refletir?... Refletir o que?... Olha, quando um diretor como o Dino Risi dá uma dessas de **Perfume de Mulher**, num país onde a censura quase não apita... Noutros lugares a gente compreende, vá lá... o negócio fica mais prá jacaré do que prá colibri, aí vá lá que o cara se afine. Compreende-se, perdoa-se, justifica-se, teoriza-se, tudo sempre no impessoal e até faz-se de tudo!... Mas um cara como o Risi, numa boa como na Itália, fazer um filme de turismo, com um cego como turista. Ou ele

acredita realmente no que fez ou é um gozador do turismo italiano. Ou então, contestador da marca de cigarros que ajudou a patrocinar seu próprio filme. Aquela do sabor da terra de liberdade. Anota aí, umas observações que eu escrevi na saída do cinema. Anota aí e vê se gosta do estilo;

— A expectativa reinante durante a exibição não impediu que o público de **Profumo di Donna** se manifestasse agressivamente quando pela terceira vez consecutiva o carvão da projeção deixou a sala às escuras: "Meus vinte con-

— "Tá querendo que a gente fique cego também?" "Já não basta o ceguinho do filme?... Além de turismo visto por um cego, o cego percebe as mulheres da Itália pelo cheiro, que no caso, infelizmente, ainda não foi incorporado à linguagem cinematográfica. **Perfume de Mulher** é um desfile arrogante do anedotário sobre cegos — italiano em particular e intencional em geral. Felizmente os pequenos personagens dominam tudo. E o Vittorio Gassman, é aquilo que se sabe: aguenta até banção milagrosa de padre romano e parece que chegou até a ganhar prêmio pelo filme.

Aí não dá mais. Minha reserva diária de folclore acaba e começo a desligar o telefone, procurando dar impressão que a linha está sendo interrompida, cruzada. — "Alô!..." "Alô Roberto!..." "Está me ouvindo? Alôôô!..."

Telefone mudo, cuja a ser posta em ordem, paciência e etc são as metas mais próximas... O papanatas que me telefonou quiz-mostrar brilharecos de inteligência. Ou então quer escrever pró jornal. E nem chegou a cheirar que eu já havia visto a película em questão. Em primeiro lugar será necessário dizer que não é nenhum moralistinha que vai me dizer o que devo escrever. E muito menos um atorzinho frustrado, com gigantesca dor de cotovelos pelo Vittorio Gassman. No fundo quer ser igual a ele, sem ter sua personalidade.

seu talento. Em segundo lugar, anota aí e vê se gosta do estilo: Cego é você caro amigo, que não enxergou o essencial do filme. O diretor não retrata um homem defeituoso fazendo turismo, apenas se serve dele para mostrar uma realidade defeituosa que realmente deve ser debochada. O que na verdade interessa, não é como fez a gloriosa crítica francesa, apontar Profumo di Donna como o melhor trabalho desse realizador, ou como quer nosso conselheiro telefônico o pior. Acredito que o mais importante seja verificar em que escala Dino Risi perde sua capacidade de nos fazer rir e em que medida caminha para a amargura, a descrença e até a passividade. O anedotário sobre cegos, é claro, serviu de pretexto para que Gassman vestisse um terno de encomenda ao seu talento.

Para Dino Risi, acredito, um terno que serviu de pretexto para que a realidade que o cerca, pudesse ser posta a nu. Se ele não foi às últimas consequências nesses sentidos, (vide **Apólogo Brasileiro sem Veu de Alegoria, de Alcântara Machado**) o problema é dele. Sabe-se lá!... O que não é permitido ao seu talento, porém, é querer nos enganar que o amor de uma jovem maravilhosa, possa dar esperanças e fé a um homem bloqueado de tal forma pela amargura, que não é mais possível voltar a ser o que era. Nisso realmente acredito, pois a presença do homem destruído, de sua falta de motivações e perspectivas diante da realidade que o cerca, é no filme, um dado tão marcante, que a tentativa de recomposição desse homem através do amor, fica ridícula. E não dá pé. Não dá pé mesmo!... Ai o filme fica totalmente reduzido ao apelo que se lê no stand do cinema: um cego trágico e patético que reconhece as mulheres pelo perfume. Só imagino a reação que teria o personagem interpretado por Vittorio Gassman, se ouvisse essa frase. E também se ele pudesse ler as legendas. Não há paixão que redima!



Lilian e Irene: desnudando-se em ritmo de samba

ESPECIAIS

Sexta, 21

(5) TV ANO 25 — Queira ou não, esta série de documentários sobre os 25 anos da televisão brasileira, baseados em depoimentos, filmes, fotos e ilustrações, representa um documento das últimas décadas e meia da história do país. Mas peca pela ausência de cronologia e linearidade, e por uma irreparável amnésia, que resulta em equívocos e arbitrariedades.

NOVELAS

De segunda a sexta 22 h

(5) O Grito — Uma idéia ambiciosa e estimulante do teatrólogo Jorge Andrade — sintetizar a realidade de uma megalopole (no caso São Paulo) através das personagens do imaginário edifício Paraíso — contida, nestes primeiros capítulos, por um clima excessivamente sufocante. Com Glória Menezes, Walmor Chagas, Isabel Ribeiro.

De segunda a sábado 18h15

(5) A Moreninha — Se vivo, o autor, Joaquim Manoel de Macedo, talvez não concordasse com a idéia: para que seu romance, escrito em 1844, se transformasse numa telenovela com um pouco mais do que uma história de amor, a adaptação de Marcos Rey deslocou-o 20 anos à frente, com a intenção de incluir alguns episódios históricos importantes. Resultado: a essência da história original evaporou-se no vídeo, soterrada por uma disforme massa de figurinos e cenários e incongruentes normas de linguagem e direção. (Herval Rossano). Com Nivea Maria e Marco Nanini.

18h25

(4) O Velho, o Menino e o Burro — Inócua e interminável telenovela infantil. Com Sadi Cabral e Paulo Hesse.

19h

(4) Um Dia, o Amor — Com Carlos Zara e Leila Abramo. (5) Bravo — Carlos Alberto é o maestro angustiado dessa novela de acordes dissonantes de Janete Clair, tendo como "partner" Aracy Balabanian.

19h45

(4) A Virgem — Com Eva Wilma e Toni Ramos.

20h15

(5) Selva de Pedra — Francisco Cuoco e Debora Duarte nesta reprise compacta, mais tolerável que a versão integral.

20h25

(4) Vila do Arco — Adaptação do conto "O Alienista" de Machado de Assis. Com Laerte Morrone e Maria Isabel de Lizandra.

TEATRO

Sábado, 22

22h00

(2) Teatro Dois — Trechos dos melhores espetáculos, entrevistas com os atores e respostas e perguntas do público constituem o programa especial de aniversário.

FILMES

Quinta, 20

21h00

(7) JASÃO E O VELO DE OURO (Jason and the Argonauts), 63 — Os efeitos especiais de Harry Harryhausen são o ponto alto desta aventura mitológica que recria a lenda de Jasão e os argonautas — para quem gosta de monstros e truagens. Direção de Don Chafey. Com Todd Armstrong.

DESTAQUES



Francisco Cuoco e Debora Duarte em "Pecado Capital": uma ascensão social brusca e não racionalizada.



Segunda 24

20h00

(5) PECADO CAPITAL, de Janete Clair; direção de Daniel Filho; com Francisco Cuoco, Lima Duarte, Betty Faria, Debora Duarte. — Mais uma novela convencional, seguindo os mesmos rígidos padrões de sucesso garantido dos trabalhos anteriores de Janete Clair. Tudo se passa no Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo a moda e a indústria local de confecção de roupas, e abordando vários temas, com diversas histórias que se intercalam ao longo da novela. Dessa profusão temática, duas idéias são consideradas básicas: a solidão de um homem permanentemente

rodeado de gente (Salviano, um industrial viúvo, pai de seis filhos, interpretado por Lima Duarte) e os problemas provocados por "uma ascensão social brusca e não racionalizada", vivida pela operária Lúcia (Betty Faria) e pelo motorista de táxi Carlão (Francisco Cuoco). Este quadro parece resumir o que Janete chama de "aspectos humano e social da novela", encerrando, ao que tudo indica, seu eventual compromisso com a abordagem da sociedade brasileira contemporânea. Uma abordagem um tanto simplória, há que convir.

Quarta, 26

(5) CASO ESPECIAL: SARAPALHA, de Guimarães Rosa;

adaptação e direção de Roberto Santos; com Juca de Oliveira, Stênio Garcia, Ana Maria Magalhães, Apolo Correa e Adson Terra Heath (COR) — A qualidade indiscutível da obra de Guimarães Rosa, preocupada com o que ele mesmo chama de "a saga brasileira" (origem do título de seu primeiro livro, "Sagarana", editado em 1946, que inclui o conto desta realização), garante, pelo menos, as boas intenções do último Caso Especial da Rede Globo em 1975. Por outro lado, a experiência de Roberto Santos em trabalhos para televisão (especialmente na TV Cultural) e sua familiaridade com a obra de Rosa no cinema, através do

preciso "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", adiciona previsões otimistas para esta adaptação — que mantém os ideólogos originais, incluindo alguns trechos descritivos. Um clima de recordação e lenda, mesclado com a presença chocante da malária num lugarejo decadente do norte de Minas, contém toda a força de "Sarapalha". Primo Argemiro (Juca de Oliveira) abandonou suas terras para viver com o parente, Primo Ribeiro (Stênio Garcia), cuja mulher, Luiza (Ana Maria Magalhães) foge com um boia-deiro, o Capeta (Edson Terra Heath). Argemiro transforma-se em irmão e filho, esquecendo a própria doença para amparar o companheiro. Que a força roseana sobreviva na TV.

01h00

(5) A TEIA DESGASTADA (The Tattered Web), 71: — Drama mediano feito para a TV: um assassino força um agente a escolher entre seu dever e seu instinto de preservação. Direção de Paul Wendkes. Com Lloyd Bridges, Brodrick Crawford, Anne Helm. (COR).

Sábado, 22

14h00

(5) CASA DE LOUCOS (Crazy House), 43 — A dupla Olsen e Johnson solta num estúdio de cinema serve de pretexto para apresentar "guest-stars" em números musicais como a orquestra de Count Basie e os cantores de Glenn Miller, ou nomes famosos em pontilhas (Lon Chaney, Lou Carrillo, etc.). Direção de Edward Cline. Estréia na TV.

21h20

(5) QUANDO PARIS ALUCINA (Paris When it Sizzles), 64 — Mal sucedida brincadeira do diretor Richard Quine e roteirista George Axelrod em fazer humor com as desventuras de um escritor de cinema em busca de uma idéia. Desperdício de William Holden, Audrey Hepburn e pontas de Marlene Dietrich, Noel Coward, Tony Curtis. Estréia na TV. (COR).

23h00

(5) APENAS UMA MULHER

(The Fox), 69 — O que restará na TV desta ousada adaptação de Mark Rydell do romance de D. H. Lawrence sobre um estrangeiro (Keir Dullea) que vem se intrometer no relacionamento de duas mulheres (Anne Heywood e Sandy Dennis)? Cenas de lesbianismo e de nudez devem ter desaparecido, mas é bom verificar. Nunca se sabe... Estréia na TV. (COR).

(13) O FANTÁSTICO HOMEM QUE DESAPARECE (The Return of Dracula), 57 — Produção nível "B", inédita nos cinemas brasileiros: Dracula (Francis Lederer) muda-se para a Califórnia contemporânea, onde continua a agir impunemente. Direção de Paul Landres.

23h30

(4) A VOLTA DOS SETE HOMENS (The Return of the Seven), 66 — Sequência inferior de "Sete Homens e um Destino"; o grupo volta a se reunir para ajudar um ex-companheiro. Direção de Burt Kennedy. Com Yul Brunner, Warren Oates, Claude Akins. (COR).

01h00

(7) POR UM MILHÃO DE DÓLARES (La Congiuntura), — Comédia divertida no gênero: Vittorio Gassman é um príncipe do Vaticano enganado por uma vigarista (Joan Collins)

Nancy Kovack, Honor Blackman. (COR).

22h30

(2) A VERDADE DOÍ (The Whole Truth), 58 — Suspense policial moderado, com Donna Reed e George Sanders, dirigido por John Guillermin ("Inferno na Torre"); um produtor de cinema (Stewart Granger) é acusado da morte de sua amante. (Gianna Maria Canale).

24h00

(4) CÓDIGO DE GUERREIRO (Fort & Vengeance), 65 — Faroeste nível "B": lutas contra ladrões de peles e índios em revolta. Direção de Lesley Selander. Com James Craig, Rita Moreno, Keith Larsen.

(5) NUNCA SERÁ TARDE (Never Too Late), 65 — Paul Ford e Maureen O'Sullivan repetem seu sucesso de palco nesta comédia ocasionalmente divertida: os problemas de uma mulher de meia-idade que vai se tornar mãe novamente. Direção de Bud Yorkin. Com Connie Stevens, Jim Hutton, Jane Wyatt. (COR).

Sexta, 21

13h30

(2) CASA-TE E VERÁS (The First Time), 51 — Uma espécie de "O Casal", só que americano e feito há 24 anos atrás: um arquiteto (Robert Cummings) deixa o emprego para se tornar vendedor quando a mulher (Barbara Hale) fica grávida.

15h00

(5) A MÁQUINA DO TEMPO (The Time Machine), 60 — Rod Taylor é o cientista que inventa a máquina do tempo e descobre o futuro da humanidade. Tudo inspirado em H.G.Wells, com bons efeitos especiais e Yvette Mimieux. Direção de George Pal. (COR).

23h00

(5) PISTOLEIROS DO ENTARDECER (Guns in the Afternoon), 62 — Muito elogiado pela crítica, mas pouco conhecido, o filme que revelou o diretor Sam Peckinpah é visto como uma despedida melancólica e um passado glorioso: dois cowboys cinquentões (Ran-

dolph Scott e Joel McCrea) são forçados a voltar à ação. Estréia na TV. (COR).

23h30

(2) QUEM É O INFIEL? (A Letter to Three Wives), 49 — Três mulheres que passam a tarde num passeio de barca, recebem uma carta anunciando que no fim daquele dia o marido de uma delas vai fugir com outra. Mas qual delas? Final surpresa, diálogos inteligentes. Oscar de roteiro e direção (Joseph L. Mankiewicz). Com Jeanne Crain, Linda Darnell, Ann Sothorn, Kirk Douglas, Paul Douglas.

24h00

(3) RETRATO EM NEGRO (Portrait in Black), 60 — Suspense de luxo e divertido à moda do produtor Ross Hunter: casal de amantes planeja assassinato. Direção de Michael Gordon. Com Lana Turner, Anthony Quinn, Sandra Dee. (COR).

(4) IRMA, LA DOUCE (Irmã La Douce), 63 — O diretor Billy Wilder adaptou um musical de sucesso, tirando as canções e deixando a música apenas como fundo: o romance de uma prostituta (Shirley MacLaine) com um policial, no bairro do mercado parisiense. Mas será que Shirley só sabe fazer papéis de prostitutas? (COR)



Audrey Hepburn, Mariyn Monroe, Linda Darnell numa semana de bons filmes.

para levar dinheiro em seu carro. Direção de Ettore Scola. (COR).

(5) O PERIGO É MINHA MISSÃO (I Deal on Danger), 66 — Compilação de episódios da série de TV "Blue Light": um espião aceita passar por traidor para entrar no QG nazista. Direção de Walter Grauman. (COR).

Domingo, 23

19h00

(4) MINHA AMIGA FLICKA (My Friend Flicka), 43 — O mais famoso das dezenas de filmes que mostraram a amizade de um menino por um cavalo. Direção de Harold Schuster. (COR).

(7) CONTRA TODAS AS BANDEIRAS (Against All Flags), 53 — Capa-e-espada com Errol Flynn já em decadência, prematuramente envelhecido pelas bebidas e as mulheres. Direção de George Sherman. Com Maureen O'Hara. (COR).

20h00

(13) A LENDA DE DAVID (Story of David, the Outlaw), 60 — Jeff Chandler é o herói desta versão inglesa, sem o menor empenho ou inspiração, da vida de David, o matador do Gigante Golias. Direção de Bob McNaught. (COR).

21h00

(4) COMO AGARRAR UM MILIONÁRIO (How to Marry a Millionaire), 53 — A primeira comédia em Cinemascope: três garotas (Marilyn Monroe, Lauren Bacall, Betty Grable) vem à cidade grande caçar milionários. Direção de Jean Negulesco. Exibido pela TV-2 há menos de duas semanas (?). (COR).

(7) COM A LEI E A ORDEM (Law and Order), 53 — Faroeste exibido no Brasil como "Duelo de Morte": um xerife (Ronald Reagan) que se aposentou é forçado a voltar à ativa. Reagan é atualmente candidato à presidência dos EUA. Direção de Nathan Juran. (COR).

22h00

(5) LARRY (Larry), 74 — Nem no título disfarça-se a semelhança deste drama feito para TV com "Os Dois Mundos de Charlie": a história patética de um retardado mental de 26 anos. Direção de William Graham. Com Frederic Forrest, Michael McGuire. Estréia na TV. (COR).

23h00

(7) A MORTALHA DE SEDA (The Corpse Came C.O.D.), 47 — Dois repórteres rivais tentam resolver o mistério de um cadáver que aparece na cama de uma atriz. Direção de Henry Levin. Com George Brent, Joan Blondell, Adele Jergens. (COR).

(13) DESTRUAM TODA A TERRA (Gamera Tai Uchi Kaiju Bairusu), 68 — Os monstros japoneses atacam novamente. Aqui é Gamera, cuja particularidade é ser controlado por outro planeta. Com Kajiro Hongo, Toru Takatsuka. Estréia na TV. (COR).

Segunda, 24

13h30

(2) AMAZONA APAIXONADA (Go West Young Lady), 41 — Glenn Ford, Ann Miller e Penny Singleton num musical nível "B": a sobrinha do dono de um "saloon" cria problemas. Direção de Frank Strayer.

21h00

(7) UM HOMEM SEM PREÇO (The Outsider), 67 — Drama feito para a TV: ex-presidiário trabalha como detetive para descobrir se a garota está desviando fundos de uma companhia. Direção de Michael Ritchie. Com Darren McGavin, Shirley Knight, Edmond O'Brien, Ann Sothorn. (COR).



Séries para todos os gostos: Kung Fu, Kojak, Hawai 5-0, Cannon, MASH

MUSICAIS

- Quinta, 20
21h30
 (2) **As muitas Histórias da MPB** — Focalizando esta semana o samba de São Paulo, com a presença de Adoniran Barbosa.
- Sexta, 21
20h30
 (2) **Adamo Especial** — Show do cantor francês, gravado ao vivo no Teatro Municipal, quando da entrega dos prêmios Molière.
- 21h30**
 (2) **O Choro das Sextas-Feiras**
- 22h00**
 (2) **Concerto Sinfônico** — Orquestra Sinfônica Municipal executa obras de Wagner, Verdi e Tchaikowsky, com a participação do Coral Municipal e da Banda do Exército 4º BIB. Regência de Eleazar de Carvalho.
- Sábado
19h30
 (13) **Série Documento** — Convidados desta semana: Titulares do Ritmo, interpretando "Prelúdio para ninar gente grande", "Tico-tico no fubá", "Gente Humilde", "Samba da minha terra", "Chão de Estrelas", "Aquarela do Brasil" e "Samba do Morro".
- (2) **II Festival de Corais das Faculdades Alcântara Machado**
- Domingo, 23
10h30
 (5) **Concertos para a Juventude**
- 12h00**
 (2) **Concerto Sinfônico**: — Orquestra Sinfônica Estadual executando obras de Tchaikowsky, sob a regência de Eleazar de Carvalho. Solista de piano: Marian Filar.
- 15h30**
 (2) **TV-2 Pop Show** — Musicais internacionais acompanhados por comentários sobre os novos

- lançamentos e informações sobre o mundo musical jovem.
- 18h00**
 (4) **Hallelujah** — Nova e infeliz incursão (com raras exceções) do rock cabocló, tendo à frente Sílvio Brito e Fábio Jr. Nesta semana, a presença do Made in Brazil e de Moraes Moreira (ex-integrante de Os Novos Baianos) e seu conjunto, além de Márcia Maria.
- Terça, 25
21h00
 (4) **Brasil Som 75** — Musical gravado ao vivo em auditório e sob a tutela do insonso Benito di Paula, esporadicamente rodeado de alguns expoentes da música brasileira.

SHOWS

- Sábado, 22
22h00
 (7) **Buzina do Chacrinha** — Programa de auditório com calouros, cada vez mais distante de seus áureos tempos.
- Domingo, 23
11h00
 (5) **Silvio Santos** — Uma maratona de divertimentos populares, conduzida durante nove horas pelo animador Sílvio Santos.
- 20h00**
 (5) **Fantástico** — Show da vida cada vez menos sugestivo.
- HUMORISMO**
- Quinta, 20
21h00
 (5) **Chico City** — Walfrido Canaveira e mais uma série de impagáveis personagens criados por Chico Anísio, vivendo numa fictícia cidade do Nordeste brasileiro (COR).
- Sábado, 22

- 21h00**
 (4) **Os Trapalhões** — Humor simples, direto e grotesco, preferido do público infantil. Nesta semana o tema é a lei do silêncio, explicada por Renato Aragão, Dedé Santana, Mauro Gonçalves e Mussum. Geraldo Alves mostra como a cachaça seria vendida nos EUA. O convidado especial é Ronnie Von.
- Segunda, 24
21h00
 (5) **Satiricon** — Piadas curtas e gags visuais dão o tom desta pretensa sátira da comunicação, que muitas vezes se trumbica. (COR).

TELEJORNAL

- De segunda a sexta
12h00
 (13) **Jornal do Meio-Dia** — Noticioso local, com a participação incômoda do repórter José Carlos de Moraes, o "Tico-Tico". (COR)
- 12h30**
 (2) **Jornal da Cidade** — Noticioso local.
- (7) **E Tempo de Notícia** — Noticioso.
- 13h00**
 (5) **Hoje** — Jornal de serviços, variado e superficial. (COR)
- 13h10**
 (4) **Panorama** — Noticioso.
- 14h25**
 (11) **Teletipo Gazeta** — Noticioso.
- 19h30**
 (7) **Jornal Jovem Pan** — Noticioso editado pela equipe de jornalismo da rádio Jovem Pan, dando mais importância a quem lê (Antonio Del Fiore, José Melo, Osmar Santos) do que ao que é lido. (COR)
- (11) **Sete e Meia Informal** — Fatos nacionais e internacionais comentados por Tavares de Miranda, Agnes Roberta e Geraldo Vieira.

- 19h45**
 (5) **Jornal Nacional** — Noticioso com mais recursos que informações, apresentado por Cid Moreira e Sérgio Chapellin (COR)
- 20h20**
 (13) **Economia** — Comentário e notas do jornalista Joelmir Beting. (COR)
- 20h30**
 (13) **Titulares da Notícia** — Noticioso de qualidade, limitado pela falta de recursos técnicos.
- 20,45**
 (4) **Factorama** — Noticioso
- 20,50**
 (13) **Coluna 1** — Notas dos bastidores da política e dos negócios, às vezes dúbias, entremeadas por certa ironia do colunista Cláudio Marques (COR)
- 20h55**
 (2) **Hora da Notícia** — Noticioso de melhor nível, interpretativo e baseado em reportagens externas. Apresentação de Fábio Perez.
- 22h45**
 (5) **Amanhã** — Noticioso que confundia decor e mise-scene com informação, para falar de fatos de hoje (ou de ontem). Agora sério. (COR)

SÉRIES

- Quinta, 20
20h00
 (7) **Chaparral** — Faroeste com Leif Erickson e Camaron Mitchell. (COR)
- 21h00**
 (13) **Cyborg** — Lee Majors é um desenhado super-homem mecânico. Episódio de hoje: "Steve Austin, fugitivo". (COR)
- 22h00**
 (13) **Hawai 5-0** — Uma das mais violentas séries policiais da televisão. Com Jack Lord e James MacArthur. Episódio de hoje: "Trinta mil quartos e eu tenho a chave". (COR)
- 23h00**
 (5) **Kojak** — Telly Savalas é um detetive careca e sizado. Mas chupa pirulitos e fuma cigarrilhas More. Episódio de hoje: "Parceiros indesejáveis". (COR)
- 00:30**
 (13) **Enigma** — Convincente série sem artistas principais, com uma temática ligada ao sobrenatural. Episódio de hoje: "No meio da multidão". (COR)
- Sexta, 21
21h00
 (13) **Gunsmoke** — Um foroeste no velho estilo, com o xerife Matt Dillon (James Arness) resolvendo os problemas da cidadezinha de Dodge e seus arredores. Episódio de hoje: "O Propagandista". (COR)
- 22h00**
 (7) **Police Woman** — Angie Dickinson é um sargento com armas bastante originais: sutiãs, calcinhas e o indispensável Colt. (COR)
- (13) **Cannon** — William Conrad é um detetive gordo, bom e perspicaz, revalorizando os homens obesos (nos EUA). Episódio de

- hoje: "Aquele que abriu a sepultura". (COR)
- 23h00**
 (4) **Mod Squad** — Michael Cole, Clarence Williams III e Peggy Lipton são três jovens policiais, dedicados a problemas onde a identidade policial (principalmente a farda) torna-se um obstáculo para a elucidação de crimes. Episódio de hoje: "Procure e destrua". (COR)

- 23h15**
 (13) **M.A.S.H.** — Sátira à guerra da Coreia, com Alan Alda e Wayne Rogers. Episódio de hoje: "A cuca do general". (COR)
- Sábado, 22
21h00
 (7) **Police Story** — Histórias variadas sobre o dia-a-dia da polícia, sem artistas principais. (COR)
- (13) **Cimarron** — Problemas de uma pequena cidade do velho oeste, resolvidos por Stuart Whitman. Episódio de hoje: "A lenda de Judd Star". (COR)

- 22h30**
 (13) **Kolchak** — Darren McGavin é Kolchak, um repórter especial norte-americano, que anda à cata de assuntos extravagantes e esbarra sempre com o sobre-natural. Episódio de hoje: "Zombi". (COR)
- Domingo, 23
23h00
 (13) **Glen Ford é a Lei** — SAM Cade (Ford) é um xerife moderno, do sudoeste americano, próximo à fronteira mexicana, que anda de jipe, sequestros, contrabandos e até mesmo política externa norte-americana. Episódio de hoje: "Uma arma para Billy". (COR)
- 00h00**
 (5) **Os Intocáveis** — Numa série esmaecida pelo tempo, Elliot Ness e seus agentes federais combatem os gangsters de Chicago na época da Lei Seca. Episódio de hoje: "O Arsenal".

- Segunda, 24
21h00
 (4) **Space 1999** — Série científica, que custou 6,5 milhões de dólares, mostrando as peripécias de 300 pessoas, habitantes de uma base espacial na lua, e que de repente são obrigadas à uma viagem inesperada através do universo. Com Martin Landau, Barbara Bain, além de artistas convidados: Christopher Lee, Joan Collins, Peter Cushing.
- 23h00**
 (7) **Estórias Fantásticas** — (estréia)
- Terça, 25
21h00
 (13) **San Francisco Urgente** — O consciencioso detetive com nariz de boxer (Karl Malden) e seu assistente (Michel Douglas) em ação pelas ruas da cidade de San Francisco. Episódio de hoje: "A máscara da morte". (COR)
- 22h00**
 (4) **Os Detetives** — Série com três detetives que se alternam a cada semana: Peter Falk (Columbo), Dennis Weaver (McCloud), Rock Hudson e Anne Prentiss (casal McMillan). (COR)

- (13) **Colditz** — Prisioneiros de guerra norte-americanos, Robert Wagner e David MacCallum tentam fugir de um castelo-prisão durante a Guerra. Episódio de hoje: "Sapos no poço". (COR)

- Quarta, 26
21h00
 (5) **Kung-Fu** — Aventuras de um imigrante oriental (David Carradine), perito em filosofia e artes marciais, no velho oeste norte-americano. (COR)
- 23h00**
 (7) **Combate** — Episódios baseados em fatos verídicos da II Guerra, sobre o desembarque nas praias da Normandia pouco antes do dia D. Com Vic Morroy e Rick Jason e, eventualmente, atores como Lee Marvin e James Coburn. (COR)

DEBATES

- Quinta, 20
22h45
 (7) **Diálogo Nacional** — Entrevista com uma personalidade, tendo como mediador Blota Júnior, que sempre fala mais que o convidado.
- Segunda, 24
23h00
 (13) **Interesse Público** — Programa de entrevistas e debates sobre temas palpitantes da atualidade, conduzido pelo colunista econômico Joelmir Beting e pelo jornalista Ney Gonçalves Dias. Convidado DE HOJE: Luiz Arrobas Martins, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo.
- Quarta, 26
23h
 (4) **Debate** — Mesa redonda sempre com a participação de um convidado de projeção. Apresentação de Almir Guimarães.

ESPORTE

- De segunda a sábado
12 h
 (2) **É Hora de Esporte** — Comentários e notícias esportivas, com Orlando Duarte.
- (4) **Redação Esporte** — Comentários e notícias esportivas, com Walter Abrão e Geraldo Bretas.
- 12h40**
 (13) **Transa Esportiva** — Comentários e notícias esportivas, com Fernando Solera, Augusto Máltoni e outros. A CORES.
- Sábado
11h30
 (4) **Grand Prix** — Notícias sobre automobilismo.
- (5) **Esporte Espectacular** — Video-tape variado sobre esportes.
- 00h**
 (2) **Futebol** — Video-tape de um jogo do Campeonato Nacional.
- Domingo
16h
 (2) **Jornada Esportiva** — Video-tape de um jogo do Campeonato Nacional.
- (13) **Futebol Compacto** — Video-tape de um jogo do Campeonato Nacional A CORES.
- 23h30**
 (4) **Futebol Compacto** — Os melhores lances de um jogo do Campeonato Nacional. A CORES.
- Segunda
00h
 (2) **Futebol** — Video-tape de um jogo do Campeonato Nacional.
- Terça
21h
 (13) **O Melhor Futebol do Mundo** — Transmissão ao vivo de um jogo do Campeonato Nacional. A CORES.
- Quarta
 (13) **O Melhor Futebol do Mundo** — Transmissão ao vivo de um jogo do Campeonato Nacional. A CORES.

Aproveitem a Quinzena Especial de Ofertas: Último Mês da Redução do IPI!

- Vulcapiso, de 98,00 por... **72,00 m²**
- Cosmopiso vinil amianto, de 87,00 por... **62,00 m²**
- Piso P.V.C. Braspla, de 82,00 por... **59,00 m²**
- Piso de borracha pastilhado, de 90,00 por... **65,00 m²**
- Formipiso (da Formiplac), de 220,00 por... **140,00 m²**
- Preparp, o tapete de madeira: o melhor preço da praça (comprove!)
- Papel de parede nacional, de 50,00 (rolo) por... **35,00**
- Vitrax, plastificado, de 75,00 por... **58,00 m²**
- Decora (papel acrílico), de 320,00 (rolo) por... **200,00**
- Materiais de teto (Forrorama), de 65,00 por... **43,00 m²**

QUEM EXPORTA MUITO PODE VENDER MAIS BARATO!

- Materiais em promoção (tempo limitado):
- Nylon em placas, de 72,00... **49,80 m²**
 - Tapete Multipiso, nas medidas 2 x 2 de 280,00 por... **190,00**
 - 2 x 3: de 420,00 por... **290,00**
- Tapetes soltos em todas as medidas e cores: promoção especial, com descontos de até 30% sobre a tabela!

PREÇOS ESPECIAIS PARA: Hospitais, Bancos, Supermercados, Construtoras, Hotéis, Indústrias, Lojas e Clubes.

OVERGROUND

Comércio e Indústria, Importação e Exportação
 Ofertas válidas somente em nosso depósito:
 Rua Itapicuru, 961/977 (esquina Rua Turiassu), Perdizes.

Orientamos e orçamos sem compromisso.

PBX	262-5683	62-2888
62-4255	65-8456	256-4204
65-3667	62-4197	262-6692
62-9299	62-7442	282-2241
		80-0160

- Tudo em 4 vezes s. acréscimo ou em até 40 meses.
- Aceitamos todos os cartões de crédito.
- Colocação em 24 hs. por técnicos especializados.

TRAGA ESTE ANÚNCIO E GANHE SEIS ESPONJAS DE LAVAR E UM VIDRO DE TIRA-MANCHAS DE TAPETES.

NA HORA

No dia da festa, alugue sua elegância.

A Disc-Mark também aluga roupas para homens. As de rigor, dependendo do estado em que se encontram, tempo de uso e atualidade da moda, começam em Cr\$ 150,00. Mesmo sistema das roupas para mulher: o cliente telefona e a roupa é entregue em casa.

Mas é evidente que, numa festa a rigor, o homem vai querer estar o mais elegante possível. Assim, os melhores endereços para aluguel de smoking são **Tudo Para Rigor** (Rua Dr. Melo Alves, 228; fone: 282.9429); **Magazine Central** (Ladeira Porto Geral, 73 - 1º andar) e a **Alfaiataria Camassa** (Praça Dom José Gaspar, 76; fone: 34.4013). A Camassa é a que oferece o padrão de serviço mais alto. As reservas devem ser feitas com antecedência:



Bruna Lombardi

smokings a partir de Cr\$ 150,00; jaquetão, a partir de Cr\$ 200,00; fraque, a partir de Cr\$ 400,00. Na **Tudo Para Rigor**, o preço dos smokings de tropical começa em Cr\$ 70,00; o dos fraques, em Cr\$ 240,00. No **Magazine Central**, a mais antiga alugadora de trajes a rigor da cidade, o preço do aluguel dos smokings começa em Cr\$ 80,00. Também nessa faixa de preços o aluguel de ternos, em tergal verão.

A crise econômica trouxe vantagens pelo menos para um tipo de comércio: o de aluguel de roupas usadas. Mesmo as pessoas que frequentam as festas da alta sociedade já estão perdendo seus preconceitos contra esse gênero de serviço — pelo menos enquanto não conseguem perder outros tipos de preconceitos: como o de “nunca repetir roupa”, ou o de não transgredir as regras de “usar chapéu em casamentos”, “vestir trajes longos em festas de gala”, “adotar o clássico modelo branco longo para a cerimônia de casamento”, “não dispensar o smoking nas ocasiões black-tie”.

Bruna Lombardi, uma de nossas mais famosas modelos e manequins, abriu junto com sua mãe uma boutique de alta-costura, a **Porta Portese**. Com o tempo, elas perceberam a mudança dos costumes e resolveram criar uma nova boutique para “atender as pessoas que frequentam pouco a sociedade, e portanto não podem gas-



Chapéus, para casamento.

tar muito para uma única festa”. E logo descobriram que poderiam atender também outro tipo de fregueses, “para corresponder às necessidades das pessoas que, mesmo frequentando muito, contam com pouco dinheiro para estar comprando um longo por semana”.



Alugue também as jóias.

Assim, no pavimento superior da **Porta Portese** (Alameda Jaú, 588; fone: 287-6593), Bruna e sua mãe montaram a **Bottega D'Arte**, que aluga vestidos criados pela própria boutique. São inspirados nos últimos lançamentos italianos e desenhados por Bruna. O estoque de vestidos é renovado a cada novo lançamento da moda e são exclusivos: não há o risco de modelos repetidos. Todos obedecem ao padrão de alta-costura. Pode ocorrer também o caso de uma freguesa interessar-se por um modelo da boutique **Porta Portese** e não estar em condições de comprá-lo: nesse caso, o modelo é imediatamente colocado para aluguel na **Bottega D'Arte**.

Os tamanhos vão de 36 a 50 e,



O branco, para as noivas.

Aqui, fraques e smokings.

quando, necessário, os vestidos são ajustados às medidas da pessoa. O aluguel de cada vestido varia entre Cr\$ 350,00 e Cr\$ 450,00 por dia. A variação depende do modelo e do tecido. Além dos vestidos, são alugados também todos os complementos que a cliente solicitar: chapéus (em torno de Cr\$ 130,00); sapatos e bolsas (preço médio de Cr\$ 60,00); jóias antigas, art-nouveau (desde Cr\$ 65,00 por uma gargantilha, até Cr\$ 150,00 por um conjunto de pulseira, gargantilha e brincos). O preço do aluguel de um vestido de noiva vai de Cr\$ 650,00 a Cr\$ 1.200,00, incluindo todos os complementos.

A **Disc-Mark** (rua Cubatão, 594; fone: 71-3464) também aluga roupas, mas realiza um serviço de tipo mais popular. O

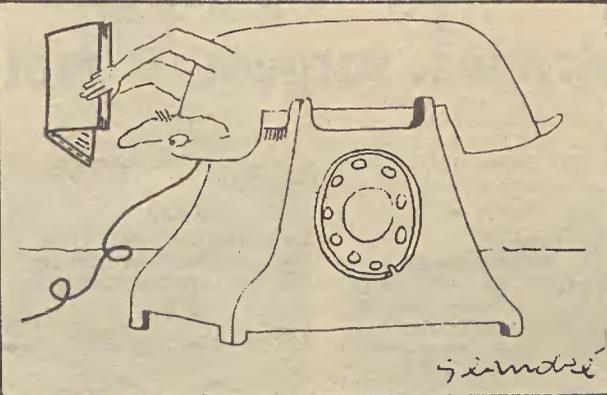


Para o homem, smokings.

estoque, em grande parte, é comprado de pessoas que querem desfazer-se de suas roupas usadas. Além de vestidos longos, a **Disc-Mark** aluga também qualquer tipo de roupa de passeio, assim como todos os acessórios, com exceção de sapatos. Uma grande vantagem: as roupas desejadas podem ser solicitadas por telefone. Nesse caso, são levadas até a casa do cliente algumas peças como amostra. Se a pessoa insistir numa escolha mais ampla, será levada até o estoque geral, num depósito de Santo Amaro.

Uma página só de serviço, para ensinar você a dominar a cidade onde mora. Guarde todos os telefones que publicamos abaixo: através deles, você terá uma pizza a domicílio ou fretará um táxi aéreo. Mas também não se verá em apuros numa hora de emergência: uma farmácia que não fecha, prontos-socorros médicos de diferentes especialidades. Mais serviço: saiba como alugar sua roupa de festa, aprenda como fazer para entrar de graça nos nossos museus, vá ao teatro sem pagar ingresso.

NÃO SE AFOBE



61-8977

Líder Táxi Aéreo — o telefone está à sua disposição a qualquer hora do dia ou da noite, para fretar um avião para qualquer ponto do Brasil. Lembre-se porém que você só poderá viajar obedecendo ao horário do Aeroporto de Congonhas, que está fechado para pousos e decolagens das 22 horas às 6 da manhã. Escolha entre dois tipos de avião: o “Jato Executivo” (leva até 6 passageiros e gasta 25 minutos entre São Paulo e Rio, num vôo que custa Cr\$ 12.150,00); ou o “Turbo Hélice” (leva sete passageiros, o percurso São Paulo-Rio dura 1 hora e custa Cr\$ 9.700,00)

256-3104

Pronto Socorro Dentário Augusta — Um número que pode resolver um problema repentino que você tenha com os dentes. Atendimento durante as 24 horas do dia. A consulta custa Cr\$ 250,00 para qualquer emergência. (Rua Augusta, 878).

282-4738

Pizzaria e Churrascaria do Gordo — Anote esse telefone. Ele lhe garantirá uma saborosa pizza, entregue a domicílio. Um conforto a mais para quem está com fome mas sem vontade de sair de casa. São mais de vinte variedades de pizzas, começando pelas mais tradicionais: muzzarela, atum, aliche, calabresa. Os preços variam em torno de Cr\$ 35,00. Aceita cheque e cartões Elo e Credicard. (Rua Teodoro Sampaio, 671).

227-3333

Rádio Patrulha — Mantém plantão permanente 24 horas por dia. Pode ser utilizado não só para problemas policiais, mas para solicitar qualquer tipo de socorro urgente: um acidente, remoção de pessoas para hospitais e maternidades. É até para prestar informações sobre como agir numa situação de pânico.

81-8882

Pronto Socorro de Cardiologia de São Paulo — Através desse telefone, atendimento para os problemas cardíacos a qualquer hora do dia ou da noite. Os preços variam de acordo com o horário. Até 22 horas, a consulta custa Cr\$ 250,00 (mais Cr\$ 150,00 se houver necessidade de eletro-encefalograma). Depois das 22 horas, a consulta passa para Cr\$ 300,00 (o preço

do eletro-encefalograma continua o mesmo, Cr\$ 150,00). O endereço é Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 4966.

227-2228

Estação da Luz — Este é o telefone para informações. Quando você quiser viajar de trem, ligue para lá para saber o que fazer para comprar a passagem. Não são feitas reservas por telefone, mas os guichês que vendem passagens para o Rio de Janeiro funcionam das 7 às 11 horas, das 12 às 14h30 e das 15 às 21 horas. Os bilhetes podem ser vendidos com nove dias de antecedência. Para os trens que vão para o interior de São Paulo o mecanismo é o mesmo, só muda o horário de funcionamento: das 6h30 às 11 horas, das 12 às 13 horas, das 14 às 18 horas e das 19 às 20h30.

256-6909

Pronto Socorro Infantil Angélica — Médicos especializados em atender crianças a qualquer hora do dia ou da noite. Funciona também aos sábados, domingos e feriados. A consulta custa Cr\$ 200,00. (Avenida Angélica, 2510)

93-9663

Pronto Socorro do Brás — Um telefone para atender necessidades de oxigênio urgentes. Por um prazo mínimo de 10 dias, o preço do tambor de oxigênio é de Cr\$ 300,00. Caso haja necessidade de um prazo maior, acréscimo de Cr\$ 5,00 por dia. O Pronto Socorro do Brás atende também qualquer tipo de problema de saúde. Até às 22 horas, a consulta custa Cr\$ 200,00, passando para Cr\$ 250,00 após esse horário. (Avenida Rangel Pestana, 2250)

67-5555

Farmácia Droga Avenida — Uma farmácia que não fecha nunca. Por esse telefone, você pode pedir uma aplicação de injeção a domicílio. O preço varia conforme a distância: dentro do raio de 1 quilômetro a partir da farmácia, Cr\$ 25,00. Distâncias maiores, aumento de preço proporcional. É bom guardar também o endereço, onde se pode comprar medicamentos ou perfumarias a qualquer hora do dia ou da noite: Avenida São João, 1573.

DE GRAÇA

Aprenda como fazer para conhecer nossos Museus sem pagar o ingresso



Os bandeirantes do Museu Paulista

O roteiro dos museus de São Paulo é uma excelente idéia para você aproveitar seu tempo livre num ótimo lazer cultural. Quem mora em São Paulo e não sabe o que os nossos museus têm para mostrar não merece ser chamado de paulista. Apenas para citar um exemplo, o importantíssimo acervo internacional do Museu de Arte da Avenida Paulista, com valiosas telas de significativos mestres como Goya, Velazques, Rembrandt — além de uma bela coleção dos pintores impressionistas. O Museu de Arte Sacra, instalado no Convento da Luz — por si só o prédio já é uma reliquia do nosso passado arquitetônico — exhibe um muito bem montada coleção de imagens e objetos sacros. O roteiro dos museus paulistas, enfim, existe para ser devidamente aproveitado. Mas atenção para esta dica extra: alguns museus não cobram ingresso. Mas muitos dos que normalmente cobram, escolheram determinados dias da semana como exceção, quando a entrada é gratuita. Verifique, no nosso roteiro, em que dia o museu no qual você está mais interessado não cobra ingresso. E saiba aproveitar mais esta vantagem para estar realmente em dia com os nossos museus.

● **XIII Bial Internacional de São Paulo** — Parque Ibirapuera — São apresentados 4 mil trabalhos de artistas de 43 países incluindo o Brasil. Jagoda Buic, da Iugoslávia, ficou com o maior prêmio, por suas tapeçarias. Entre os brasileiros, foram premiados o goiano Siron Franco, o paraibano Ivan Freitas e Evandro Carlos Jardim. A Bial fica aberta de terça a domingo, das 15 às 22 horas. As escolas interessadas em visitar a exposição terão livre acesso, marcando antecipadamente com a secretaria da Fundação Bial. O ingresso para o público custa Cr\$ 5,00; os estudantes e as crianças pagam Cr\$ 3,00. **Atenção para as quartas-feiras, quando o ingresso é grátis.**

● **Museu de Arte de São Paulo** — Av. Paulista, 1578 — Fica aberto de terça a domingo, das 14 às 18 horas. Esse museu possui um importante acervo de pinturas e esculturas de diversas épocas, de artistas nacionais e estrangeiros. **Ingresso grátis todos os dias.**

● **Museu de Arte Sacra** — Av. Tiradentes, 676 — Junto à Praça da Luz — É um dos mais importantes acervos do país em arte religiosa brasileira e portuguesa. Fica aberto diariamente das 13 às 17 horas e o ingresso custa Cr\$ 2,00. **As quartas-feiras a entrada é grátis.**

● **Museu Paulista** — Parque Independência (Ipiranga) — Acervo histórico de peças relacionadas com a história do Brasil. Dois destaques: a famosa tela de Pedro Américo retratando a cena do Grito e uma cama que pertenceu à Marquesa de Santos. O museu está localizado no local em que aconteceu o fato histórico da independência do Brasil. Funciona de terça a domingo das 12 às 17 horas e o preço do ingresso é Cr\$ 2,00. **Todo segundo domingo de cada mês, a entrada é grátis.**

● **Museu de Arte Contemporânea** — Parque do Ibirapuera — Possui perto de 3 mil obras, predominantemente pintura e escultura de vanguarda. Esse museu fica aberto de terça a domingo das 14 às 18 horas. Está localizado no Parque do Ibirapuera e quando você visitar o museu aproveite para também curtir o lago e a área verde existente no local. **A entrada é sempre grátis.**

● **Museu Lasar Segall** — Rua Afonso Celso, 362 Vila Mariana — Possui obras de vários artistas, mas predominam as de Lasar Segall. Fica aberto terças, quintas, domingos e feriados das 14h30 às 18h30. Sexta e sábado, abre das 14h30 às 22 horas. O ingresso custa Cr\$ 3,00. **Mas aos sábados, domingos e feriados a entrada é grátis.**

Última chance para assistir o teatro grátis do SNT

Muita atenção, porque a próxima segunda-feira será a última chance para você conhecer, de graça, mais um dos textos selecionados para leitura pelo Concurso do SNT. O ciclo já apresentou textos como “Concerto nº 1”, de João Ribeiro Chaves, ou “A Rainha Morta”, de Heloísa Maranhão. Entre os atores que participaram das leituras, stars como Regina Duarte, Raul Cortez ou Elke Maravilha. O cartaz desta segunda-feira será “O Homem Que Enganou O Diabo E Ainda Pediu O Troco”, baseado nas tradições brasileiras do circo e da literatura de cordel. O elenco será encabeçado por Sadi Cabral e Jussara Freire. Direção de Ewerton de Castro. Esta última leitura do ciclo do SNT começa, como sempre, às 21 horas. A entrada é grátis (atenção para chegar cedo) e o endereço é o Teatro Paol, na rua Amaral Gurgel.

A cidade quer mais luzes e menos loiras

Hotéis mais "residenciais", por favor! — Parece piada, mas São Paulo não tem nenhum hotel localizado em zonas mais residenciais. A área da Avenida Paulista, por exemplo. Nem todo mundo que vem a São Paulo está estritamente ligado a negócios. É exatamente esse pessoal que fica impressionado com a localização dos nossos melhores hotéis sempre no centro, com todos aqueles famosos inconvenientes de trânsito, barulho, poluição.

Vamos iluminar a cidade — Iluminação não é só para iluminar. É também para enfeitar. Para variar, essa lição a gente também aprende em Roma ou Paris, as cidades mais bonitas do mundo. Lá, os jardins e monumentos são sempre iluminados de maneira estratégica, artística e quase teatral. Na maioria das vezes em tons amarelados, que são os que mais favorecem. Seguindo a lição: deveríamos começar já a pensar numa iluminação mais racional para o Parque do Ibirapuera ou para o Museu de Arte, este sem dúvida o prédio de melhor design de São Paulo.

Onde estão os ipês da Paulista? — O recado é de Helena Silveira, a escritora agora crítica de tevê: é preciso devolver à Avenida Paulista os seus tradicionais ipês. Além de serem uma marca, eles enfeitavam tanto nossa avenida! Já pensaram que, com o dinheiro gasto naquela infinidade de lanchas cheias de plantinhas, nós poderíamos muito bem ter os ipês de volta?

Avante, clubinho! — Um recado para as amigas trabalhadoras que estão reerguendo o Clubinho dos Artistas, atualmente localizado naquele subsolo praticamente dentro da "boca do lixo". Por que vocês não desistem definitivamente do lugar, alugando ou vendendo a sede? Seria muito melhor se vocês conseguissem trazer o Clubinho para o lado dos Jardins, onde estão as casas noturnas que se prezam.



Loiras demais, demais — Mais loiras em São Paulo que na Suécia. Incrível, mas é verdade. O consumo de tintas e oxigenadas vai alto, até parece que a indústria das tinturas não progride por aqui. Será que todas essas loiras ainda não sabem da infinidade de belos tons castanhos, antes os mais banais, agora os mais raros? A preferência pelos cabelos loiros é seguida de perto pelos ruivos, onde não chegamos a ganhar da Irlanda, mas falta pouco. Vamos tentar experimentar os castanhos?

Aparício Basílio da Silva

São Paulo, você começa a aprender, tem infinitos convites para fazer você fugir da rotina. Nas estradas que chegam a Cotia ou ao Embu, um assunto novo na paisagem: os motéis. A "febre" dos motéis começou de dois anos para cá. E ainda não teve tempo para assimilar os requintes e sofisticções dos motéis do Rio de Janeiro. Mas possui atrativos próprios, aproveitando o cenário das antigas chácaras: os chalés à beira de um lago são apenas um exemplo.

Esta página ensina também como fugir à rotina sem sair de casa: convide os amigos para assistir a uma sessão com Leila Diniz. Ou exiba um clássico de Nelson Pereira dos Santos. E que tal sair à caça de um tesouro? Basta seguir o "mapa" de Kicki Hultén que, desta vez, descobriu o Ferro-Velho do Sr. Juan. Finalmente, um convite de Aparício Basílio da Silva: vamos transformar São Paulo numa cidade bonita e mais humana.

E então, na paisagem das estradas, surgem os motéis.



Chalés à beira de um lago, piscina: duas opções dos motéis paulistas.

À tarde, principalmente nos fins de semana, há um considerável aumento no movimento de veículos que trafegam pelas estradas que ligam São Paulo ao Embu e a Cotia — respectivamente a Régis Bittencourt e a Raposo Tavares. Certo, boa parte desse tráfego é formado por moradores de cidades vizinhas que trabalham em São Paulo. Mas a maioria é realmente constituída pelos usuários das dezenas de motéis que, nos últimos dois anos, surgiram às margens dessas duas estradas. Nesse pequeno trajeto de menos de trinta quilômetros existem hoje cerca de quatrocentos apartamentos permanentemente ocupados. Segundo os proprietários, por famílias de passagem por São Paulo e por casais que nem sempre têm onde passar um amoroso fim de tarde — ou de semana.

Se os motéis de São Paulo ainda não conseguiram atingir a alta sofisticação

dos cariocas — os famosos motéis da Barra da Tijuca — assim mesmo ainda é possível encontrar apartamentos com piscina térmica e sauna individual. Relacionamos a seguir alguns desses Motéis próximos a São Paulo — muitos deles construídos em antigas chácaras ou sítios.

Inglu In Motel — Rodovia Raposo Tavares, Km 12,5. Apartamentos em fibreglass com cama e carpete fazendo parte da estrutura. Ar condicionado. Salão de chá. Pequena piscina coletiva e jardim. Diária Cr\$ 120,00 Café da manhã Cr\$ 10,00. Cerveja, Cr\$ 6,00; refrigerante Cr\$ 4,00; uísque nacional Cr\$ 15,00 e importado Cr\$ 35,00 a Cr\$ 40,00. Sanduíches a partir de Cr\$ 8,00. Exige documentos e não aceita cheque. Fone: 211.3712.

Motel Can-Can — Rodovia Raposo Tavares, Km 21,5. Antigo clube de campo transformado em motel.

Diária, Cr\$ 90,00. Café da manhã, Cr\$ 20,00. Chalés com FM, interfone e carpete. Piscina coletiva e jardim decorado. Uísque nacional, Cr\$ 15,00 e importado Cr\$ 30,00. Sanduíches de Cr\$ 7,00 a Cr\$ 12,00. Exige documentos apenas para o homem.

Turis Motel — Rodovia Raposo Tavares, Km 27. Tem 40 mil metros quadrados de área verde e cavalos para passeio. Diária, dia útil Cr\$ 70,00 sem carpete e Cr\$ 80,00 com carpete. Sábados e domingos, diária Cr\$ 100,00; Sanduíches de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 40,00. Uísque nacional Cr\$ 10,00 e importado Cr\$ 25,00. Todos os apartamentos tem FM e interfone. Não aceita cheques.

Motel Las Brisas — Rodovia Régis Bittencourt, km 31. Com piscina e bar coletivo, tem dois tipos de chalé — madeira e tijolos, esses últimos de frente para um lago de mais de 2 mil metros qua-

drados, onde a pesca é permitida. Diária Cr\$ 120,00; café da manhã Cr\$ 30,00 (para duas pessoas); sanduíches Cr\$ 10,00; cerveja Cr\$ 8,00; uísque nacional Cr\$ 15,00 e importado Cr\$ 30,00. Todos os chalés tem interfone e FM. Não tem telefone e não aceita cheques. Cartão Elo. Obs.: os peixes pescados no lago podem ser preparados ao gosto do hóspede na cozinha do motel ou levados para casa.

Motel Chateau do Embu — Rodovia Régis Bittencourt, km 27,5. Chalés em madeira e tijolos. Os hóspedes recebem calcinhas, chocolate e balas de brinde. Diária Cr\$ 90,00 (inclui café da manhã). Os lanches podem ser servidos nos apartamentos. O bar serve sanduíches de Cr\$ 6,00 a Cr\$ 10,00; cerveja a Cr\$ 8,00; refrigerantes, Cr\$ 3,00, uísque nacional de Cr\$ 12,00 a Cr\$ 15,00; importado de Cr\$ 26,00 a Cr\$ 38,00. Não tem telefone. Aceita Cartão Elo.

Leila Diniz entra em cartaz. Na sua casa.

Uma dica de sucesso fácil é o cineminha para os amigos. E por que não escapar realmente de toda rotina cinematográfica e colocar em cartaz, em sua casa, um bom filme nacional? Quem não gostaria de rever (ou mesmo ver pela primeira vez) alguns destes marcos já históricos no currículo do nosso cinema, como O Padre E A Moça (Joaquim Pedro de Andrade); O Pagador de Promessas (Nosso grande laureado em Cannes, direção de Anselmo Duarte); Rio Zona Norte

Esses são alguns dos títulos disponíveis na Polifilmes Ltda (Rua do Triunfo 175). O preço do aluguel dos filmes por um fim-de-semana varia entre Cr\$ 300,00 e Cr\$ 500,00. A Polifilmes é o único endereço onde



you consegue filmes nacionais para alugar, na bitola de 16mm. Evidentemente, seu estoque conta também com ampla variedade de chanchadas: Dercy Gonçalves; Oscarito, Grande Otelo, Emilinha Borba e muitos outros. Aluguel de equipamento para projetar: na Fotoptica (Conselheiro Crispiniano, 41), o projetor 16mm sai a Cr\$ 120,00 por dia. A tela, paga separadamente, varia entre Cr\$ 40,00 e Cr\$ 60,00, dependendo do tamanho. Na Cinótica (Conselheiro Crispiniano 76) o aluguel conjunto de projetor 16mm e tela custa Cr\$ 150,00 por dia.

Em dois bazares, o "Marché Aux Puces" paulista.

Encontrar um piano em bom estado e pagar por ele apenas 2 mil cruzeiros. Ou, para mobilizar uma sala de almoço ou um salão de jogos, divertir-se com a mistura de cadeiras de diferentes estilos mas todas com preço que começam em Cr\$ 5,00 e não vão além de Cr\$ 20,00.

Numa manhã ou tarde que você queira se dedicar à procura de móveis usados — ou também de muitos outros artigos, incluindo eletrodomésticos, roupas, livros, discos, painéis, quadros — os endereços melhor indicados são dois: o Bazar Samburá do Lar Escola São Francisco (Rua França Pinto, 783 — das 8 da manhã às 17h30) e o Bazar das Pechinchas, do Hospital do Câncer (Rua Antonio Prudente, 211 — das 8 às 12 e

das 13h30 às 18 horas). Para muita gente, esses dois bazares são o "Marché Aux Puces" de São Paulo. A variedade de roupas e objetos de todo tipo usados que se encontra nos dois é enorme. Com um detalhe: a renda de suas compras reverterá em benefício das respectivas instituições.

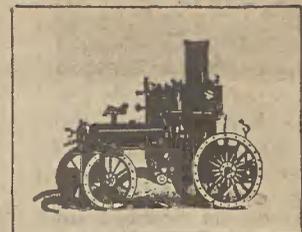
O Bazar das Pechinchas recebe uma média de dois caminhões cheios de objetos doados por dia. O volume do que chega é tão grande que as oficinas de reparação de móveis e objetos não conseguem tempo para consertar tudo. As pessoas interessadas em doar qualquer coisa que não lhe sirva mais podem telefonar para os dois números do Bazar Samburá (71.6374 e 70.4633) que um caminhão irá buscar a domicílio. Embora o Bazar das Pechinchas não possua oficina de reparação, o sistema de coleta das doações é o mesmo e o telefone é 278.0837.

Achados no Ferro-Velho do Juan

Para onde os "garrafeiros" levam as suas carrocinhas cheias de jornais velhos, garrafas vazias e pedaços de metal? Essa foi uma curiosidade que nunca me preocupou muito. Até que outro dia, sem querer, tive a revelação total. Na minha eterna caça aos trastes e tesouros, fui parar no Ferro-Velho do Sr. Juan. Ou, para dizer seu nome completo, Juan Palomares, um magro senhor de idade, orgulhoso comerciante de poucas palavras e raros sorrisos.

Nosso primeiro encontro não foi dos melhores. Muito compreensível: na minha total inocência de até então, havia chegado exatamente na hora em que chegam os "garrafeiros" com suas carrocinhas (14 horas). Resolvi esperar e fiquei observando. As doze carrocinhas com seus respectivos donos se colocam em fila. Há inclusive mulheres. Um por um, eles vão pesando suas "mercadorias" numa enorme e antiquíssima balança, ao lado da mesa do Sr. Juan. O preço, sempre à vista, é o mesmo para todos. Para que fins os "garrafeiros" utilizam o dinheiro do Sr. Juan? Covarde e burguesa como sou, não tive coragem de perguntar. E a especulação me deixa tão triste quanto a própria verdade...

Enfim, o Sr. Juan está a minha disposição. Fizemos o grand-tour do terreno e aprendi o lay-out da ferraille



de M. Juan aliás, vocês sabiam que o ferro-velho é um tipo de comércio tradicionalmente "dominado" pelos espanhóis em São Paulo? Bom, aí pude partir em busca das minhas trouxas. Façamos as contas: 2 garrafas de vinho Casto 1970, em forma de Taças Jules Rimet (Cr\$ 5,00); uma antiga (?) moldura oval dourada, com flores (Cr\$5,00); uma pequena mesa de parede para telefone, com espaço para uma lista telefônica, com a identificação do fabricante, uma marcenaria da rua do Carmo e seu respectivo "telephone" (Cr\$ 15,00). As garrafas se transformaram num par de abat-jours maravilhosamente kitsch (custo total do par pronto: Cr\$ 100,00); retoquei a pintura da moldura, coloquei uma fita de gorgurão e mandei colocar um espelho (custo: Cr\$ 40,00); depois de retirar o verniz com Pint-Off, encerei a mesinha e dei de presente para um amigo que tem os mesmos gostos "esquipáticos" que eu.

O Ferro-Velho do Sr. Juan fica na Avenida do Estado, 5101. Abre das 8 às 17 horas, mas é melhor ir antes do meio-dia.

Kicki Hultén

DICAS

Utilidades para decorar sua copa



Na nova linha importada da Holanda pela Utilplast (r. Oscar Freire, 696), objetos esmaltados e às vezes decorados com estampas de flores. Por exemplo, o porta-pão para piquenique (Cr\$ 200,00) e o doméstico (Cr\$ 320,00). A venda, também, recipientes para condimentos, em forma cilíndrica, com janelinhas transparentes, acusando quanto e o que guardam. O jogo de três — pequena, média e grande — custa Cr\$ 155,00, mas pode-se comprar peças avulsas.

O tapete para usar também na parede



Tapetes de pêlo de carneiro, bordados, não servem apenas para enfeitar a sua casa. A venda na Home Store (av. Nove de julho, 5955) ou na Freedom (al. Lorena, 1598), justificam a procura por serem resistentes à umidade. Ou seja, você pode usá-los até no banheiro. Sempre em fundo branco, com bordados coloridos (laranja, amarelo e verde, na foto), custam Cr\$ 507,00, com 90 cm de diâmetro. São de procedência indiana-Kashmir.

Para levar à mesa ou enfeitar o ambiente



As culpas de acrílico transparente ou fumê da Home Store (av. Nove de Julho, 5.955) podem ter duas utilidades: abrigar plantas ou servir como copeteira (modelos simples) e coqueteleira de camarão (modelos com duas cubas acopladas). O modelo à direita, (Cr\$ 289,00) com duas cubas acopladas, retém líquido ou gelo, apenas na base. O modelo à esquerda (Cr\$ 237,00) é ideal para plantas sensíveis, que se desenvolvem melhor em estufas.

INFÂNCIA

Mais liberdade neste saudável programa de férias: acampamento.



Acampamento dos Pumas — para crianças de 5 a 11 anos e jovens de 12 a 16 anos, com programações diferentes de acordo com a idade do acampante. Quartos de quatro e seis crianças separadas por sexo e idade, tendo um monitor para cada dois quartos. Construído em Campos do Jordão, mistura cheiro de mato, que desperta o apetite, com a possibilidade de esportes como voleibol, futebol, basquete, equitação e handebol. Do programa, fazem parte, para grupos de qualquer idade, excursões a recantos pitorescos de Campos do Jordão e cidades vizinhas, onde os acampantes poderão pesquisar flora, fauna e tipos de solo. Atividades como modelagem, aeromodelismo, pintura, teatro e acrobacias, também constam da programação. Há duas colônias organizadas para o mês de janeiro; uma no dia 7 (com duração de quatro semanas) e outra com saída prevista para o dia 14 (duração de três semanas). Preço da primeira, Cr\$ 3.100,00; da segunda, Cr\$ 2.950,00. Estes preços incluem alimentação, lavagem de roupas, viagem de ida e volta em ônibus especiais e fornecimento de camisas e camisetas padronizadas para esportes e passeios. No local do acampamento, haverá uma enfermeira, mas em casos que necessitem maior assistência, os acampantes serão levados aos médicos da cidade.

No final da colônia, será feito um relatório individual sobre cada acampante, para que pais, professores e orientadores possam sentir como é seu comportamento fora do núcleo familiar. Inscrições já abertas à rua da Consolação, 65, 5º andar, conj. 51, tel.: 35-9649, 36-2012, 34-7058 e 36-6272.

Recanto a Toca — Acampamento para crianças de 4

a 11 anos, também em Campos do Jordão. Acomodações para cinquenta crianças, quatro em cada quarto. Equipe especializada de doze monitores, professores, enfermeira e orientadora. Do programa, fazem parte: equitação, esportes, gincanas, teatro, música, canto, balé, pintura e patinação. Os grupos para as diferentes atividades, serão formados por idade ou por iniciativa do acompanhante. Em nome da liberdade das crianças, não serão permitidas visitas dos pais. Estão sendo organizadas duas colônias; uma de 29 de dezembro a 23 de janeiro (Cr\$ 3.600,00), outra, de 25 de janeiro a 15 de fevereiro (Cr\$ 3.000,00). Para cada colônia, devem ser feitos depósitos à parte de Cr\$ 30,00 (passagens ida e volta) e Cr\$ 200,00 (seguro obrigatório e emergências; será devolvido se não for utilizado). Inscrições abertas à rua, Zaira, 260, tel. 62-8740.

Paio Grande — Para meninas e meninos de 8 a 15 anos. Local: São Bento do Sapucaí, perto de Campos do Jordão. Acomodação em chalés que comportam de dezoito a trinta e cinco acampantes, cada. Da programação, fazem parte esportes, representações, palestras e artesanato. Vão ser formadas três colônias: de 11 a 22 de dezembro, para meninos de 8 a 13 anos, Cr\$ 1.400,00, mais Cr\$ 400,00 de inscrição; de 3 a 26 de janeiro, para meninos de 11 a 15 anos, Cr\$ 3.000,00, e Cr\$ 800,00 de inscrição; de 29 de janeiro a 14 de fevereiro, para meninas de 8 a 13; Cr\$ 2.100,00, mais Cr\$ 600,00 de inscrição. Alimentação, transporte e lavagem de roupa, estão incluídos no preço. Roupas de cama e banho, deve ser levada por cada acampante. Inscrições abertas à avenida Rouxinol, -84, tel. 241-9085.

Trabalhando ou consultando, como se estivesse em sua própria casa.

Quantas horas por dia, homens e mulheres "moram" em seus escritórios? Quantos clientes passam por ali, diariamente, e que para o bem dos negócios, devem se sentir como em casa? Em nome do bom humor de empresários e liberais (médicos, dentistas, advogados etc) e, em nome do conforto dos clientes, está surgindo um novo tipo de arquitetura: a residência-escritório.



Quando, há seis meses atrás, o arquiteto George Marcondes inaugurou o **Escritório Planejado** (av. Rebouças, 2.545), conhecia pelo menos um dos problemas que atormentam ou "beliscam a úlcera" dos empresários: a decoração funcional de um escritório. Entretanto toda a fachada "artística" do empreendimento — reforçada inclusive pelo "show-room" montado na Rebouças — reconhe-

ce hoje o arquiteto, é apenas um cartão de visitas sofisticado e por vezes inibidor. O **Escritório Planejado** sedimentou-se como uma firma de prestação de serviços, que além do projeto, executa e fiscaliza as obras. Ou seja, poupa seus clientes do difícil diálogo com o marceneiro, encanador, tapeceiro etc. Sedimentou-se ainda, como uma firma

que sabe quantos cinzeiros serão usados em cada uma das salas, quantos copos, bandejas e até baldes de gelo serão solicitados diariamente. E se por acaso, no projeto que executar, estejam incluídos muitos vasos, jardineiras com plantas, fornece pessoal para a manutenção: cada plantinha que morrer, será substituída.

Fantasia, no mundo às vezes cruel de um pronto-socorro.



No projeto de um hospital e pronto-socorro infantil (que pediu seu nome fosse omitido), projetado pelo **Escritório Planejado**, a maior preocupação é com as crianças. Apesar da angústia de pais que ali levarão seus filhos, num momento de emergência, os ambientes — sala de espera, salas de exame, "play-ground", sala de raios X. —

são alegres. A sala de espera, por exemplo (veja a ilustração), lembra um circo no seu forro de lonas gregas e acabamento de grega nos bandôs. Numa espécie de palco, no centro, forrado de grama sintética, palhaços e bichos "recheados" de molas e espuma: serão feitas para brincar e não apenas para olhar.

Nos consultórios com

piso de fórmica azul, a idéia é recriar climas campestres.

As paredes pintadas a óleo mostrarão paisagens, numa continuação de um painel de madeira recortada — casinhas, igrejinhas, árvores — bem junto à mesa de exame. O "play-ground" terá um castelo de alvenaria, onde só os pequenos entram.

Do projeto à inauguração: vinte a noventa dias.

Quando o contrato com o **Escritório Planejado** inclui execução e fiscalização — pode ser apenas do projeto ou projeto e fiscalização — os prazos para entrega variam de 20 a 90 dias. Tudo

depende não tanto do tamanho da obra, mas do tipo de decoração. Tudo o que é artesanal leva mais tempo. Por exemplo, no projeto de um hospital e pronto socorro infantil paulista (veja a

ilustração) os bichos "recheados" de molas, na sala de espera, precisam ser confeccionados. Paredes de lambrí, também não podem ser executadas em menos de noventa dias. Quanto aos preços, o arquiteto garante que, mesmo nos orçamentos mais apertados, é impossível calcular menos do que Cr\$ 1.500 o metro quadrado. O que quer dizer, mesmo sem objetos de época principalmente (1920 e 1930) que dão ao **Escritório Planejado** um clima acusado de "artístico", é impossível orçar por menos.





Cr\$ 93,00 a bata da Gledson. Jeans desde Cr\$ 80,00.

TENDÊNCIA

Linha chinesa, logo após o reveillon.

Por enquanto, apenas uma moda de grupos fechados — justamente aqueles que impulsionam a renovação do guarda-roupa —, a linha chinesa promete sucesso. A previsão é que sairá às ruas logo após o reveillon, como uma maneira “prática” e “divertida” sem ser espalhafatosa de mais. Mangas e corpo amplo, além de saia reta, são fundamentais. Na foto, um modelo da coleção primavera-verão 75, de Cardin.



Cr\$ 260,00 na Vigotex

Um assunto palpitante no meio lojista e de confecção
Da fábrica direto ao consumidor

Se aquelas fábricas que vendem a varejo representam às vezes, para o consumidor comum, a salvação num orçamento apertado, para os revendedores não passam de uma ameaça diagnosticada como concorrência desleal. Qualquer sintoma de esvaziamento das lojas que revendem artigos de confecções abertas também a varejo, com ou sem razão, é interpretado pelos lojistas, como decorrente daquela concorrência.

Entre uma das fábricas recentemente criticadas por lojistas, a Lanover (r. Conselheiro Nébias, 1661). Entretanto para responder aos ataques, alegou que os lojistas não estariam sendo prejudicados, uma vez que lança, sempre, duas coleções paralelas: uma para

do: pequenas manchas do brim, fios mais claros ou repuxados, o que, em última hipótese apenas valoriza as “jeans”, uma das especialidades da Gledson. A modelagem continua perfeita.

Nesta loja, uma jeans pode custar Cr\$ 80,00; um vestido longo de brim, que normalmente custa Cr\$ 280,00, pode sair por Cr\$ 180,00.

Há, permanentemente, uma seção de ofertas onde ótimas peças são colocadas à venda em sistema de rodízio, por preços muito baixos. Com um pouco de sorte, pode-se encontrar vestidos de algodão na linha ampla, com mangas chinesas, por Cr\$ 120,00, quando o seu preço normal é Cr\$ 200,00; ou camisas por Cr\$ 50,00. As vezes, as ofertas são em ritmo de supermercado: uma camiseta por



Cr\$ 145,00, na Lanover.

atacado e outra para varejo. A qualidade dos tecidos e da modelagem não sofre alteração de uma para outra coleção.

Jeans imperfeitos como manda a moda

A Gledson (r. Clodomiro Amazonas, 1320), especializada em moda jovem, mantém paralelo ao seu fornecimento para grandes magazines e butiques da Augusta, duas lojas de varejo. Uma na sobreloja de sua fábrica, acessível apenas aos amigos do dono que vende peças perfeitas — como as das lojas — pela metade do preço. Outra no andar térreo, aberta ao público, onde são vendidos por preços bastante reduzidos, peças com pequenos defeitos de tec-

Cr\$ 50,00, três por Cr\$ 100,00.

Vigotex, a primeira fábrica que começou a vender no varejo há cinco anos, acha que valeu a idéia; tanto, que, agora, na cidade de São Paulo, suas criações só podem ser encontradas no varejo de sua fábrica na Barra Funda. Atualmente, a Vigotex (r. James Holland, 655) só comercia suas peças com lojas de cidades do interior e de outros estados.

Exporta, também, há 3 anos. Apenas com as vendas no varejo, ela fatura de 35 a 40% de sua receita. Essa fábrica mantém preços mais altos do que as outras duas, e justifica com a qualidade da fibra empregada em quase todas as suas roupas: o visard (fibra de nylon).

ONDA
Verlon, por enquanto, só para crianças.



As sandálias de verlon colorido, a moda divertida que está enfeitando os pés das manequins francesas e inglesas, podem ser encontradas nas lojas de calçados da 25 de Março e adjacências e nas feiras-livres. Mas, por enquanto, só para crianças. Extremamente flexíveis, laváveis, custam Cr\$ 8,00 na feira coberta da av. Dr. Arnaldo, no Sumaré (3ªs., 5ªs. e sábados). As cores: rosa pudim e azul céu.

A moda que vem da Argentina

Para os garotos bem tratados, da Augusta e shoppings. Argentina quer dizer jeans e camisetas. Naturalmente, a “onda” nada tem a ver com os baixos preços, que justificaram a recente invasão de compradores de butiques paulistas àquele país. Aqui, jeans portenhas custam no mínimo Cr\$ 290,00 (sem etiquetas). Quanto às camisetas, aparentemente inferiores às nossas Hering, custam em média Cr\$ 30,00 (sem etiqueta). Os preços são do mini-shopping Iguatemi.

Nas praias Esther Williams, versão 75.



Ainda na batida e repisada onda da nostalgia, toucas para piscina e praia, de borracha, bem grudadas na cabeça. As cores, apesar de variadas, mantêm-se em discretos tons pastéis. Na foto, modelo à venda na Sears (av. Treze de Maio, 1947), por Cr\$ 99,00.

Outra dica para a praia: tamanquinhos tipo lavadeira, sola de madeira, da Cerello (al. Cleveland, 484), por Cr\$ 12,00, o par.



Conjunto de malha lurex marrom-dourado. A saia é importada e vale como sugestão. A blusa é fabricação da Chavon e está nas lojas por 300 cruzeiros. Meia de malha de lurex-dourado da Lelé da Cuca. Sapatos de tiras em lézard da Babouche que custa a partir de 750 cruzeiros. Bijuterias de strass da Bijoux Érica a partir de 120 cruzeiros.

Vestido de alça em jeans da Ellus custa nas lojas 350 cruzeiros. Sandália prata da Babouche, desde 750 cruzeiros. Bijuterias da Bijoux Érica, desde 120 cruzeiros.



Bustier de lurex da Chavon por Cr\$ 180,00. A saia é importada e vale por enquanto apenas como sugestão. Sandália de lezar da Babouche — Cr\$ 800,00 e bijuterias de strass da Erica.



Conjunto de jeans, calça e jaqueta na linha Mao, da Ellus com apliques de strass. Pode ser usado sobre collant de lurex. Vale 450 cruzeiros.

A moda faiscante dos velhos e novos tempos

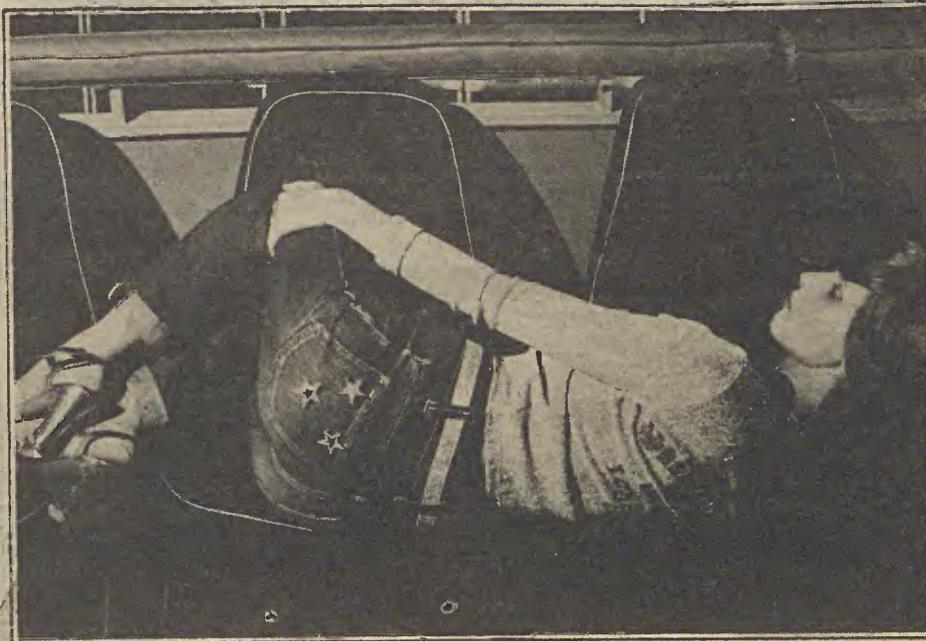
É moda faiscar em público, como as "stars" que marcaram época nos musicais de Hollywood ou nos áureos tempos da Atlântida. Principalmente no Rio, onde a timidez, ao contrário de São Paulo, não interfere na aceitação de "ondas" mais extravagantes.

coladas ao corpo, um fio importante e praticamente desconhecido — o lurex. Importado do Japão ou da França (mais macio e brilhante, segundo os entendidos), encarece os artigos que são confeccionados

aqui. Apesar disto é uma moda que por sua versatilidade — um "collant" de lurex valoriza até as calças de guerra, usadas o mês inteiro — se revela apenas aparentemente dispendiosa.

Certo é que a volta das roupas brilhantes é uma reação, uma tentativa de alegria, na moda triste e apagada de cores, das últimas estações. Por causa disso, desde a ponta do cabelo à ponta do pé, tudo deve brilhar: prendedores de cabelo, brincos, broches, pulseiras, aplicações, correntes, anéis de strass piscam mesmo à luz do dia. Estrelas e luas podem formar constelações nos bolsos da velha "cigarrete", nas jaquetas novas ou surradas, nos vestidos simples ou sofisticados. Sandálias de ouro e prata, das mais caras, confeccionadas em lezar, até as mais baratas, feitas de plástico, vestem os pés nus ou também escondidos em meias douradas e prateadas.

Na trama dos tecidos e malhas brilhantes, bem



Calça afunilada da Levi's — "collant" transparente da Chavon por Cr\$ 115,00. O cinto de prata da Chavon custa Cr\$ 70,00.

Onde encontrar os modelos das fotos

Ellus:

Tok's Modas Ltda. — Shopping Center Iguatemi. Lj. C-46.
Drugstore — Shopping Center Iguatemi. Lj L. Eldorado — r. Pamplona, 170.
Novidades Jean Daniel — R. do Arouche, 49.
Flash Back — r. João Cachoeira, 795.
Kerla's Boutique — r. Voluntários da Pátria, 2193.
Mig's — Shopping Center Iguatemi. Lj C 42.

Chavon:

Crazy Shirst — Al. Lorena, 1236.
Protus — av. Faria Lima, 1191, lj 3c.
Kitsch Bazar — Haddock Lobo, 1396.
Sissi — r. Cardoso de Almeida, 161.
Henriqueta — r. N.S. da Lapa, 257.
As bijuterias são da Bijoux Erica (r. Dr. Veiga Filho, 766) e as sandálias da Babouche (r. Oscar Freire, 566).

Como vencer a gordura sem acabar com o gordo

Gordura nem sempre é doença. Mas muita gente, por motivos estéticos, toma remédio contra a gordura, sem orientação médica. O resultado pode ser uma intoxicação,

uma diarreia, ou mesmo uma esquizofrenia. Mais seguro é consultar um endocrinologista e, se for o caso, seguir um tratamento adequado. Que pode ser uma psicoterapia.

Tomados sem critério, os remédios para emagrecer podem provocar intoxicação, diarreia, hipertireoidismo ou esquizofrenia. Melhor então é ficar gordo ou emagrecer cientificamente. Para escolher entre essas duas hipóteses, o gordo tem de levar isto em conta: a gordura só é doença quando desproporcional à estrutura — não à estatura — do indivíduo.

— Algumas pessoas — explica o dr. Hugo Ciporkin, diretor de uma clínica de metabologia em São Paulo — têm um relevante desenvolvimento músculo-esquelético. Podem ter peso acima do previsto na tabela, sem que por este motivo sejam obesas. Outras, cujo peso está dentro dos limites normais, são obesas porque sua estrutura é delicada e tecido adiposo está distribuído irregularmente pelo corpo.

Segundo o dr. Ciporkin a obesidade reduz a vitalidade e os poderes defensivos do organismo. Nesse sentido, todo obeso tem maior tendência ou facilidade de apresentar determinadas doenças e, ao mesmo tempo, menor resistência a elas, porque a gordura se distribui por todos os tecidos do corpo, criando um obstáculo progressivo à capacidade funcional dos diversos órgãos e alterando seu ritmo normal.

E as estatísticas confirmam que os obesos têm a vida reduzida em relação aos não obesos.

O gordo, um viciado em comida

O médico João Della Manna Neto, de São Paulo, especialista em endocrinologia, observa que oitenta por cento dos gordos que o procuram resolveriam seu caso se aprendessem a comer direito, ou seja, uma dieta rica em proteínas, vegetais e gorduras vegetais. Desses pacientes, entretanto, cerca de trinta por cento necessitam de um tratamento psiquiátrico de apoio, pois o hábito de comer tornou-se neurótico. É o caso dos que estão sempre começando regimes, mudando de médico, esperando uma solução milagrosa, mas nunca chegam ao fim de qualquer tratamento.

O condicionamento alimentar deve ser feito de forma rigorosa e com controle médico. A proliferação dos mais extravagantes sistemas de regime alimentar, contribuiu para aumentar a confusão nesse campo, já muito controvertido. Esses regimes, em sua maioria importados, não levam em conta os dados pessoais, psicológicos, neurológicos e fisiológicos de cada indivíduo, adverte o dr. Della Manna.

Muitos se submetem, indiscriminadamente, a dietas que não só emagrecem, como também debilitam o organismo, pois além de consumirem a gordura queimam proteínas, ou seja, destroem os músculos e se descalcificam os ossos. A alimentação pobre pode também provocar a infiltração de gorduras no fígado, comprometendo sua função.



Não existe uma alimentação uniforme para todos os pacientes, pois a obesidade é multicausal explica o dr. Ciporkin. Uma coisa é ser gordo, outra é estar gordo. A primeira é constitucional, a segunda é sintomática, acidental ou temporária. Isto vai determinar o tipo de gordura de cada indivíduo e, conseqüentemente, a dieta necessária para o seu caso.

A fome está na cabeça

O mecanismo de controle da fome está localizado no cérebro, mais precisamente, na parte conhecida como "hipotálamo". Existem duas funções distintas do hipotálamo, ligados ao sistema neurológico do organismo: uma acelera o apetite, enquanto a outra contém ou freia o processo da fome. Conta o dr. Hugo Ciporkin que, em experiências feitas em gatos, a destruição do componente acelerador levou à total apatia em relação aos alimentos e conseqüentemente ao emagrecimento exagerado, e facilmente à morte por inanição. Em outro gato foi destruído o sistema de contenção e o animal tornou-se um glutão, comendo desmesuradamente, tornando-se excessivamente obeso. O mesmo processo pode ocorrer

com as pessoas, vítima das por traumatismo craniano, tumores, ou sequelas de doenças do sistema neurológico.

Outro problema sério, enfrentado pelos médicos endocrinologistas, é o das moléstias glandulares, que concorrem para o acúmulo de gorduras no organismo, como os distúrbios ovarianos, tireoideanos, supra-renálicos e hipofisários. Cada qual tem um tratamento específico e exige um rigoroso controle médico, afirma o dr. João Della Manna Neto.

Erradamente, muitas pessoas tentam corrigir a obesidade com doses de hormônio tireoideano. Este hormônio age como regulador do processo de aproveitamento dos hidratos de carbono e gordura pelas células. Os médicos da Unidade de Metabolismo e Diabete de São Paulo advertem que o excesso desse elemento leva à intoxicação e gera no indivíduo nervosismo, diarreia, taquicardia e uma perda de peso doentia, originada no hipertireoidismo.

A incidência de problemas glandulares, é mínima, dizem os médicos: vária de consultório para consultório, em alguns compreende dez por cento dos pacientes, em outros apenas um por cento. O maior de todos os problemas do obeso é o psíquico. De nada adiantam balas, chicletes e outros produtos para diminuir o apetite. Esses produtos apenas modificam o sabor da papila — parte sensorial da língua — mas não resolvem o problema básico do paciente, que é o de compensar algumas frustrações ingerindo maior quantidade de alimentos, às vezes de má qualidade.

Na Unidade de Metabolismo e Diabete, entre mil pacientes obesos atendidos, sem problemas glandulares, a maioria tinha problemas afetivos e principalmente de ordem sexual. O mecanismo de controle da fome está intimamente ligado ao de satisfação sexual. É comum, portanto, a substituição do prazer sexual pelo apetite, criando uma espécie de compensação.

Os médicos afirmam que o uso de medicamentos — anoréxicos — para reduzir o apetite não resolve o problema, ao contrário: cria dependência, leva o indivíduo à depressão e ansiedade, podendo torná-lo um maniaco-depressivo. Aconselham, então, o tratamento psiquiátrico.

O dr. Hugo Ciporkin vem conseguindo êxito, na técnica de recondição alimentar pelo processo de recondição autogênica (auto-hipnose). Esse processo chamado de **relax-reflex** é inicialmente comandado pelo médico, depois por uma gravação em fita e finalmente pelo próprio paciente, que consegue, com isso, um condicionamento, um domínio do organismo.

No combate à obesidade, não há milagres, somente com o paciente devidamente motivado e aceitando as orientações de seu médico é possível obter êxito. Os regimes desregrados por excesso ou carência, só podem conduzir o indivíduo a maiores frustrações.

O filho que ficou mais famoso do que o pai.

Courvin

Quando Courvin nasceu, Kelson's tinha 24 anos. Lançado pela primeira vez no Brasil,

há 11 anos atrás, Courvin foi recebido com muito entusiasmo pelas indústrias de estofados e de automóveis. Ele chegava em boa hora para substituir o couro largamente usado por aquelas indústrias, oferecendo melhor preço, mais aproveitamento por metro quadrado e a grande resistência do PVC, material de que é feito o plástico expandido da Kelson's.

A partir daí, Courvin

acompanhou muito de perto a corrida da indústria brasileira. E sua fama começou a disparar. Em pouco tempo, Courvin passou a ser sinônimo de plástico expandido, assim

como, por exemplo, Brahma é sinônimo de cerveja.

Hoje, Courvin é uma dessas criações que se tornaram mais conhecidas do que o seu criador.

Kelson's acha tudo isso ótimo. Mas de uma coisa esse pai não abre mão: da legitimidade do seu filho famoso.

Afinal de contas, para que

Courvin ganhasse a fama que tem, ele sempre recebeu um tratamento muito especial. Recentemente, o Centro de Pesquisas da Kelson's

desenvolveu um sistema exclusivo de acabamento, o High Finishing Process, que deu a Courvin um toque ainda mais macio.

Um pai como Kelson's fica muito orgulhoso toda vez que alguém acaricia o seu filho e sente como ele é fofinho.



O pai da criança.

WALTER NEGRÃO

A Loura Misteriosa



– Você entendeu direito, Gina?
 – Hum, hum. Ponho o carro no estacionamento que fica atrás da sua casa.
 – Depois pula o muro e cái no meu quintal. Te espero às onze.
 – Ninguém vai ver?
 – Minha mulher está no Guarujá com as crianças.

– E os vizinhos?
 – Apago as luzes. Ninguém vai saber que estou em casa, com você.

– Tenho medo.
 – Bobinha.

O bobinho já saiu arfante. A mão procurou o joelho por baixo da toalha da mesa. O garçon trouxe a conta, atrapalhando. Jorge disfarçou. Gina ainda temia.

– Preferia um hotel.
 – Sou muito conhecido.
 – Arruma um apartamento, então.
 – Está querendo pular fora?

Não estava. Ela queria. Gostava. Homem casado sempre dá problema, mas Gina gostava. Jorge queria mais ainda. Uma loura como ela e por amor, sem ter que pagar como aquelas da Consolação, às pressas, no carro mesmo, era um presente. Valia o risco. Por isso resolveu arriscar. A esposa, já gorda, sempre com dores, correndo atrás de choro de crianças na madrugada, resolveu dar uma folga. Guarujá. Com os meninos. Sexta, sábado e domingo. Na sexta, Jorge bebeu muito, dormiu sozinho. No sábado, Gina precisou sair com o noivo. A última chance era agora. De domingo pra segunda. Jorge só rezava pra que a esposa não resolvesse voltar antes.

– Se chover na praia eu volto no domingo com as crianças.

Tinha se certificado. Ligou para a polícia rodoviária. Não chovia no litoral. Confiou telefonando para um hotel de Santos.

O tempo estava bom. Ela não ia voltar. Os meninos sempre querem aproveitar a praia até o último minuto. E dirigir à noite na serra, com neblina, não era coisa que a esposa fizesse. A não ser numa emergência. Não ia acontecer. Jorge estava confiante. Foi ao futebol. Não prestou atenção. Esqueceu de torcer pelo São Paulo. Nem viu o gol. Olhava o relógio. Tentava empurrar o ponteiro com os olhos. Domingo comido. Nada de anoitecer. Passou na casa do

cunhado. Só para prevenir. Visita naquela noite seria um desastre. Deu indireta. Ia aproveitar a ausência da família pra dormir cedo. Nove horas, no meio do Fantástico, antes dos gols da rodada, levantou e foi embora. Tinha todos os preparativos pela frente. Deixou o carro a duas quadras de casa. Caminhou sorrateiro e entrou sem acender luzes, sem ser visto. Verificou o gêlo. Desembrulhou o úsque nacional, arrancou o preço do supermercado. Abriu uma lata de patê de fígado e passou numas bolachinhas. Fêz tudo com a porta da geladeira aberta, uma réstea de luz vindo dela ajudando enxergar a cozinha. Foi pra sala. Precisava começar no sofá. Um uisquinho, as bolachinhas com patê. No escuro ficava mal. Puxou a cortina. Ia acender o abat-jour mas vacilou. Podiam ver luz lá de fora. Ajeitou melhor a cortina e acendeu. Saiu. Verificou. Um dos cantos mostrava uma fatia estreita de luz. Voltou pra dentro. Prendeu a beirada da cortina com um esparadrapo na parede. Saiu de novo. Agora era o outro lado, a luz vasando. Entrou na casa. Prendeu a outra beirada da cortina com outro esparadrapo. E saiu. Agora não se via nada. Deu a volta pelos fundos pra não ter que abrir a porta da frente. Entrou. E ouviu a campainha. Atende, não atende, resolveu atender. Era o vizinho. Maldito vizinho. Dez e meia já. Que hora inventou pra tocar a campainha! E estava armado.

– Desculpa, são Jorge, mas eu vi alguém rondando sua casa.
 – Imaginação sua.

– Eu vi, sim. Duas vezes. Parecia um homem. Foi até na rua depois entrou pelos fundos.

– Bobagem. Vai dormir. Guarda essa arma, pode disparar.

– De jeito nenhum. Vou ficar com o senhor até a polícia chegar.

– Polícia?!
 – É. Eu já chamei a polícia.

Teve vontade de matar o vizinho zeloso. Teve vontade de contar a verdade. Não dava mais tempo. Uma rádio-patrolha parou na frente da casa. E no dia seguinte, o jornal trazia a notícia: Loura misteriosa pulava o muro do estacionamento para assaltar residência no Jardim Paulista.

Jorge ainda tentou esconder o jornal da esposa e calar o vizinho. Mas ela tinha uma pergunta mais interessante pra fazer:

– Querido, pra que êsses esparadrapos na cortina?

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

O homem que queria vender os olhos

Silvio se aproximou do homem bem vestido, pasta na mão.

– Doutor, uma palavrinha.

O homem se desviou, como as pessoas costumam fazer em São Paulo, quando outra se aproxima. Medo de pedinte, de assalto, de ser importunado. As pessoas fogem umas das outras, receiosas, mesmo sem saber se quem se aproxima não vai pedir uma simples explicação.

Silvio esperou um pouco, estava acanhado, intimidado. Violentava-se para poder fazer aquilo. Viu um rapaz de boa aparência, terno e gravata, um distintivo azul na lapela. No meio do distintivo, uma cruz. Talvez se tratasse de um bom católico, um homem que tinha por obrigação atender seus semelhantes. Também o rapaz se desviou e Silvio compreendeu as bobagens que tinha aprendido na infância, nas aulas de catecismo. Coisas a respeito de amor ao próximo, e etc.

Um sujeito com ar truculento, mal encajado, parou. Silvio chegou. Vai ver a cara não mostra quem ele é. Mas a cara mostrava o que o homem era. Empurrou Silvio para o lado, prosseguiu. Tinha parado para tirar uma pedra do sapato.

Enfim, dois garotões, jeito de vinte anos, Silvio ofereceu:

– Vocês querem um olho?

– Um olho?

– Sim, um olho. um olho bom, que enxerga longe.

Comum, desses de depositar e tirar dinheiro. Desses onde a gente assina promissórias, paga juros, paga até talões de cheques. Tudo para eles movimentarem e ganharem dinheiro, com o dinheiro da gente. Silvio chegou-se a uma caixa.

– Quería saber sobre o negócio de olhos.

– Negócio de olhos?

– É, o banco que compra olhos.

– Olha, meu senhor, estou ocupada. Não vem com gozação, não. Que não tenho tempo.

E a caixa chamou o colega, o colega chamou o gerente. O gerente, excepcionalmente, era simpático, ouviu Silvio e explicou.

– O banco de olhos, meu amigo, é outra coisa. Não compra, não faz negócios. Só aceita doações. E retira os olhos, depois que a pessoa morre.

– Quer dizer, meu olho, eu vivo, não vale nada?

– Nada.

– Então, já sei qual a solução.

– O senhor não vai se matar?

– Eu me matar? Se estou querendo ficar cego de um olho para sobreviver, vou me matar! Que mentalidade, meu amigo.

– É que eu tive essa impressão.

– Esse banco empresta dinheiro?

– Empresta.

– Para mim?

– Desde que o senhor tenha saldo médio, fiador, alguma propriedade para garantir, um salário fixo.

– De fixo, só tenho as ameaças de morte dos meus credores.

– Então, nada feito. Passar bem.



– Que história é essa de olho, meu chapa? Não estamos entendendo!

– Estou vendendo meu olho.

– E quem compra um olho? Para que?

– Não sei. Ouvi falar que compravam olhos. Não tem ninguém meio cego na sua família? Os médicos fazem uma operação, trocam o meu olho por um do cego.

– E você quer vender um olho por que?

– Estou endividado.

– Você trabalha?

– Trabalho, mas tenho mulher e filhos. O dinheiro só dá, quando dá, para as despesas da casa. Daí, ouvi dizer que compravam olhos, é a única coisa que tenho, estou tentando vender.

– Não sei, não, meu chapa. Em casa, todo mundo enxerga bem. Mas você já procurou o banco de olhos?

– Não, o que é isso?

– É um banco de olhos, pô! Vai ver lá, eles te dizem.

– Onde é?

– Não sei. Se informa por aí.

E Silvio resolveu entrar num banco.

O tempo do gerente tinha se esgotado: tempo é dinheiro, principalmente para um bancário. Silvio teve uma idéia. No dia seguinte, estava diante da estação do Metrô, no largo de São Bento. Na frente de um cartaz que dizia: "Vendo uma de minhas vistas por 10 mil cruzeiros. Para poder pagar minhas dívidas que fiz quando era viciado em tóxicos. Pois sou casado, tenho um casal de filhos e estou ameaçado de morte pelos meus credores, caso não pague. Tenho 32 anos, sou motorista profissional, dirijo bem há oito anos. Se ninguém quiser comprar minha vista, que me dê um emprego".

Ficou ali. Horas. Nem lhe compravam o olho, nem lhe davam emprego. À tarde, um senhor se aproximou, Silvio ficou contente.

– Boa tarde. O senhor quer meu olho ou tem emprego para mim?

– Nem olho, nem emprego. O senhor está preso.

Os jornais deram: "Silvio, um ex-toxicomano, estava tentando vender os olhos para pagar suas dívidas, quando foi preso. Na delegacia, lhe deram explicações de como resolver seus problemas sem precisar expô-los na calçada. Quanto às ameaças de morte, o delegado aconselhou-o a dar queixa na delegacia mais próxima a sua residência".



O papel do Paraná neste Jornal.

O Pinus Elliotti é hoje uma árvore tão importante que sem ela não existiria papel de imprensa nem para publicar este anúncio. Produz a chamada celulose de fibras longas, matéria prima que anda em escassés no mundo inteiro.

No Paraná, a Companhia Reflorestamento Paraná está instalada com 100 mil hectares de terras e 70 milhões de Pinus Elliotti. E ao colocar isso no jornal, está convidando você para investir numa árvore onde o seu dinheiro cresce.

A Paraná conhece o terreno e garante que para seu dinheiro crescer, só precisa de um bom incentivo.



cia.reflorestamento paraná

Al. Carlos de Carvalho, 250 - s/loja 1
Tel. 22-5624 - Curitiba - PR
Rua 24 de Maio, 105 - 6º andar - cj. 64
Tels.: 37-0260 - 35-2544 - 37-2258 - 34-4571
33-7508 - 35-3086 - São Paulo - SP

Bureau



Jean Perrier

HORÓSCOPO

Os astros indicam, mas não obrigam.

Poderão circular notícias assustadoras, no período de 20 a 26 de novembro, devido à oposição Vênus-Júpiter. O clima de insegurança financeira vai piorar e um caso de espionagem poderá vir à tona. Graças ao trigono Sol-Saturno, é possível que ocorram descobertas na área de produtos naturais energéticos.

Carneiro (21 de março a 20 de abril)



Amor: Não tenha ilusões — grande paixão do momento será tão intensa quanto breve.
Pessoal: Sua Maneira de agir confundirá seus amigos.
Saúde: Você está bem. Portanto, é inútil

inventar dores.
Negócios: Os executivos e industriais, durante esta semana, podem fazer projetos a longo prazo e empatar seu dinheiro. Os astros também estão favorecendo os estudos e pesquisas. Números favoráveis: 7, 8, 10.

Touro (de 21 de abril a 20 de maio)



Amor: A harmonia de sua vida sentimental dependerá, durante esta semana, de seu próprio equilíbrio.
Pessoal: Evite um esquecimento que poderá ter más consequências.
Saúde: Boa. Mas pratique ginástica e

vigie sua circulação.
Negócios: Acontecimentos imprevistos poderão prejudicar suas finanças. Não assine documentos importantes e concentre-se no seu trabalho, pois seus superiores examinarão sua capacidade. Números favoráveis: 4, 6, 9.

Gêmeos (de 21 de maio a 21 de junho)



Amor: Muitas satisfações na vida sentimental. Mas evite a volubilidade.
Pessoal: Você pode perder dinheiro ou documentos por distração ou negligência. Cuidado.
Saúde: Viaje, mude de ambiente.

Negócios: Ótima semana para procurar dinheiro para um importante empreendimento. Se você é secretária, terá idéias muito originais para arquivar documentos. Coloque-as em prática. Números favoráveis: 3, 4, 5

Câncer (de 22 de junho a 22 de julho)



Amor: Nesta semana, você estará muito sedutor mais a nível intelectual que sensual.
Pessoal: Reserve tempo para ler e para fazer o que lhe interessa.

Saúde: Possível intoxicação. Tome muito cuidado com sua alimentação.
Negócios: Seus negócios poderiam melhorar se você tivesse outros sócios. Não acredite nas fofocas e não fale demais. Números favoráveis: 2, 7, 8.

Leão (de 23 de julho a 22 de agosto)



Amor: Se estiver procurando a "almagêmea", não recuse os convites que receber.
Pessoal: Não peça conselhos a ninguém, se não pretende segui-los.
Saúde: Ande diariamente, para melhorar

a circulação das pernas. Tome vitaminas.
Negócios: Semana financeira muito boa para resolver todos os negócios e problemas pendentes. Não deixe de agarrar uma excelente oportunidade profissional. Números favoráveis: 1, 5, 11.

Virgem (de 23 de agosto a 22 de setembro)



Amor: Relações mais satisfatórias a nível de amizade que a nível de paixão. Paciência.
Pessoal: Evite tudo que possa ser mal visto, principalmente a mentira.

Saúde: Vista cansada. Pratique uma ginástica ocular.
Negócios: Boas notícias. Você terá muitas idéias e elas poderão ser comercializadas. Seu trabalho será bem sucedido. Números favoráveis: 3, 6, 8.

Balança (de 23 de setembro a 22 de outubro)



Amor: Muita sensualidade. Com Vênus no seu signo, você não conseguirá resistir aos encantos de uma pessoa do sexo oposto.
Pessoal: Organize sua correspondência. Certamente você esqueceu de

responder alguma carta.
Saúde: Vigie o fígado, a vesícula e a pressão.
Negócios: cuidado durante uma reunião de diretoria você pode perder algum prestígio. Você não prima pela pontualidade, mas mantenha a calma se seus superiores perceberem. Números favoráveis: 5, 9, 13.

Escorpião (de 24 de outubro a 21 de novembro)



Amor: Não se deixe seduzir facilmente por uma pessoa que não corresponderia às suas expectativas.
Pessoal: pense bem. Não faça promessas que não poderia cumprir.

Saúde: observe rigorosamente a dieta indicada por seu médico.
Negócios: perto de você há um elemento muito capaz: não o deixe partir. Você perderia muito. E não mude de emprego, mesmo se estiver em dificuldades no atual. Números favoráveis: 7, 10, 12.

Sagitário (de 22 de novembro a 21 de dezembro)



Amor: Com Vênus, você conhecerá uma nova paixão.
Pessoal: Não se preocupe tanto com a naturalidade dos outros. Aja com mais naturalidade.

Saúde: Suas indisposições têm origem nervosa.
Negócios: Toda e qualquer transação financeira ou imobiliária pode lhe trazer muito dinheiro. Facilite seu trabalho, estreitando os laços de amizade com os colegas. Números favoráveis: 4, 5, 8.

Capricórnio (de 22 de dezembro a 20 de janeiro)



Amor: Período de oportunidades frustradas. Você não encontrará o grande amor de sua vida.
Pessoal: Seus projetos serão conturbados. Apesar disso, é bom filosofar um pouco.

Saúde: Podem ocorrer reumatismos agudos. Seja prudente.
Negócios: Cuidado: esta semana os amigos vão aconselhar muito mal em matéria de investimentos. Você também não terá tato suficiente para impor suas idéias. Números favoráveis: 9, 11, 15.

Aquário (21 de janeiro a 18 de fevereiro)



Amor: Por que negar que suas disposições sexuais são ardentes, quando isto lhe agrada?
Pessoal: Você é um pouco excêntrico e isto pode levá-lo a mudar tudo em sua casa

Saúde: Boa. Mas cuidado com os prazeres da mesa.
Negócios: É a semana da audácia. A ousadia pode levá-lo a excelentes contatos com pessoas muito importantes. Assuma riscos. Números favoráveis: 8, 10, 13.

Peixes (de 19 de fevereiro a 20 de março)



Amor: Muito cuidado com as uniões clandestinas. Elas só podem acabar mal.
Pessoal: Consulte sua agenda. Você não pode esquecer um aniversário ou uma festa.

Saúde: Está melhorando.
Negócios: As decisões importantes devem ser tomadas por você mesmo: alguém procura enganá-lo. Durante esta semana você pode encontrar o caminho para assinar um bom contrato. Números favoráveis: 6, 7, 9.

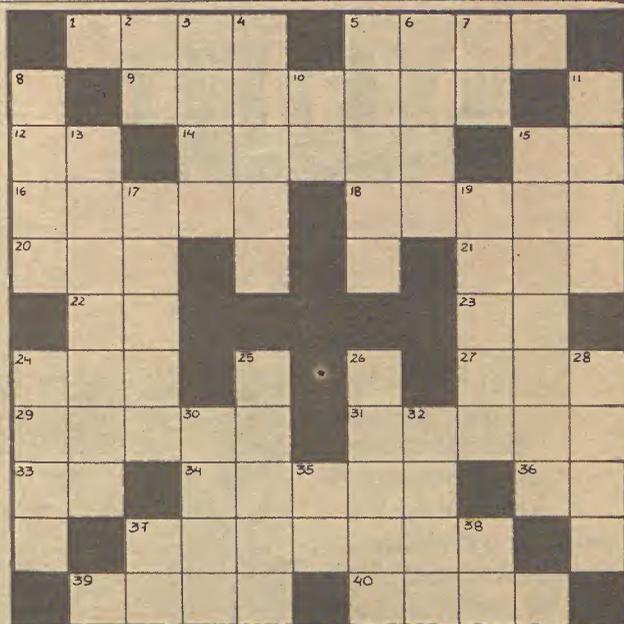
LOTERIA ESPORTIVA: UM PALPITE ASTRAL

Jogo 1: colunas 1 e 2. Jogo 2: coluna 2. Jogo 3: coluna do meio. Jogo 4: coluna 2. Jogo 5: coluna 2. Jogo 6: coluna 2. Jogo 7: coluna 2. Jogo 8: coluna 1. Jogo 9: coluna do meio. Jogo 10: coluna 1. Jogo 11: coluna 2. Jogo 12: coluna do meio. Jogo 13: coluna 1. O palpito pode ser completado com duplos e triplos.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

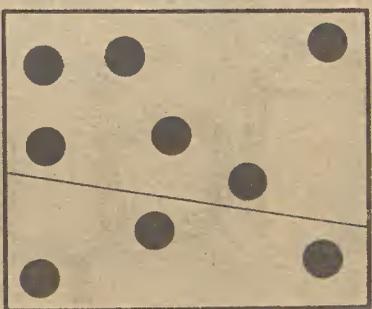
- 1 - Mulher imaginária, com poderes de produzir encantamentos.
 - 5 - Pequeno casaco, ou blusa, largo e solto.
 - 9 - Rebelião.
 - 12 - Antes de cristo.
 - 14 - Dar, entregar.
 - 15 - Antigo Testamento.
 - 16 - Definitivo, pleno.
 - 18 - Instrumento agrícola, de lâmina curva, para ceifar.
 - 20 - Ítmo.
 - 21 - República Árabe Unida.
 - 22 - Sigla de Alagoas.
 - 23 - Símbolo do érbio.
 - 24 - Prato típico da culinária baiana.
 - 27 - Dignitário etíope.
 - 29 - Mentira, balela.
 - 31 - Terreno alagadiço, pantanoso.
 - 33 - Símbolo do ouro.
 - 34 - Rápido, fugaz.
 - 36 - Partícula que indica lugar.
 - 37 - Angustiar, afligir.
 - 39 - Aro, elo.
 - 40 - Líquido gorduroso, comestível.
- #### Verticais:
- 2 - Jeito, aparência (fig)
 - 3 - Prefixo grego: dez.
 - 4 - Fruto da aveleira.
 - 5 - Engano, artimanha usada principalmente no jogo de pôquer.
 - 6 - Escuro, tenebroso.
 - 7 - Chega, basta!
 - 8 - O nome da Lua, na língua tupi.
 - 10 - Luz que emana da ponta dos dedos.
 - 11 - Sem crença, sem religião.
 - 13 - Pedras preciosas de duas cores, sobrepostas, com uma figura em relevo.
 - 15 - Iguaria baiana: bolinho de feijão com molho de camarões.
 - 17 - Aparência ou sinal de velhice.
 - 19 - Ave também chamada apai.
 - 24 - Prender com elos.
 - 25 - Gabolice, vantagem. (pop.)
 - 26 - Evidente, explícito.
 - 28 - Adição.
 - 30 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
 - 32 - Existente, verdadeiro.
 - 35 - Escola Naval.
 - 37 - Agência Nacional.
 - 38 Criminosa, acusada.



Jogo 1

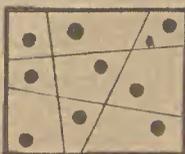
Na horizontal e na vertical a soma de cada coluna é 35. Complete os números que faltam.

2					35
8	12				35
	7		9		35
		3	15		35
35	35	35	35		

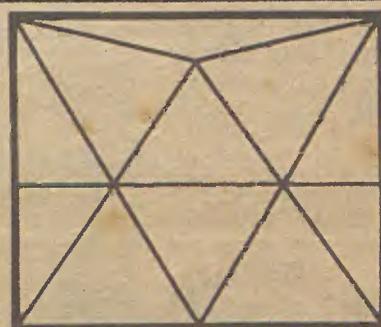


Jogo 2

Separe todos os pontos, traçando 3 linhas retas.

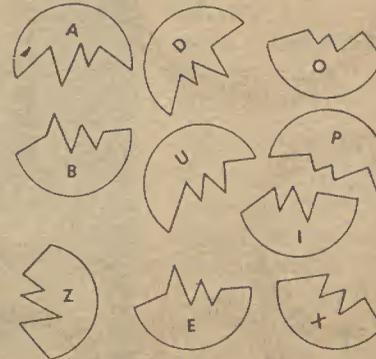


Jogo 2



Jogo 3

Quantos triângulos há neste quadrângulo?



Jogo 4

Forme 5 círculos juntando duas partes para cada um. Cada círculo deverá conter uma vogal e uma consoante.

SOLUÇÕES

Jogo 4
resposta: A com Z B com E D com I U com X O com P

Jogo 3
resposta: 19

Jogo 1
resposta: 2-14-15-4/8-12-10/ 5/ 12-7-6-4/ 13-2-3-16

Horizontais: FADA - BATA - REVOLTA - AC - CEDEF - AT - CABAL - FOICE - IMO - RAU - AL - ER - EFO - RAS - LÉPIA - BRE - JO - AU - BREVE - EM - AGONIA - ANEL - OLEO.
Verticais: AR - DECA - AVELA - BLEFE - ATRO - TA - JACI - OD - ATEU - CAMA - FEU - ACARAJÉ - BOLOR - IRERE - ELAR - FAROL - OBVIO - SOMA - IBGE - REAL - EN - AN - RE.

CRUZADAS



Itala Nandi, a pioneira da nudez nos palcos:

AQUI

SÃO PAULO

NOSSO CINEMA NÃO É PORNÔ NEM CHANCHADA

“... E a dignidade das pessoas? Foi pro brejo.”

(Abílio Pereira de Almeida, sobre a nudez e o erotismo no teatro brasileiro).

“O Abílio é muito inteligente, mas meio passé. O que foi pro brejo foi a cultura brasileira. E, se os atores perderam a dignidade, é porque a cultura perdeu”.

(Itala Nandi).

Itala ficou nua no palco - na montagem de “A Selva das Cidades”, seu último trabalho

com o grupo Oficina - muito antes da nudez invadir os palcos

brasileiros. Hoje ela vê com ceticismo os termos moral e dignidade:

“O que é dignidade, se existe fome?”

Em arte não podemos usar palavras moralistas. O Abílio

fala porque provavelmente essas palavras têm algum sentido para ele. Para mim,

não têm nenhum. Ou estão muito mais ligadas à necessidade

de liberdade de expressão do que a tirar ou não tirar a roupa”.

Para Itala Nandi, tirar a roupa num palco não é um simples ato mecânico, um gesto erótico:

“Nosso trabalho na “Selva” estava num contexto muito profundo.

Foi das coisas más



importantes que já se fizeram em teatro: era o Peter Brooks, o Grotowski com suas experiências, e nós fazendo “A Selva”.

O nu era necessário para expressar uma idéia e, portanto, nunca se pensou se era ou não era digno. Era necessário,

e pronto. É isso, em função de uma idéia, eu até fico nua.”

Itala cita até Fellini para defender a nudez não erótica:

“E aquela gorda do Amarcord, que tira o peito para fora?

Isolada, se fôssemos julgar assim, a cena não poderia ser mais indigna. No

entanto, quando Fellini a pôs lá, tinha uma finalidade - e aquilo

ganhou um significado importante”.

Itala não aceita a classificação de pornô para as atuais chanchadas brasileiras -

que, segundo ela, não passam de água com açúcar perto dos verdadeiros

filmes pornográficos europeus e norte-americanos:

“Então, nem é pornô nem é chanchada. Acabamos de ver como era a Atlântida.

O que se faz hoje pode ser, no máximo, meio-pornô, meio-chanchada”.

(Texto de Marta Góes).



Tirar ou não tirar a roupa? Abílio Pereira de Almeida é contra, diz que “a dignidade das pessoas foi pro brejo”, enquanto

Itala Nandi, a artista, afirma que

“a cultura brasileira é que foi pro brejo”.

Itala defende a liberdade, revelando que uma cena não deve ser analisada

isoladamente, mas dentro de um contexto.

